



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIANA SPAGNOLO MARTINS

**O CAMPO SEMÂNTICO “VIDA URBANA” NOS DADOS DAS
CAPITAIS DO PROJETO ALiB E A PROPOSTA DE
NASCENTES**

MARIANA SPAGNOLO MARTINS

**O CAMPO SEMÂNTICO “VIDA URBANA” NOS DADOS DAS
CAPITAIS DO PROJETO ALIB E A PROPOSTA DE
NASCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M386c Martins, Mariana Spagnolo.
O campo semântico "vida urbana" nos dados das capitais do projeto ALiB e a proposta de Nascentes / Mariana Spagnolo Martins. - Londrina, 2019.
126 f. : il.

Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Tese. 2. Língua portuguesa - Variação - Brasil - Tese. 3. Dialetoлогия pluridimensional - Tese. 4. Vida urbana - Tese. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

MARIANA SPAGNOLO MARTINS

**O CAMPO SEMÂNTICO “VIDA URBANA” NOS DADOS DAS
CAPITAIS DO PROJETO ALiB E A PROPOSTA DE NASCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade
Aguilera
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Valter Pereira Romano
Universidade Federal de Lavras – UFLA

Prof.^a Dr.^a Loremi Loregian-Penkal
Universidade Estadual do Centro-Oeste –
UNICENTRO

Londrina, 23 de abril de 2019.

Dedico este trabalho aos futuros leitores.

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma pesquisa acadêmica é um trabalho conjunto, uma troca gradativa de experiências entre os mestres e a autora. Sou grata aos professores que contribuíram com o processo de escrita deste estudo, em especial à minha orientadora, Vanderci de Andrade Aguilera, e aos professores doutores da banca avaliadora de qualificação e defesa, Fabiane Cristina Altino, Valter Pereira Romano e Loremi Loregeian-Penkal.

À Vanderci sou grata por toda a paciência e, principalmente, pelos ensinamentos que ultrapassam os muros da universidade. Admiro sua perseverança, sua humildade e seu conhecimento e a tenho como um modelo de ser humano e de professora. Muito obrigada!

À Fabiane sou grata por toda a atenção e disponibilidade em ajudar e instruir. Obrigada pela leitura atenta ao meu trabalho e por todas as dicas que contribuíram com a melhoria do texto. Admiro a sua gentileza, sua atenção e sua inteligência.

Ao Valter agradeço pelos direcionamentos técnicos de construção de quadros e melhor visualização dos dados, bem como todo o compartilhamento de ideias e de dicas ao longo da pesquisa. Sua sede por conhecimento e um olhar inovador são de grande inspiração.

À Loremi Loregeian-Penkal sou grata pelos conselhos e pelas observações feitas no dia da banca de defesa, obrigada pela leitura atenta ao meu estudo.

Agradeço aos amigos, aos colegas e aos professores da pós-graduação. Agradeço ao PPGEL, ao Projeto ALiB e à CAPES, pelo auxílio financeiro que, pela bolsa de mestrado, fomentou minha pesquisa.

Obrigada!

Acerca da linguagem já se disse, na verdade, quase tudo o que deveria ser dito. Mas também foram ditas e continuam a ser ditas muitas coisas – muitíssimas.

(COSERIU, 1987, p. 17)

MARTINS, Mariana Spagnolo. **O campo semântico “vida urbana” nos dados das capitais do projeto ALiB e a proposta de Nascentes**. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns aspectos lexicais encontrados no português brasileiro, com base no *corpus* elaborado sobre o campo semântico *Vida Urbana*, a partir dos dados das 25 capitais constantes na rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Para a análise foram selecionadas quatro questões do Questionário Semântico-lexical (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001): 195. *Lombada/Quebra-molas*, 196. *Calçada*, 197. *Meio-fio* e 198. *Rotatória/Rótula*. Os dados foram analisados de acordo com o pressuposto teórico da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998). Em conformidade com as vertentes mencionadas, pretendemos: (i) verificar a distribuição diatópica das variantes; (ii) observar a influência das variáveis sociais, principalmente sobre as dimensões diatópica, diassexual, diageracional e diastrática; (iii) comparar os dados coletados nas capitais com a divisão dialetal do Brasil (NASCENTES, 1953). Ao todo o *corpus* constitui-se de 939 registros para os quatro itens em análise. Inicialmente, fizemos a descrição dos dados levando em conta as variáveis extralinguísticas definidas com base na metodologia do Projeto ALiB, ou seja, homens e mulheres de duas faixas etárias distintas (18-35 e 50-65) com níveis de ensino divididos entre informantes de nível Superior e Fundamental; cada capital contém oito inquéritos, portanto analisamos as entrevistas de duzentos informantes. A análise gerou quatro cartas linguísticas experimentais com dados das capitais e oito cartas linguísticas experimentais com dados da divisão dos falares do Norte e Sul.

Palavras-chave: Dialetologia Pluridimensional. Vida Urbana. Projeto ALiB.

MARTINS, Mariana Spagnolo. **The semantic field “urban life” in the capitals data of the ALiB project and the Nascentes proposal.** 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

This master thesis aims to present some lexical aspects found in Brazilian Portuguese, based on the corpus elaborated on the semantic field Vida Urbana from data of the 25 capitals included in the points network of the Brazilian Linguistic Atlas Project (ALiB). For the analysis, four questions were selected from the Semantic-Lexical Questionnaire (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001): 195. Lombada/Quebra-molas (speed bump), 196. Calçada (sidewalk), 197. Meio-fio (curb) and 198. Rotatória/Rótula (traffic circle). The data were analyzed according to the theoretical assumption of Pluridimensional Dialectology (THUN, 1998). In accordance with the aforementioned aspects, we intend to: (i) verify the diatopic distribution of the variants; (ii) observe the influence of social variables, mainly on the diatopic, diasexual, diagerational and diastratic dimensions; (iii) compare the data collected in the capitals with the dialectal division of Brazil (NASCENTES, 1953). Altogether, the corpus consists of 939 records for the four items under analysis. Initially, we described the data taking into account the extralinguistic variables defined based on the methodology of the ALiB Project, that is, men and women of two different age range (18-35 and 50-65) with levels of education divided between informants from Higher and Elementary level; each capital contains eight surveys, so we analyzed the interviews of two hundred informants. The analysis resulted in four experimental language charters with data from the capitals and eight experimental language charters with data from the North and South speech division.

Keywords: Pluridimensional Dialectology. Urban Life. ALiB Project.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Proposta da Divisão Dialetal de Nascentes (1953), adaptada por Kika Milani.....	37
Figura 2 – Imagem de quebra-molas ou lombada.....	39
Figura 3 – Carta experimental I – Falares do Norte (Questão 195 do QSL)	48
Figura 4 – Carta experimental II – Falares do Sul (Questão 195 do QSL).....	50
Figura 5 – Imagem de calçada.....	57
Figura 6 – Carta experimental III – Falares do Norte (Questão 196 do QSL).....	65
Figura 7 – Carta experimental IV – Falares do Sul (Questão 196 do QSL)	68
Figura 8 – Elementos do meio-fio	74
Figura 9 – Carta experimental V– Falares do Norte (Questão 197 do QSL).	82
Figura 10 – Carta experimental VI – Falares do Sul (Questão 197 do QSL)	85
Figura 11 – Dispositivos da rotatória.....	88
Figura 12 – Carta experimental VII - Falares do Norte (Questão 198 do QSL)	98
Figura 13 – Carta experimental VIII – Falares do Sul (Questão 198 do QSL).....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Variantes de acordo com a dimensão diastrática (Questão 195).....	52
Gráfico 2 – Variantes de acordo com a dimensão diassexual (Questão 195)	54
Gráfico 3 – Variantes de acordo com a dimensão diageracional (Questão 195).....	56
Gráfico 4 – Variantes de acordo com a dimensão diastrática (Questão 196).....	69
Gráfico 5 – Variantes de acordo com a dimensão diassexual (Questão 196)	71
Gráfico 6 – Variantes de acordo com a dimensão diageracional (Questão 196).....	72
Gráfico 7 – Variantes de acordo com a dimensão diastrática (Questão 197).....	84
Gráfico 8 – Variantes de acordo com a dimensão diassexual (Questão 197)	85
Gráfico 9 – Variantes de acordo com a dimensão diageracional (Questão 197).....	87
Gráfico 10 – Variantes de acordo com a dimensão diastrática (Questão 198).....	106
Gráfico 11 – Variantes de acordo com a dimensão diassexual (Questão 198).....	108
Gráfico 12 – Variantes de acordo com a dimensão diageracional (Questão 198).....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Variantes dicionarizadas (Questão 195)	42
Quadro 2 – Variantes da pergunta 195 por produtividade.	44
Quadro 3 – Variantes dicionarizadas (Questão 196).	59
Quadro 4 – Variantes da pergunta 196 por produtividade.....	61
Quadro 5 – Variantes dicionarizadas (Questão 197).	76
Quadro 6 – Variantes da pergunta 197 por produtividade.	78
Quadro 7 – Variantes dicionarizadas (Questão 198).	91
Quadro 8 – Variantes da pergunta 198 por produtividade.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALEAL	Atlas Linguístico do Estado de Alagoas
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALTTI	Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico
CDT	Centro de Desenvolvimento Tecnológico
CONTRAN	Conselho Nacional de Trânsito
DETRAN	Departamento de Trânsito
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura e Transporte
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INF	Informante
INQ	Inquiridor
LASTRAN	Laboratório de Ciências de Transporte
MG	Minas Gerais
MT	Mato Grosso
MS	Mato Grosso do Sul
NS	Não soube
NO	Não obtido
NL	Não lembrou
PR	Paraná
RS	Rio Grande do Sul
[SGVCLin]	Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas versão 1.1
SC	Santa Catarina
QSL	Questionário semântico-lexical
Q – 195	Questão 195. Lombada/quebra-molas
Q – 196	Questão 196. Calçada/passeio
Q – 197	Questão 197. Meio-fio
Q – 198	Questão 198. Rótula/rotatória
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 LÍNGUA E SOCIEDADE: CONCEITUANDO A LÍNGUA COMO FATO EXTERIOR AOS INDIVÍDUOS.....	19
2.1.1 Relação da Dialetologia com o Estudo do Léxico	23
2.2 COMPREENSÃO DO LÉXICO.....	29
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	33
3.1 SELEÇÃO DAS LOCALIDADES	33
3.1.1 Perfil dos Informantes.....	33
3.1.2 Constituição do Corpus... ..	34
3.1.3 Coleta, Registro e Tratamento dos Dados	34
3.1.4 Organização da Descrição e Análise dos Dados.....	35
3.1.5 Explicando a Elaboração das Cartas dos Falares N e S (NASCENTES, 1953)....	36
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	39
4.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE QUEBRA-MOLAS.....	39
4.1.1 Analisando os Falares do Norte (Q- 195).....	47
4.1.2 Analisando os Falares do Sul (Q – 195).....	51
4.1.3 Dimensão Diastrática – Questão 195 (QSL).....	52
4.1.4 Dimensão Diassexual – Questão 195 (QSL).....	54
4.1.5 Dimensão Diageracional – Questão 195 (QSL).....	55
4.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CALÇADA.....	57
4.2.1 Questão 196 – Calçada.....	60
4.2.2 Analisando os Falares do Norte (Q- 196).....	64
4.2.3 Analisando os Falares do Sul (Q- 196).....	66
4.2.4 Dimensão Diastrática – Questão – 196 (QSL).....	69
4.2.5 Dimensão Diassexual – Questão – 196 (QSL).....	70
4.2.6 Dimensão Diageracional – Questão – 196 (QSL).....	72
4.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE MEIO-FIO.....	73
4.3.1 Questão 197- Meio-Fio.....	77

4.3.2 Analisando os Falares do Norte (Q- 197).....	81
4.3.3 Analisando os Falares do Sul (Q- 197).....	84
4.3.4 Dimensão Diastrática – Questão 197 (QSL).....	87
4.3.5 Dimensão Diassexual – Questão 197 (QSL).....	89
4.3.6 Dimensão Diageracional – Questão 197 (QSL).....	90
4.4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE ROTATÓRIA.....	91
4.4.1 Questão 198 – Rótula/Rotatória.....	93
4.4.2 Analisando os Falares do Norte (Q- 198).....	97
4.4.3 Analisando os Falares do Sul (Q- 198).....	101
4.4.4 Dimensão Diastrática – Questão 198 (QSL).....	106
4.4.5 Dimensão Diassexual – Questão 198 (QSL).....	107
4.4.6 Dimensão Diageracional – Questão 198 (QSL).....	109
5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	112
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXOS.....	120
ANEXO A – Declaração do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.....	121
ANEXO B – Variantes registradas nas Capitais (Questão 198 – QSL/ALiB).....	122
ANEXO C – Variantes registradas nas Capitais (Questão 197– QSL/ALiB).....	123
ANEXO D – Variantes registradas nas Capitais (Questão 195– QSL/ALiB).....	124
ANEXO E – Variantes registradas nas Capitais (Questão 196– QSL/ALiB).....	125
ANEXO F – Dimensão diassexual - Capitais (Questão 198– QSL/ALiB).....	126

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu com o contato que a autora deste estudo teve, em 2012, como bolsista da Fundação Araucária, no Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, ainda quando cursava a graduação em Letras Vernáculas e Clássicas na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

As atividades realizadas como participante de iniciação científica, da regional Paraná, consistiam em transcrever e revisar as entrevistas feitas pela equipe paranaense e demais regionais e explorar algum aspecto dos dados coletados para o ALiB. Neste primeiro contato, passamos a conhecer os fundamentos da Variação Linguística, Fonética e Fonologia, Dialetoлогия e Sociolinguística.

O grupo de pesquisa da regional Paraná, coordenado pela Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera e a Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino, organizava reuniões mensais com os orientandos da graduação, mestrado e doutorado, bem como com outros discentes da UEL. Nesses encontros, os bolsistas e colaboradores discutiam artigos científicos da área, publicados nos *Documentos* do Projeto ALiB e em outras obras de Dialetoлогия e Sociolinguística. Nessas reuniões, éramos orientados sobre como realizar uma boa apresentação, desde a montagem dos slides, a maneira de nos portarmos, incentivando, assim, que participássemos de congressos acadêmicos, tanto locais quanto regionais. Era a oportunidade para termos contato com obras básicas, como *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 1920); com textos sobre a Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 2005), o início da Sociolinguística (LABOV, 2008), bem como as divisões dialetais do Brasil (NASCENTES, 1953).

As professoras direcionavam a equipe a ter autonomia e a produzir suas próprias pesquisas. Acreditamos que tudo isso contribuiu para a Regional Paraná do Projeto ALiB revelar novos pesquisadores da área da Dialetoлогия, Sociolinguística, Lexicologia e Geolinguística.

O maior incentivo para a realização desta dissertação foi o nosso contato com o Projeto ALiB, Projeto este que além de proporcionar experiências acadêmicas (participações em congressos, participações em coleta de dados, publicação de artigos, etc), incentivava pesquisadores brasileiros a contribuir com o trabalho de Dialetologos e Geolinguistas para a descrição e análise da variação linguística, colaborando, sobretudo, com os prognósticos que Nascentes (1953) fez sobre a divisão dialetal.

Nascentes, em 1953, apresentou uma proposta, com base nos fenômenos fonéticos da língua, dividindo nosso país em seis subfalares: amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro e sulista que integravam dois grandes grupos de falares: o do Norte e o do Sul, além de uma área denominada como Território Incaracterístico¹.

A extensão do território brasileiro justificaria o que Nascentes (1953, p. 18) propôs em 1953, ao sugerir que os dialetos brasileiros fossem divididos em subfalares, pois “a enorme extensão territorial sem fáceis comunicações interiores quebrou a unidade do falar, fragmentando-o em subfalares”.

Nascentes (1953, p. 19) considera que “os paulistas foram os grandes desbravadores do país”, contribuindo com a formação de outros estados (GO, MG, MS, MT, PR, SC, RS), das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. No Norte e Nordeste, a civilização pernambucana foi a que mais se difundiu, povoando os demais estados, como a Paraíba, o Rio Grande do Norte, o Ceará, chegando ao Acre e Alagoas; a colonização do Maranhão, em grande parte, se deu pelos rios amazônicos.

Em síntese, Nascentes (1953, p. 20) já distinguia as Regiões Norte e Nordeste das do Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Nas palavras do autor, a diferença da fala nortista e sulista é muito perceptível por meio do sotaque, ele afirma que: “é palpável a diferença entre a fala cantada do nortista e a fala descansada do sulista”. “Além das diferenças lexicais que, de tão grandes, podem ser comparadas com a literatura do pernambucano Alfredo Rangel e do paulistano Monteiro Lobato”.

Ciente da diversidade linguística do Brasil em aspectos prosódicos, lexicais, fonéticos e afins; Nascentes propõe a divisão dialetal brasileira, após algumas tentativas feitas, nesse sentido, por Júlio Ribeiro (1891), Rodolfo Garcia (1913), João Ribeiro (1914) e Maximino Maciel (1950). Embasado nos experimentos desses autores, cujas propostas não foram aceitas, Nascentes define a divisão dos dialetos brasileiros em dois grandes grupos: do Norte e o do Sul.

O autor defende esta proposta afirmando que:

O que caracteriza estes dois grupos é a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*. Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos (NASCENTES, 1953, p. 25).

¹ Nomenclatura atualizada para *área multivarietal* (CUBA, 2015).

Nascentes estava consciente da mudança que a língua sofre e de como isso poderia afetar a divisão dialetal que propôs em 1953. Desta forma, o autor afirma, no prefácio da primeira edição de *O Linguajar Carioca* (1953), que é necessário ter paciência, pois,

Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estudo da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822 (NASCENTES, 1953).

O tema da divisão dialetal é o assunto que mais nos chamou a atenção. Desta forma, ao realizar esta dissertação, buscamos contribuir com os estudos que trabalham com a proposta de Nascentes, principalmente aqueles que utilizam o léxico para explicar a divisão dialetal, como as pesquisas de Yida (2011), Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015), Cuba (2015) e Doiron (2016).

Tais pesquisas reinterpretem a proposta de Nascentes com base no léxico, mesmo que essa tarefa não seja considerada fácil, como afirma Ribeiro (2012): “Observa-se que traçar áreas dialetais com base no léxico não é tarefa fácil e a muitos pode fazer crer que não é possível empreender tal intento” (p. 35).

Desta forma, este estudo justifica-se pelo nosso desejo em dar continuidade às pesquisas que reinterpretem a teoria de Nascentes (1953) com base no banco de dados do Projeto ALiB, mais especificamente com os dados lexicais do campo semântico “Vida Urbana” do QSL (Questionário semântico-lexical) – ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, 2001) – que constitui o *corpus* de pesquisa com quatro itens lexicais: 195. *Lombada e quebra-molas*; 196. *Calçada e passeio*; 197. *Meio-fio* e 198. *Rótula e rotatória*.

Assim, esta dissertação está embasada nos princípios da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 2005), isto é, buscamos compreender os dados em seus aspectos sociais, geográficos e dialetais, bem como os elementos extralinguísticos que podem exercer influência sobre a distribuição de uma ou de outra variante.

Ao lado da base teórica, elaboramos os objetivos deste trabalho. Nosso objetivo geral, em princípio, estava fundamentado no terceiro objetivo do Projeto ALiB:

Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil tornando evidentes as diferenças regionais através dos resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 7).

Como trabalhamos apenas com dados das capitais brasileiras, cremos não ser possível traçar isoglossas visto que para isso seria necessário utilizar dados do interior de cada região. No entanto, acreditamos que esses dados podem fornecer pistas, indicar caminhos que mostrem as tendências de concentração de certas variantes em determinadas áreas ou de sua dispersão para áreas mais distantes das capitais. Assim, nos propomos a analisar as designações para os quatro itens lexicais do QSL: 195. *Lombada/quebra-molas*, 196. *Calçada/passeio*, 197. *Meio-fio* e 198. *Rótula/rotatória*, por meio da cartografia dos dados com o objetivo geral de observar as diferenças e semelhanças lexicais de cada região, no que tange à divisão dialetal.

No que concerne aos objetivos específicos, propomos:

- i) apresentar, em cartas linguísticas, elaboradas por meio do Software SGVCLin, as variantes lexicais de cada um dos quatro itens em estudo coletadas nas 25 capitais brasileiras;
- ii) verificar, em obras lexicográficas (AULETE, 1958; FERREIRA, 1986; HOUAISS, 2009), a inserção ou ausência das variantes coletadas pelo ALiB;
- iii) comparar os resultados obtidos na pesquisa com a proposta de Nascentes (1953) em relação aos subfalares, amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro e sulista, inseridos nos Falares do Norte e do Sul.

As perguntas que motivaram este estudo foram as seguintes: i) é possível delinear áreas dialetais do português do Brasil com base na variação lexical registrada apenas nas capitais? ii) a escolha de determinadas variantes pode estar condicionada por fatores extralinguísticos? iii) os principais lexicógrafos lematizam todas as variantes coletadas pelo ALiB em relação a itens do campo semântico da vida urbana selecionados nesta pesquisa? e iv) a proposta da divisão dialetal do Brasil, feita por Nascentes, pode ser reinterpretada de acordo com a análise lexical?

Tais questionamentos geraram as seguintes hipóteses a serem confirmadas por meio da análise do *corpus* constituído: i) a distribuição diatópica das variantes lexicais nas capitais, acerca da Vida Urbana, pode apontar caminhos para a comprovação da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953); ii) as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade são fatores intervenientes na escolha das variantes; iii) por se tratar de referentes criados a partir da urbanização dos espaços nem todas as variantes estão dicionarizadas e iv) pesquisas atuais demonstram que a proposta de Nascentes (1953) ora é condizente com a realidade linguística

do Brasil, ora inadequada.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo temos a Introdução e Justificativa do estudo, alguns conceitos teóricos, os objetivos geral e específicos e as perguntas e hipóteses de pesquisa.

O segundo capítulo traz os fundamentos teóricos da dissertação, conceituando os principais aspectos em que o léxico é estudado. Para isto, especificamos, primeiramente, o objeto dos estudos linguísticos, nesse caso a língua como um fator externo aos indivíduos. Assim, trazemos as principais discussões acerca da língua como fato social, conceito criado na área da Sociologia por Émile Durkheim (1858-1917) e tratado na Filologia por Whitney (1827-1894). Também discutimos sobre a abordagem saussuriana em relação à dicotomia de *langue/parole* (SAUSSURE, 1999) e os conceitos de Meillet (1866-1936) e Labov (1968). No tópico 2.1.2, discorreremos sobre a Dialetologia, com base na literatura de Coseriu (1987) e Cardoso (2010).

Na segunda parte do suporte teórico, no tópico 2.2, para o estudo do léxico em seus aspectos semânticos e para explicar o polimorfismo presente nos dados, recorreremos aos conceitos de semântica de Bueno (1960) e Ullmann (1964), mais especificamente sobre a relação que os autores apresentam de acordo com o contexto e o significado dos nomes.

O capítulo terceiro é composto pela metodologia da pesquisa, bem como pela descrição e análise dos dados, apresentamos, pois, como a pesquisa foi realizada, desde a seleção da rede de pontos, o perfil dos informantes e o processo de exegese do *corpus* estudado.

O quarto capítulo traz a análise e descrição dos dados à luz da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 2005) com base nos itens lexicais obtidos no levantamento de dados das quatro questões (195. *Lombada/quebra-molas*; 196. *Calçada/Passeio*; 197. *Meio-fio* e 198. *Rótula/rotatória*) do QLS do Projeto ALiB. Neste espaço, apresentamos quadros, tabelas, gráficos e as cartas linguísticas para visualização da distribuição das variantes.

O último capítulo expõe as considerações finais desta dissertação. Na sequência, apresentamos as referências bibliográficas e os anexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo trata do embasamento teórico que direciona a dissertação. Assumimos como tópicos relevantes para compreender a análise dialetológica dos dados, que é apresentada no quarto capítulo, a definição do objeto de pesquisa, isto é, o vernáculo e a conceituação da importância do meio social e geográfico sobre a linguagem, apoiados nos fundamentos de ciências ou disciplinas subsidiárias, como a Sociologia e a Geografia apresentadas nos tópicos a seguir.

2.1 LÍNGUA E SOCIEDADE: CONCEITUANDO A LÍNGUA COMO FATO EXTERIOR AOS INDIVÍDUOS

Para início desta discussão, recorreremos à literatura clássica de Platão, nos diálogos de *Teeteto* e *Crátilo* (427-347 a.C) que refletem sobre a origem e veracidade dos nomes atribuídos às coisas. Um trecho em especial nos chamou a atenção, no qual Hermógenes, em diálogo com Sócrates, comenta que: “seja qual for o nome que se dê a uma determinada coisa, esse é o seu nome certo; e mais: se substituíssemos esse nome por outro, vindo a cair em desuso o primitivo, o novo nome não é menos certo do que o primeiro” (PLATÃO, 2001, p. 146).

Desde os primórdios da compreensão humana, deu-se importância significativa para a palavra dita e nomeada, bem como à variação e mudança linguística, fato explorado atualmente por especialistas nos estudos filológicos e linguísticos. O excerto acima abre margem para dois tópicos importantes para esta dissertação: à variação e mudança linguística, bem como à noção de que não existe uma palavra certa ou errada para nomear um referente.

Antes de tratar sobre os estudos de variação e mudança, faz-se necessário compreender o elo entre o social e o linguístico, assunto tratado primeiramente pelo filólogo William Dwight Whitney (1827-1894), que entendia a língua como “uma instituição social semelhante a todas as outras, ou seja, como a política, o direito e a religião” (WHITNEY, 1884 *apud* MARRA²; MILANI³, p. 130, 2013). Na época, o filólogo já lançava algumas ideias que Émile Durkheim (1858-1917) viria a concretizar anos depois no campo das ciências sociais.

² Doutor em Letras e Linguística pela UFG (Universidade Federal de Goiás).

³ Doutor em Semiótica e Linguística Geral da Universidade Federal de Goiás - UFG.

Segundo John Scott (2010), a ideia de instituição social foi usada pela primeira vez entre os sociólogos para descrever “costumes e hábitos culturais de uma sociedade” (SCOTT, 2010, p. 112). O termo *instituição social* refere-se a todos os elementos que compõem uma sociedade, ou seja, a língua, a política, a religião ou, na definição de Durkheim (1858-1917), os fatos sociais, tudo aquilo que está fora do homem, o que o sociólogo chama de *coisas* exteriores aos indivíduos, expondo que:

consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem [...] Constituem, pois, uma espécie nova e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de sociais. Esta é a qualificação que lhes convém; pois é claro que, não tendo por substrato o indivíduo, não podem possuir outro que não seja a sociedade: ou a sociedade política em sua integridade, ou qualquer um dos grupos parciais que ela encerra, tais como confissões religiosas, escolas políticas e literárias, corporações profissionais, etc. (DURKHEIM, 2007, p. 4).

Durkheim, como sociólogo, preocupou-se em definir o social e esclarecer que as atividades humanas são exteriores aos indivíduos, pois não há um conhecimento inato capaz de explicar ações do homem em sua plenitude, mas sim a coerção social e a imposição que os fatos sociais têm sobre os indivíduos. Ou seja, os esclarecimentos do positivista retiravam o foco das análises sociais das bases psicológicas individuais.

Tais considerações serviram de base para os estudos de Ferdinand de Saussure (1916), professor e linguista, que relacionou a língua com a sociedade de forma a considerá-la como um fato social, exterior ao indivíduo. Mesmo que Saussure nunca tenha referenciado as ideias de Durkheim em suas discussões sobre a língua e sociedade, pode-se compreender que, para o linguista, o fato social corresponde ao ideário durkheimiano, ou seja, um fato exterior ao indivíduo.

Para Saussure (2006, p. 17), a língua é:

Um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Saussure compreende a língua como um produto social que necessita de conjuntos exteriores ao indivíduo, permitindo, desta forma, que o indivíduo exerça a funcionalidade da linguagem. Outros estudiosos assumiram a reelaboração do conceito de que os fatos sociais são exteriores aos indivíduos e que a língua, propriamente, é um fato social (MEILLET, 1903) ou, como já afirmava Whitney, uma instituição social (WHITNEY, 1884).

Para Whitney, Meillet e Labov, a língua nunca é a mesma para todos os indivíduos, ela é variável e diferencia-se de acordo com as condições extralinguísticas. Vejamos como cada um desses autores se expressa acerca da língua como fato social. Para explicar os conceitos de Whitney e Meillet, recorreremos às pesquisas de Marra e Milani (2012; 2013).

De acordo com as reflexões acadêmicas sobre as teorias de Whitney (1884), Marra e Milani (2012; 2013) mencionam que, para Whitney, a língua era uma instituição social, visto que ela é uma posse da sociedade e está fora da alçada individual, e relatam que o filólogo buscava compreender por que as pessoas falam da forma que falam e recorria à história das línguas para explicar tal fato.

Marra e Milani (2012; 2013) afirmam que, para Whitney, a pesquisa empírica da história das línguas é composta de mudanças, sendo possível comparar o processo de desenvolvimento de uma língua a um jogo de dominó, onde as peças estão em sentido vertical uma ao lado da outra e na medida em que uma tomba, todas as outras também tombam. Ou seja, à medida que a consciência coletiva de uma sociedade muda, a língua também muda. Na releitura dos autores sobre a filosofia de Whitney, podemos destacar que: “a mudança dos falantes causaria mudança na língua; a língua mudaria e essa mudança refletiria uma mudança nos falantes” (WHITNEY, 1884 *apud* MARRA; MILANI, 2013, p.129).

Desta forma, o filólogo compreendia que a mudança na língua era resultado de uma adesão coletiva, e que um único indivíduo não teria autonomia para exercer qualquer influência sobre a língua, pois somente um trabalho coletivo conseguiria tais resultados, ou seja, a língua acompanha o desenvolvimento social e consciente de uma comunidade linguística e não de um único falante. No entanto, o autor não excluía a importância do falante no processo de transmissão, propagação e conservação da língua, sendo os indivíduos capazes de criar novas formas linguísticas e modificar as já existentes.

Meillet (1866-1936) compreendia a língua como um fato social e suas ideias estavam assumidamente embasadas na teoria durkheimiana. Para Meillet, a *lingua(gem)* é o elemento principal da existência de uma sociedade, pois é por meio dela que ocorre a socialização, isto é, a língua existe em meio social e o social só existe se houver uma língua em uso. Dessa

forma, o autor se recusava a colocar a língua(gem) como um elemento psíquico, como fez Saussure em sua dicotomia *langue* e *parole*.

Para Meillet, a língua(gem), assim como o fato social, é imposta socialmente, a língua existe antes do indivíduo e continuará existindo após a sua morte, por isso é um fato exterior ao falante. O indivíduo é ensinado a utilizar a língua e a partir deste conhecimento pode, coletivamente, moldá-la de acordo com a necessidade de um grupo linguístico, mas nunca individualmente.

O linguista foi o primeiro a propor uma abordagem social da linguagem, pois, para Meillet, os estudos linguísticos deveriam estar voltados ao desenvolvimento da língua levando em consideração a variação e mudanças linguísticas, já que é na mudança linguística que se compreende o desenvolvimento de uma língua. Assim, Meillet difere do pensamento de Whitney, pois, para este a resposta para entender uma língua estava em sua própria historiografia. O pensamento de Meillet marcou o ‘encerramento’ de um ciclo do século XIX, o de que a história traria todos os subsídios para a compreensão dos fatos linguísticos e deu ‘início’ a um novo ciclo consciente de que o contexto social é o principal elemento da mudança linguística.

Meillet orientou as pesquisas de seu aluno André Martinet (1908-1999), que mais tarde viria a se tornar, assim como seu professor, um importante nome para a Linguística Descritiva. Os estudos da Sociolinguística laboviana ainda não estavam sedimentados, embora Meillet e Martinet já viessem levantando hipóteses sobre esse tipo de pesquisa.

Assim, Martinet seguiu os passos de seu mestre e tornou-se professor de Linguística na Universidade da Colúmbia (Estados Unidos) e orientou a tese de doutorado de Uriel Weinreich (1926-1967), cujo tema eram as línguas em contato. Por sua vez, Weinreich orientou as pesquisas de mestrado e doutorado de William Labov, que se tornou o fundador da Sociolinguística.

No percurso dos estudos da relação entre língua como fato social, podemos observar que a discussão se inicia com Whitney (1827-1894), depois é retomada por Saussure (1916), ganha maiores subsídios com Meillet e seus discípulos, como Martinet e Weinreich, até chegar a William Labov.

Labov, por sua vez, é o responsável por estabelecer a metodologia e definição da *Sociolinguística*, termo redundante para o autor, que preferiria chamá-la de Linguística, já que para ele não há possibilidade de estudar a língua fora da sociedade, pois, “ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns

aos outros”, além de que o objetivo da disciplina é o de “lidar com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com a língua e dialetos” (LABOV, 2008, p. 215).

Nas palavras do autor: “se não houvesse necessidade de contrastar este trabalho com o estudo da língua fora de seu contexto social, eu preferiria dizer que se trata simplesmente de linguística” (LABOV, 2008, p. 216). E continua a reiterar a necessidade de uma área específica para o estudo da língua em sociedade, ao dizer que: “é relevante, portanto, indagar por que deveria haver a necessidade de uma nova abordagem da linguística com uma base social mais ampla” (p. 216).

A partir da definição do objeto de estudo feita por Labov, ou seja, o *vernáculo* como o idioma próprio de um país ou região, e suas contribuições no âmbito da metodologia da pesquisa de campo e principalmente nos conceitos sociais sobre as influências linguísticas, a Sociolinguística passou a ser investigada e a complementar outros estudos, como a Geolinguística e a Dialetologia que veremos no tópico a seguir.

2.1.1 Relação da Dialetologia com o Estudo do Léxico

“Os diferentes universos linguísticos refletem
diferentes mentalidades”
(COSERIU, 1987)

Por Dialetologia compreendem-se os estudos linguísticos de um dialeto, isto é, as diversas maneiras que uma língua assume de acordo com o espaço geográfico. Ao estudar um dialeto, faz-se necessário o aprofundamento nos aspectos externos que o constitui, como a sua história social e cultural. Ao defini-lo, conceitua-se, primeiramente, um grupo de falantes, homens e mulheres que carregam em si costumes e tradições que são verbalizados por intermédio de conversas espontâneas que narram não somente a história daquele grupo, mas, acima de tudo, a história de uma variedade de sua língua em determinado espaço geográfico.

O português falado no Brasil é resultado da miscigenação de culturas que vieram formar esta nação em diferentes épocas de sua história com a ocupação de seu solo nas diversas regiões geográficas. Tal fato resulta na variedade de dialetos que compõem o português falado no Brasil, uma língua conhecida por suas múltiplas faces, várias identidades, original e tipicamente brasileira, isto é, que se distancia da variedade lusitana. Observamos os aspectos variados do português nas conversas cotidianas dos vários João(s), das dona(s) Maria(s) que residem em pequenos municípios ou grandes capitais do país, desde aqueles que possuem grau elevado de instrução aos mais simples iletrados ou com pouca escolaridade. É

esse português que interessa aos estudos linguísticos, de modo particular, à Dialectologia, que, segundo Cardoso (2010, p.15): “é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Embora a Dialectologia seja considerada um ramo da Linguística (CARDOSO, 2010), Alvar (1996) reitera a importante contribuição da Dialectologia para a independência da Linguística como ciência: “La dialectología había venido suministrando materiales a la lingüística o a la crítica textual y se había organizado en una ciencia independiente”⁴ (p. 5). Desta forma, demonstra-se o quão é relevante “conocer la lengua del pueblo en sus diversidades geográficas, prescindiendo del espejismo de la corrección y haciendo abstracción de los hechos retóricos”⁵ (ALVAR, 1996, p. 5), ou seja, conhecer e registrar os dialetos, além de aprimorar o saber acadêmico para a ciência da linguagem, implica na valorização da diversidade da língua e na descrição de um período histórico do português falado no Brasil.

A tarefa da Dialectologia, como mencionou Cardoso (2010), é a de recolher, registrar e descrever a realidade linguística, por meio da pesquisa de campo (entrevistas) feita em uma rede de pontos selecionada para, posteriormente, registrar os dados linguísticos (fônicos, lexicais ou gramaticais) em cartas que apontaram “a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos e aos falares estudados” (COSERIU, 1987, 79).

Dentre os aspectos que compõem a análise dialetológica, destaca-se o espaço geográfico, pois

Evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história (CARDOSO, 2010, p.15).

⁴A Dialectologia vinha fornecendo materiais para a linguística ou crítica textual e havia sido organizada em uma ciência independente (Tradução nossa).

⁵Conhecer a linguagem das pessoas em suas diversidades geográficas, dispensando a ilusão de correção e abstração de fatos retóricos (Tradução nossa).

A Geografia é uma ciência que tem como objeto principal de estudo o espaço geográfico que corresponde ao campo das realizações humanas. Desse modo, um estudo geográfico, *grosso modo*, conduz ao levantamento de dados sobre elementos naturais que atingem diretamente a vida humana como clima, relevo, vegetação, hidrografia, dentre outros. A união de interesses entre a Geografia e a Linguística, acerca do estudo das realizações humanas em um espaço geográfico, gerou a disciplina conhecida como Geografia Linguística ou modernamente denominada Geolinguística.

Coseriu (1987) explica que há duas interpretações sobre esta disciplina: ela pode ser utilizada de forma *técnica*, isto é, entender o ambiente natural (geográfico) e a difusão espacial dos fatos linguísticos como relações condicionadas política, social e culturalmente, ou pode ser vista como *física*, ao que diz respeito à geografia humana e política, em que são investigados centros de irradiação (grandes cidades, capitais de estados, de províncias ou de departamentos, locais de feiras ou de entroncamentos importantes, entre outros).

Da mesma maneira, observamos que tanto a forma técnica quanto a física não são excludentes, mas complementares para os estudos da Geografia Linguística (Geolinguística).

De acordo com o autor:

A geografia linguística, no sentido técnico é uma geografia “interna” das línguas: não se ocupa das fronteiras entre “línguas” (comunidades linguísticas), mas da extensão e distribuição espacial de fenômenos linguísticos particulares (fonemas, palavras, construções), dentro de uma ou mais “línguas”, e dos limites entre as áreas ocupadas por esses fenômenos, que só em casos especiais podem coincidir com os limites da língua ou das línguas estudadas (COSERIU, 1987, p. 82).

Vale ressaltar, ainda com base no autor, que a “linguística, porém, estuda a linguagem em certas condições dadas, e não o condicionamento dessas condições” (COSERIU, 1987, p. 81). É sabido que há mais discussões políticas acerca das definições de áreas geográficas do que linguísticas, mas não cabe à Geolinguística discutir tais aspectos, o que interessa a ela são as situações históricas, culturais e sociais que influenciam na geração de diferentes dialetos em determinadas localidades, podendo ser verificadas de acordo com a extensão e limites no espaço terrestre. Tais aspectos levam à íntima relação entre linguística e geografia, visto que a distribuição dos itens linguísticos (léxico, fonético ou gramatical) em contexto espacial são representados em mapas que traçam linhas de limite e extensão que os dados linguísticos atingem nos territórios investigados.

Sobre o assunto, Romano (2014) afirma que

é inegável a contribuição da tradicional Geografia Linguística, modernamente denominada Geolinguística, para os estudos da linguagem, pois revela fotografias autênticas de formas e expressões linguísticas de grandes e pequenos territórios. Reconhece-se a grande contribuição da Geolinguística para o próprio desenvolvimento da Dialetologia, tendo surgido, inicialmente, como um método mais prático e rápido de comparação entre línguas e dialetos. Contudo, atualmente, o fazer geolinguístico, sobretudo a partir da década de 1990, deixou de ser apenas um passo metodológico, uma vez que a representação da variação linguística em “mapas especiais” tem exigido dos pesquisadores mais do que a técnica de cartografia, embora se valha dela para representação dos dados (p. 148).

Romano apresenta a concepção atual da Geolinguística, considerando o avanço e amadurecimento dos estudos geolinguísticos e dialetológicos, visto que a Geolinguística não é mais considerada apenas como um método dialetológico, mas sim uma área da Dialetologia.

Sendo assim, o mesmo dialeto pode apresentar diferentes fatos linguísticos e ser analisado de acordo com cada representação, ou seja, pode-se investigar o repertório interno de um dialeto, como os elementos fonéticos, morfológicos, sintáticos e lexicais do linguajar estudado, assim como fizeram os primeiros dialetólogos ao selecionar um centro de irradiação e analisá-lo minuciosamente.

Ao mencionar os primeiros estudos dialetais no Brasil, estamos nos referindo às obras de Amadeu Amaral (1920) que estudou o dialeto caipira do Estado de São Paulo, Antenor Nascentes (1953) responsável pela pesquisa dialetal do Rio de Janeiro e Mário Marroquim (1996), analisando o falar nordestino, em particular o alagoano e o pernambucano.

Estudos que tenham como objetivo descrever o dialeto de um grupo linguístico são essenciais para a compreensão do todo, pois, de acordo com Marroquim (1996, p. 9):

A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e define nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.

Estudos monográficos, teses, dissertações, glossários, vocabulários, dicionários, etc., quando direcionados a um dialeto apresentam recortes específicos de um grupo linguístico, além de compor os estudos dialetais do português brasileiro, auxiliando, pois, para a descrição da língua falada no país. Como exemplo, citamos algumas pesquisas linguísticas, desenvolvidas no Paraná, que têm esse viés, ou seja, descrever e analisar fatos linguísticos de

pequenas localidades e grupo particulares, como: *Aspecto Linguístico da fala londrinense: esboço de um atlas linguístico de Londrina* (AGUILERA, 1987), *A linguagem dos trapicheiros* (LEÃO, 1988), *Esboço de um atlas Linguístico de Centenário do Sul* (PIZOLATO, 1997), *Esboço de um atlas linguístico de Tamarana* (FABRIS, 1997), *O vocabulário da cultura do café* (CASTRO, 2000), *O léxico da cachaça em Morretes: resgate e memória* (LAMBACH, 2002), *Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis* (ALTINO, 2001), entre outros.

É possível observar, por meio desses estudos citados, que o material bibliográfico da língua e seus dialetos comporta diferentes procedimentos metodológicos, dentre eles destacamos os atlas linguísticos.

A tradição em elaborar atlas linguísticos surgiu com estudiosos europeus, como o alemão Geog Wenker (1852-1911) que realizou sua pesquisa mediante correspondências com o objetivo de comprovar a existência de fronteiras dialetais por meio dos dados fonéticos da língua alemã. O atlas de Wenker não foi finalizado, embora tenha gerado algumas cartas linguísticas que não puderam comprovar a existência de fronteiras dialetais, mas a presença de isoglossas - linha de limite de um traçado linguístico -, que representaram descontinuidades e irregularidades dos dialetos alemães, ou seja, os dados do autor revelaram que as palavras por si apresentam traços e situações especiais que poderiam ser explicados por meio do estudo do contato linguístico.

A metodologia geolinguística sedimentou-se com base no *Atlas Linguistique de la France* – ALF (GILLIÉRON; EDMONT, 1903), obra fundamental para a disseminação dos estudos geolinguísticos. Edmont realizou a pesquisa direta e sistemática dos falares franceses por meio de um questionário de 1.400 perguntas (aumentadas depois para 1.920), preparadas por Gilliéron, em 639 pontos (entre eles dois de fala italiana). As tarefas dos autores foram divididas em duas etapas: a coleta de dados e o tratamento e análise dos dados linguísticos.

A obra é reconhecida como pioneira, pois foi o primeiro atlas a investigar os fatos linguísticos de forma direta e sistemática, visto que anterior a esse fato, já havia outras tentativas de atlas, mas feitas mediante correspondências, como a de Wenker. A partir da metodologia sedimentada houve grande avanço na produção de atlas de pequenos, médios e grandes domínios, o que levou Alinei (1994, p. 21) a reconhecer quatro diferentes tipos de atlas: “A partir do ALF de Gilliéron de 1903, registram-se quatro tipos de atlas, do menor ao maior: (i) regionais, (ii), nacionais, (iii) de grupo linguístico, (iv) continentais”.

A iniciativa de Gilliéron serviu como alavanca para a elaboração de diversos outros atlas linguísticos, de modo que tornou possível o registro de parte da história linguística de

vários povos e nações. No âmbito europeu, podem-se citar os seguintes: *Atlas Linguístico-Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional* (AIS) (JABERG; JUD, 1928-1940), *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) (1956-1996), *Atlas Linguarum Europae* (ALE) (1983-1990) e *Atlas Lingüístico Gallego* (ALGa) (FERNÁNDEZ REI *et al.*, 1990-2015).

No contexto das Américas, sobressaem-se, entre outros: *Linguistic Atlas of New England* (LANE) (KURATH *et al.*, 1939-1943), *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Colombia* (FLÓREZ, Luís (dir.), 1982-1983), *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) (THUN; FORTE; ELIZAINCÍN, 2000) e o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) (CARDOSO *et al.*, 2014a, 2014b).

Destacamos no cenário brasileiro, no que diz respeito à publicação dos volumes 1 e 2 do Atlas Linguístico do Brasil⁶, realizada no ano de 2014 na Universidade Estadual de Londrina.

Ao concretizar a primeira publicação do trabalho de dezoito anos do Comitê Nacional e das equipes regionais, o Atlas Linguístico do Brasil apresenta, a princípio, o volume I com a introdução, história, metodologia, rede de pontos, questionários e o perfil dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil e o volume II com os resultados das 25 capitais brasileiras em mapas linguísticos com dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais. Está prevista a publicação dos terceiro e quarto volumes do ALiB, que apresentarão, respectivamente os estudos referentes aos temas mapeados no volume 2 e cartas com resultados da variação fonética, lexical e morfossintática, ainda com dados das capitais.

O Atlas Nacional apresenta aos brasileiros um material concreto sobre as variedades presentes no país, no que tange aos aspectos linguísticos e extralinguísticos. Assim, a obra é um marco histórico do português falado no Brasil, uma vez que os registros de hoje poderão ser comparados às futuras mudanças que a língua poderá sofrer ao longo dos anos, como descreve Contini, ao afirmar a importância do Atlas como:

[...] um papel essencial, um motor dinâmico no desenvolvimento de pesquisas geolingüísticas, levando os dialetólogos à tomada da consciência do imenso campo de pesquisas que o País oferece, da riqueza de seu patrimônio linguístico, que precisava ser explorado em profundidade, e da urgência de inquéritos *in loco* para salvaguardar a memória ainda viva de todas as variedades dialetais (CONTINI, 2016, p. 13).

⁶ A iniciativa para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil ocorreu na Universidade Federal da Bahia, em 1996, por ocasião do Simpósio Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil, quando foi criado um Comitê Nacional constituído por representantes de dezesseis Universidades Brasileiras, subdivididas em comitês regionais responsáveis pelas atividades do Projeto. O ALiB contou com a participação de 1.100 informantes, espalhados pelos 8.515.767 km de terras brasileiras percorridas pelas equipes de pesquisadores do Projeto ALiB.

A publicação de Atlas, seja qual foi o território investigado, permite a visualização de determinado momento da língua. O registro apresenta informações que poderiam se perder ao longo do tempo, formas linguísticas que trazem consigo histórias e que graças ao trabalho de dialetólogos e pesquisadores afins são registradas e analisadas com a importância que merecem, pois: “o atlas linguístico constitui, em primeiro lugar, um valioso inventário de formas” (COSERIU, 1987, p. 93).

2.2 COMPREENSÃO DO LÉXICO

“Quando uso uma palavra ela significa exactamente o que pretendo que signifique – nem mais, nem menos.”
(Humpty Dumpty)

Refletindo sobre o sentido das palavras e de que forma os conceitos semânticos nos ajudam a compreender o léxico em contextos sociais e geográficos, recorreremos aos estudos de Bueno (1960) e Ullmann (1964).

Ullmann (1964) inicia suas reflexões acerca da palavra como unidade de significado, considerando, pois, o contexto em que ela é empregada. Para dar suporte a sua teoria, o autor menciona o pensamento de Dumpty, em epígrafe, ao afirmar que a palavra significa o que o falante quer que ela signifique, sem outras conotações.

Tal simplificação do conceito de significado da palavra demonstra certa autonomia do sentido diante do signo linguístico. No entanto, Ullmann esclarece que não são todas as palavras que possuem a característica de emancipação do conceito semântico fora do contexto. O autor reflete sobre a influência do contexto na escolha lexical, observando que, embora muitas palavras se encontrem incorporadas a contextos específicos, “há casos em que um termo subsiste inteiramente por si só, sem qualquer suporte contextual, e continuará, assim mesmo, a fazer sentido” (ULLMANN, 1964, 103).

Ao mencionar o contexto, Ullmann refere-se a diferentes tipologias. A palavra pode ser analisada em seu contexto verbal, ou seja, títulos e temas de livros, novelas, filmes, entre outros, que podem resumir o conteúdo em uma palavra, mas será necessária a leitura ou conhecimento do todo para compreender o significado do tema. Por exemplo, o título do livro de Franz Kafka, *A Metamorfose* (1915), resume a história do personagem Gregor Samsa que acorda metamorfoseado num inseto. Não vem ao caso o detalhamento da narrativa, mas, sim, o contexto verbal da palavra *metamorfose* e o seu conceito já impregnado, ou seja, a transformação.

Outro tipo de contexto é o de situação, no qual os linguistas consideram em primeira instância o momento efetivo em que o termo é utilizado, todavia, tal conceito é fundamentado nos princípios culturais do falante e na situação do ato de fala, isto é, os fatores externos que contribuem com a construção do sentido das palavras, como os aspectos sociais, culturais, históricos e ideológicos.

Para explicar sua afirmativa, Ullmann apropria-se dos escritos de Malinowski ao relatar que

A concepção de contexto deve ultrapassar os limites da mera linguística e transportar-se para a análise das condições gerais em que uma língua é falada... O estudo de qualquer língua, falada por um povo que vive em condições diferentes das nossas e possui uma cultura diferente, deve ser conduzido simultaneamente com o estudo da sua cultura e do meio ambiente (MALINOWSKI *apud* ULLMAN, 1964, 106).

Além do contexto de situação, Ullmann também discorre sobre o contexto cultural, reconhecendo-o como o mais importante para a compreensão das palavras-chave que “resumem os ideais de uma determinada civilização” (ULLMANN, 1964, p. 107). Para o semanticista, o contexto cultural reúne os demais contextos classificados, visto que, de modo geral, tanto o contexto verbal e o de situação só podem ser verificados dentro de uma cultura.

O significado das palavras também depende das influências sofridas de acordo com o contexto em que é empregado, ou seja, na concepção do autor, as palavras extraem do contexto certos determinantes que só farão sentido se estiverem em situações específicas de uso. O linguista exemplifica o fato afirmando que “até os nomes próprios, as mais concretas de todas as palavras, têm uma variedade de aspectos dos quais um só será o apropriado para uma situação particular” (ULLMANN, 1964, p. 109).

Não obstante tal assertiva, em relação ao contexto e ao uso particular de palavras que extraem seus significados a partir da ideologia e cultura de um momento histórico, Ullmann afirma que não há uma resposta única capaz de caracterizar o sentido de uma palavra. Assim, o estudioso ressalta que, para os estudos linguísticos, o importante na análise do significado é a real informação que uma palavra transmite em contextos coloquiais.

De acordo com Wittgenstein: “Não se limita a dizer que podemos estabelecer o significado de uma palavra pela observação do seu uso; afirma corajosamente que o significado de uma palavra é o seu uso” (WITTGENSTEIN, 1953 *apud* ULLMANN, 1964, p.

135). As ideias de Wittgenstein, endossadas por Ullmann, apresentam a relação do significado da palavra e sua dependência com o uso.

Nesta mesma linha de pensamento, antecipando as ideias sociolinguísticas de Labov (1972), Bueno (1960, p. 71) esclarece que estão “na sociedade as principais e determinantes causas das variações de significados” que uma palavra apresenta. O filólogo continua sua reflexão sobre a pluralidade de sentidos de uma palavra, afirmando que: “difícilmente encontramos palavra que não tenha, ao redor do significado central, mais importante, outros significados que lhe estejam mais ou menos conexos” (BUENO, 1960, p. 71).

Neste caso, podemos ilustrar com o item lexical *orelha*, por exemplo, que se aplica ao órgão da audição, mas pode se referir à *orelha* do caderno, do livro, isto é dobra na folha; como também pode compor nomes populares para o cogumelo: *orelha de pau*, *orelha de padre*. É o caso de polissemia.

Ainda de acordo com Bueno (1960, p. 80), em relação à influência do meio social, o autor afirma que: “segundo o meio social, pode um mesmo vocábulo alterar a sua significação, tomando matizes, sempre, entretanto, ligados com o conceito fundamental”. Assim, compreende-se que o meio social é o responsável pelas causas de variação de sentidos que uma palavra sofre. Um universitário, por exemplo, pode ter dificuldades para realizar um *trabalho* de física, mas tal dificuldade não se compara a uma mãe quando entra em *trabalho* de parto. O mesmo ocorre com a religião, quando alguém faz um *trabalho* para outra pessoa, alguma prece ou feitiçaria, não é o mesmo tipo de *trabalho* do estudante e nem da mãe quando vai dar à luz, no entanto, em todas os contextos o *trabalho* feito possui um objetivo final.

Embora as situações sejam diferentes e assim o significado da palavra mude, o seu conceito fundamental permanece, ou seja, trabalho é “um conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim” (HOUAISS, 2009, p. 1861). Tal fato é definido por Ullmann como um núcleo sólido do significado, ou seja, tal núcleo só poderá sofrer alterações dentro de um contexto e o seu significado sólido ou fundamental, como menciona Bueno, ainda permanecerá.

Como vimos, se contextos sociais podem contribuir com a variação de significados de uma palavra, a diversidade geográfica é algo ainda mais extenso e apresenta um campo maior de variedades de sentidos.

Nas palavras de Bueno (1960, p. 80):

Se a simples divisão social em grupos profissionais é suficiente para as modificações do significado das palavras, a diversidade geográfica em que os mesmos vocábulos podem encontrar-se pode ser ainda mais eficiente para tais alterações semânticas.

Sobre esse tópico, discutimos mais especificamente na análise dialetológica dos dados visto que estamos comprometidos em observar os itens lexicais selecionados para o *corpus* desta dissertação de acordo com a distribuição das variantes nas capitais brasileiras. Obviamente, recorreremos aos conceitos semânticos para compreender a importância dos sentidos empregados às variantes de *rotatória*, *quebra-molas*, *meio-fio* e *calçada*.

Para isto, aplicamos os conceitos semânticos de Ullmann e Silveira Bueno, já que tanto a variação lexical quanto a variação de significados são dadas mediante um contexto social e geográfico.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, apresentamos os caminhos percorridos relativos (i) à seleção das localidades a serem investigadas; (ii) ao perfil dos informantes; (iii) à constituição do *corpus*; (iv) ao tratamento dos dados; (v) à organização da descrição dos dados e (vi) à forma de elaboração das cartas dos falares do Norte e do Sul do Brasil.

3.1 SELEÇÃO DAS LOCALIDADES

A rede de pontos do Projeto ALiB abrange as principais cidades do território, estabelecidas a partir de uma análise sistemática da realidade brasileira, do processo de povoamento e do desenvolvimento socioeconômico. Para esta dissertação, analisamos os dados de 25 capitais, não sendo incluídas, na rede de pontos do Projeto, Brasília e Palmas, capitais que contavam menos de quarenta anos na época do lançamento do Projeto ALiB, em 1996.

Desse modo, este estudo conta com os dados coletados nas seguintes capitais, identificados de acordo com a numeração de cada ponto: 002- Macapá, 003 - Boa Vista, 006- Manaus, 012- Belém; 020- Rio Branco; 021 - Porto Velho, – 026 - São Luís, 034 – Teresina, 041 – Fortaleza, 053 – Natal, 061 - João Pessoa, 070 – Recife, 077 – Maceió, 079 – Aracaju, 093 – Salvador, 108 – Cuiabá, 115 - Campo Grande, 123 – Goiânia, 138 - Belo Horizonte, 179 - São Paulo, 190 – Vitória, 202 - Rio de Janeiro, 220 – Curitiba, 230 – Florianópolis e 243 - Porto Alegre.

3.1.1 Perfil dos Informantes

Em cada ponto linguístico, foram entrevistados pela equipe do ALiB, oito informantes, distribuídos equitativamente pelas variáveis sexo (quatro homens e quatro mulheres), faixa etária (faixa I de 18 a 30 anos e faixa II de 50 a 65 anos) e escolaridade (nível fundamental e superior de ensino). Os informantes são numerados de um a oito e cada número corresponde ao perfil estabelecido pelo Projeto ALiB. Assim, os informantes são organizados da seguinte forma: os números pares (2, 4, 6 e 8) representam as mulheres e os ímpares (1, 3, 5 e 7) os homens; desses, os informantes 1-2 e 5-6 pertencem à faixa etária I e os que compõem a faixa II são os numerados de 3-4 e 7-8; a escolaridade está representada pelos números de 1 a 4 correspondentes aos de nível fundamental e de 5 a 8 condizentes aos de nível superior.

Ao reunir todas essas informações de forma sintetizada, obtivemos, por exemplo, a seguinte forma: 026-8, ou seja, informante feminina da faixa etária II com nível superior residente em São Luís. Assim, podemos descrever, analisar e tecer comentários sobre a fala dos informantes.

Além dessas características, o Projeto ALiB estabelece que o informante deve: i) ser natural da localidade investigada; ii) possuir pais (e, se possível, cônjuges) também naturais dessa localidade; iii) não ter se afastado da localidade por mais de um terço de sua vida; iv) não ter feito viagens prolongadas; v) apresentar boas condições de fonação. A obediência a esses critérios visa registrar o vernáculo das localidades observadas, tendo o mínimo de influências externas possível.

3.1.2 Constituição do Corpus

O *corpus* constitui-se das respostas dadas às questões relativas ao campo semântico “Vida Urbana” dos Questionários do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), em especial o Semântico-Lexical, do qual selecionamos as seguintes questões:

- i) **195. Lombada/Quebra-molas:** Como se chama aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?
- ii) **196. Calçada/Passeio:** Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?
- iii) **197. Meio-fio:** Como se chama aquilo que separa a calçada/passeio da rua?
- iv) **198. Rotatória/Rótula:** Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

3.1.3 Coleta, Registro e Tratamento dos Dados

A coleta dos dados do ALiB foi feita *in loco* pela equipe de pesquisadores de campo, coordenados por um diretor científico, especialmente preparados para proceder à seleção dos informantes em cada localidade e à realização das entrevistas, cujos áudios foram armazenados em arquivos eletrônicos das equipes nacional e regionais para compor o banco de dados. Dessa forma, todas as sedes regionais se responsabilizaram por capacitar suas equipes constituídas por alunos bolsistas e voluntários do curso de graduação em Letras para transcrever e revisar as entrevistas realizadas sob a responsabilidade do diretor científico.

Para maior segurança na análise e confiabilidade nos resultados, nesta dissertação, procedemos à revisão das respostas dadas às questões selecionadas. Este trabalho exigiu alguns procedimentos técnicos, tais como: (i) instalar o programa *Winamp*, aplicativo de fácil acesso e uso que possibilita a audição, pausas e avanços das gravações de acordo com a configuração que o próprio usuário cria. Quando necessário, avançávamos os áudios em cinco segundos e retornávamos neste mesmo tempo. Também podíamos ouvir várias vezes o mesmo trecho da entrevista, em caso de dúvida na pronúncia do falante ou interferências externas; (ii) organizar os dados em uma planilha do Microsoft Excel; (iii) transferir os dados da planilha do Excel para o *Software SGVCLin* (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014), programa que possibilitou a geração das cartas experimentais e relatórios.

3.1.4 Organização da Descrição e Análise dos Dados

A análise dos dados para cada questão é apresentada, a princípio, com considerações acerca dos itens lexicais com base na pesquisa lexicográfica e informações encontradas em órgãos públicos, como o Detran (Departamento Nacional de Trânsito), Conatran (Conselho Nacional de Trânsito), Lastran (Laboratório de Ciências de Transporte) e outros que fornecem dados confiáveis sobre a organização do trânsito e seus elementos. O procedimento ocorre para cada questão do QSL (*Lombada/quebra-molas; Calçada/Passeio; Meio-fio e Rótula/rotatória*).

Na sequência, introduzimos os tópicos da análise pluridimensional, apresentando a distribuição lexical das variantes em doze cartas linguísticas, sendo quatro referentes aos dados gerais das capitais brasileiras, quatro das capitais da Região Norte e Nordeste e outras quatro da Região Sul, considerando, pois, a proposta da divisão dialetal de Nascentes (1953). Os fatores diastráticos, diassexuais e diageracionais são exibidos em números absolutos e suas respectivas porcentagens por meio de quatro quadros e doze gráficos, além de quatro figuras ilustrativas dos elementos analisados.

Os dados foram organizados conforme o índice de produtividade de cada questão, de forma a não poluir as informações contidas nos elementos de visualização. Assim, separamos os resultados em dois grupos:

- (i) **Variantes mais produtivas:** aquelas que aparecem em praticamente todas as capitais com alto índice de produtividade.
- (ii) **Outras variantes:** formas pouco produtivas e *hápax*.

Para a elaboração das cartas linguísticas, como já mencionado, utilizamos o *Software* SGVClín. Desta forma, a configuração do material corresponde aos procedimentos do programa. Ao inserir as variantes no *software*, procedemos à geração das cartas e as nomeamos como “Carta diatópica - Léxico I, II, III e IV”, “Carta da divisão dialetal correspondente aos falares do Norte – Léxico I, II, III e IV” e “Carta da divisão dialetal correspondente aos falares do Sul – Léxico I, II, III e IV”.

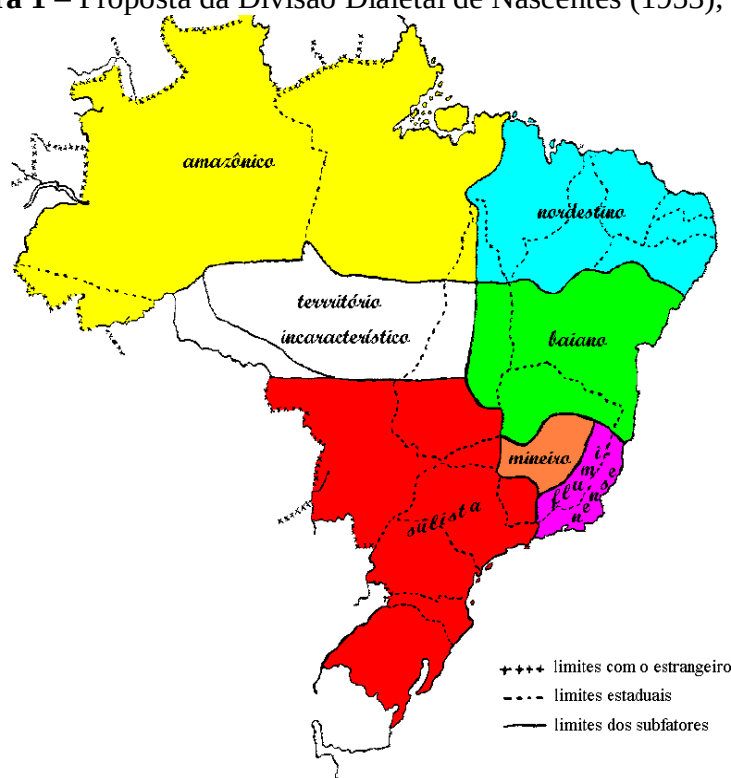
Assim, por *Léxico I* entendemos os dados da questão 195. *Lombada e quebra-molas*, *Léxico II* referentes à questão 196. *Calçada e passeio*; o *Léxico III* à questão 197. *Meio-fio* e *Léxico IV* à questão 198. *Rótula e rotatória*.

A legenda de cada mapa está organizada de acordo com a produtividade das variantes, isto é, da mais frequente para a menos frequente. A seleção das cores dos círculos que indicam o uso de cada item lexical é feita pelo *Software* de forma automática.

3.1.5 Explicando a Elaboração das Cartas dos Falares N e S (NASCENTES, 1953)

As cartas (N – NE e S) que servem de base para a comparação entre a proposta da divisão dialetal do português brasileiro e os dados atuais do *corpus* desta dissertação foram feitas por um geógrafo que utilizou como suporte a ilustração de Antenor Nascentes (1953) apresentada na Figura 1:

Figura 1 – Proposta da Divisão Dialeletal de Nascentes (1953), adaptada por Kika Milani



Fonte: O Linguajar Carioca (NASCENTES, 1953, p. 18)

Tomando como base os conceitos de Nascentes (1953) e a proposta da divisão dialetal (Figura 1), elaboramos as cartas-base apresentadas na análise dos quatro itens. Nas análises, consideramos as discussões feitas, mais recentemente em teses e dissertações, pelos pesquisadores Yida (2011), Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015), Cuba (2015) e Doiron (2016) que refletem novas configurações sobre a divisão dos falares Norte e Sul e seus respectivos subfalares por meio da análise lexical. Julgamos coerente apresentar dois mapas para cada discussão. Assim dividimos o mapa do Brasil em duas partes: a primeira com o Falar do Norte, compreendendo os subfalares amazônico, nordestino, baiano e a área multivarietal (denominada de *território incaracterístico* por Nascentes, 1953) e a segunda carta com o Falar do Sul e os subfalares sulista, mineiro e fluminense. Ressalvamos que a proposta inicial de Nascentes (1953) inclui o subfalar baiano na porção restrita ao Falar do Sul e destina um espaço próprio ao que ele denomina de *território incaracterístico*.

Com base em pesquisas mais recentes, os falares documentados na área circunscrita desse território apresentam características de área multivarietal (CUBA, 2015) e o subfalar baiano passa a integrar o espaço recoberto pelo subfalar nordestino (RIBEIRO, 2012; ROMANO, 2015), como demonstram também os dados desta dissertação.

Graças aos estudos de Nascentes, torna-se possível, hoje, mediante as pesquisas dialetológicas, comparar os dados de duas sincronias e, assim, ratificar o que permaneceu e retificar o que sofreu alterações no decurso de um século.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Uma vez apresentada a metodologia da pesquisa, procedemos à descrição e análise dos dados, iniciando pelas considerações acerca dos designativos obtidos na questão 195 do QSL.

4.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE QUEBRA-MOLAS

Figura 2 – Imagem de quebra-molas ou lombada



Fonte: CLMais (2018)

De acordo com a apostila de primeira habilitação da Autoescola Paraná (Centro de formação de condutores), a placa de *quebra-molas* é definida da seguinte forma: “Saliência ou lombada: alerta o condutor para a existência, sobre a superfície de rolamento, de saliência ou lombada” (AUTO-ESCOLA PARANÁ, 36). *Quebra-molas* é uma forma que as autoridades de trânsito encontraram para obrigar os motoristas a reduzirem a velocidade nas vias, principalmente em lugares próximos às escolas, hospitais, creches e demais estabelecimentos que haja grande fluxo de pessoas.

De acordo com a regulamentação do CONTRAN (Conselho Nacional de Trânsito), na Resolução nº 600/2016, *quebra-molas* são:

Ondulações transversais e podem ser utilizadas onde se necessite reduzir a velocidade do veículo de forma imperativa, nos casos em que estudo técnico de engenharia de tráfego demonstre índice significativo ou risco potencial de acidentes cujo fator determinante é o excesso de velocidade praticado no local e onde outras alternativas de engenharia de tráfego são ineficazes (BRASIL, 2016).

Ao procurar as formas *quebra-molas* e *lombada* nos dicionários de Caldas Aulete (1958), Ferreira (1986) e Houaiss (2009), verificamos que em Ferreira (1986) *quebra-molas* é: “sm. Obstáculo alongado, de pequena altura, em relevo ou encavo, construído transversalmente em ruas, estradas, etc., para fazer que se reduza a velocidade de veículos”. Houaiss define o lema da seguinte forma: “sm. Alteração (relevo ou cavidade) em piso de rua ou estrada para forçar a diminuição da marcha de veículo automotivo” e redireciona o verbete para *lombada*. No dicionário de Aulete (1958) não consta o verbete para a lexia *quebra-molas*.

Nas três obras encontramos a definição de *lombada* como algo relacionado à natureza (animais e montanhas) e a livros. Em síntese, os dicionários definem *lombada* como: “dorso do boi; a parte de encadernação de livros; lomba das montanhas, declínio”. Houaiss (2009) traz a remissão para *quebra-molas*, mas não apresenta uma definição de *lombada* como elemento das vias urbanas. Devido à ausência da definição de *lombada* remetendo-a à construção da via, procuramos em um quarto dicionário, Michaelis (2001), e encontramos no verbete de *lombada*, além dos registros já mencionados por Aulete (1958), Ferreira (1986) e Houaiss (2009), a seguinte definição: “Elevação construída nas ruas para funcionar como obstáculo capaz de obrigar os motoristas a reduzirem a velocidade”.

De acordo com Michaelis (2001), *quebra-molas* e *lombada* são formas diferentes de nomear o mesmo referente. O mesmo ocorreu com os dados das capitais brasileiras, visto que para a questão 195 - do Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB, destacam-se as duas formas como as mais frequentes, ou seja, *quebra-molas* e *lombada*.

A seguir, apresentamos o Quadro 1 com o registro da lematização nos principais dicionários pesquisados:

Quadro 1 – Variantes dicionarizadas (Questão 195)

DICIONÁRIOS									
Variantes	AULETE (1958)			FERREIRA (1986)			HOUAISS (2009)		
	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente (s)	Não registrado	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado
Lagarto		X			X			X	
Lombada		X			X		X	X	
Mondrongo		X			X			X	
Morro		X			X			X	
Ondulação		X			X			X	
Quebra-molas			X		X		X		
Redutor		X			X			X	
Tartaruga		X			X			X	

Fonte: Elaborado pela autora

A questão 195. *Quebra-molas* do Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB busca registrar as respostas para a pergunta: “como se chama aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Ao todo, coletamos 264 dados, indicando que alguns informantes deram mais de uma resposta. Além disso, obtivemos quatro registros que não são computados ao valor absoluto, pois fazem parte das respostas não formuladas ou quando o informante não soube responder (NS) ou não se lembrou do nome (NL).

O Quadro 2 apresenta o rol de variantes mais produtivas e o grupo das *outras variantes*, com seus respectivos valores absolutos e percentuais por região e capital.

Quadro 2 – Variantes da pergunta 195 por produtividade

Variantes mais produtivas									
	REGIÃO/CAPITAL	Quebra-molas		Lombada		Outras		Subtotal por região	Subtotal por Capital
		N	%	N	%	N	%		
NORTE	Macapá	3	30	7	70	-	-		10
	Boa Vista	7	88	1	12	-	-		8
	Manaus	6	40	5	33	4	27		15
	Rio Branco	8	89	1	11	-	-		9
	Porto Velho	5	36	5	36	4	28		14
	Belém	1	11	8	89	-	-		9
	Número de ocorrência	30		27		8		65	
	%	46		42		12		24	
		N	%	N	%	N	%		
NORDESTE	São Luís	5	45	6	55	-	-		11
	Teresina	6	55	5	45	-	-		11
	Fortaleza	3	23	6	46	4	31		13
	Natal	3	27	7	64	1	9		11
	João Pessoa	4	36	7	64	-	-		11

	Recife	5	42	7	58	-	-		12
	Maceió	7	64	4	36	-	-		11
	Aracaju	7	64	4	36	-	-		11
	Salvador	4	50	3	38	1	12		8
	Número de ocorrência	44		49		6		99	
	%	44		50		6		37	
		N	%	N	%	N	%		
CENTRO-OESTE	Cuiabá	5	62	2	25	1	13		8
	Campo Grande	8	100	-	-	-	-		8
	Goiânia	5	50	3	30	2	20		10
	Número de ocorrência	18		5		3		26	
	%	69		19		12		10	
		N	%	N	%	N	%		
SUDESTE	Belo Horizonte	7	64	2	18	2	18		11
	Vitória	8	53	4	27	3	20		15
	Rio de Janeiro	7	88	1	12	-	-		8
	São Paulo	3	30	6	60	1	10		10
	Número de ocorrência	25		13		6		44	

	%	57		29		14		16	
		N	%	N	%	N	%		
SUL	Curitiba	1	10	8	80	1	10		10
	Florianópolis	4	31	8	61	1	8		13
	Porto Alegre	5	62	3	38	-	-		8
	Número de ocorrência	10		19		2		31	
	%	32		61		6		12	
	Subtotal	Quebra-molas 126		Lombada 113		Outras 25		Total 264	
	Valores percentuais %	48		43		9		100	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Das 264 respostas obtidas para a questão 195. *Quebra-molas*, 126 são destinadas ao uso de *quebra-molas*, o que equivale a 48% dos dados. *Lombada* é a segunda forma mais lembrada pelos informantes das capitais brasileiras, sendo 113 ocorrências, computando 43% das respostas. O montante agrupado em *outras variantes*, com 25 ocorrências (9%), diz respeito a dez formas elicitadas como hápax: *cabeça de baiano*, *lagarto*, *mondrongo*, *morrinho*, *júlio baiano*, *quebra-mula*, *arrebenta pneu*, *guarda deitado*, *cavalo deitado*, *brigadeiro deitado*. E quatro formas com baixa produtividade: *ondulação* (2), *redutor de velocidade* (3), *tartaruga* (7), *quebra-carro* (2).

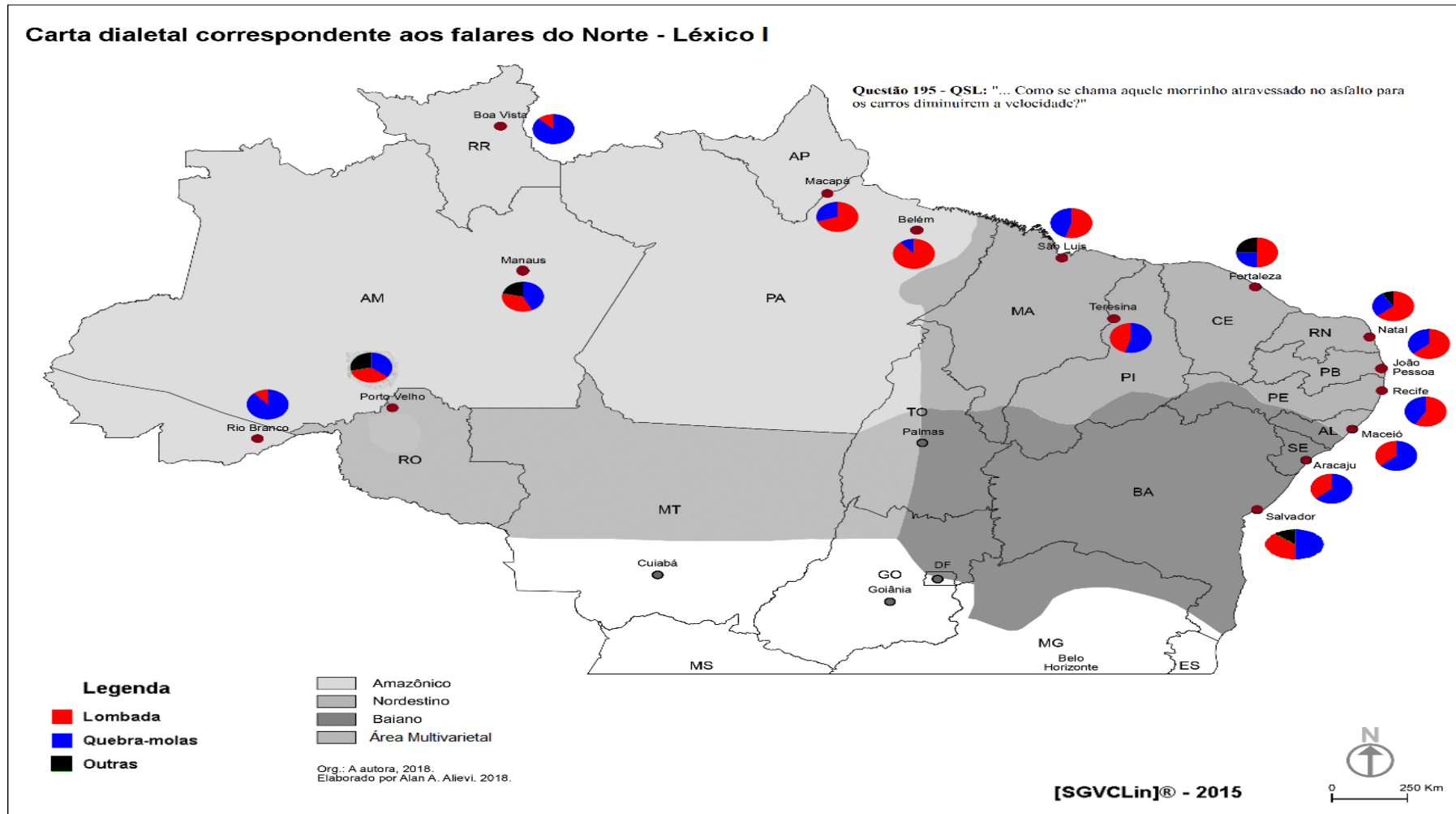
A variante *tartaruga* concentra-se na capital de Porto Velho com quatro ocorrências na fala dos informantes 1,3,4 e 8. Em Fortaleza encontramos mais dois registros da variante na fala dos informantes 2 e 3. Não consideramos a forma como um grupo de variantes mais produtivas, pois, se comparada aos dados de *quebra-molas* e *lombada* que marcam mais de cem registros, a forma *tartaruga* é pouco produtiva, mas revela a presença da variante nas capitais do Norte.

É importante observar que em duas capitais apenas (Boa Vista e Salvador) os informantes se limitaram a dar uma única resposta enquanto nas demais era frequente o falante elencar duas ou mais variantes como resposta. Isto significa que, para a maioria, não existe uma única forma “correta” para denominar aquele redutor de velocidade, recorrendo muitas vezes a nomes jocosos, como *júlio baiano*, *quebra-mula*, *arrebenta pneu*, *guarda deitado*, *cavalo deitado*.

4.1.1 ANALISANDO OS FALARES DO NORTE (Q- 195)

A carta experimental I distribui os dados de acordo com a área dos falares do Norte, como mostra a Figura 3.

Figura 3 – Carta experimental I – Falares do Norte (Questão 195 do QSL)



Elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi.

Fonte: Dados do ALiB aplicados à proposta de Nascentes (1953)

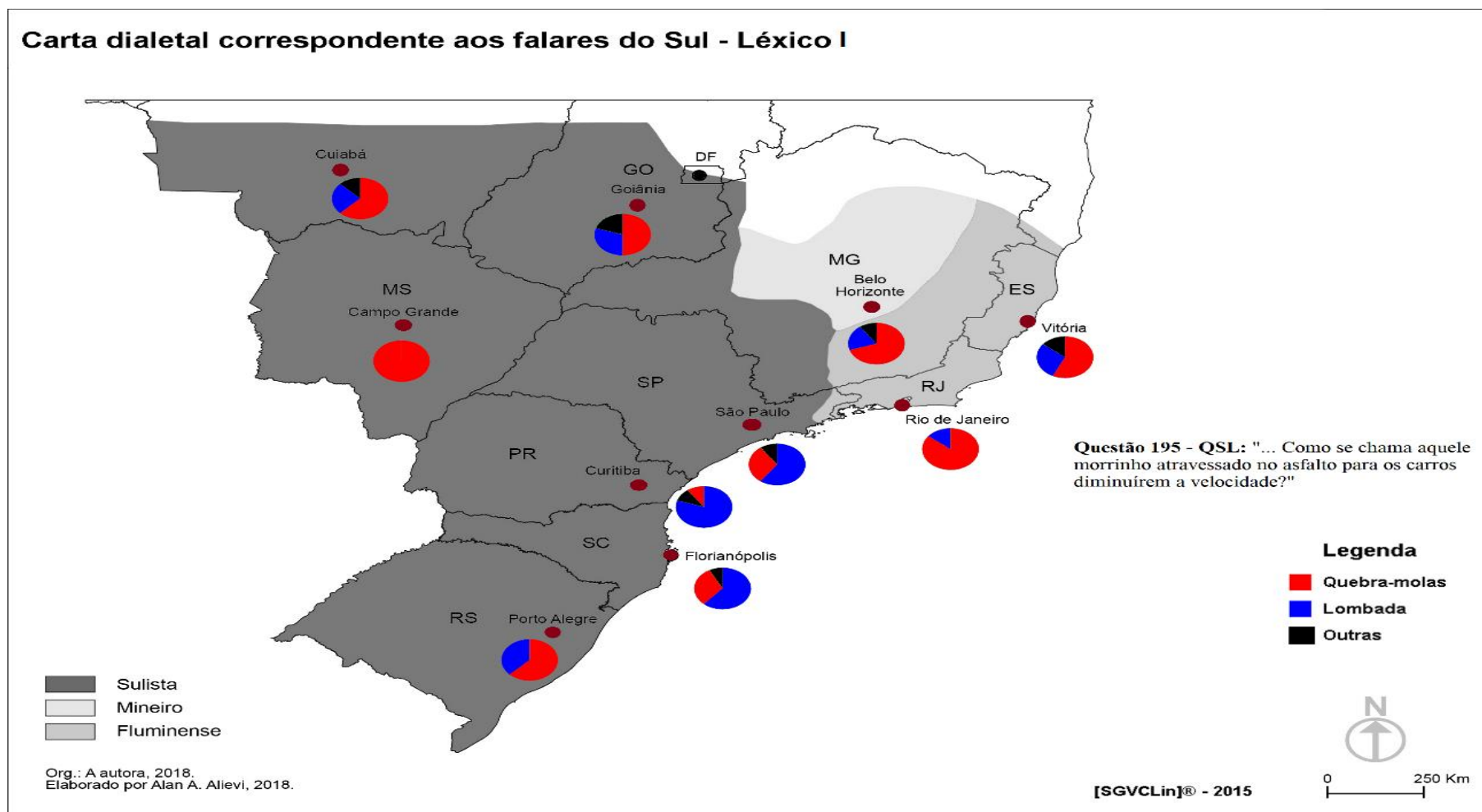
Dos 48 informantes da Região Norte, registramos 65 respostas das quais 30 (46%) são destinadas ao uso de *quebra-molas*, 27 (41%) ao uso de *lombada* e oito registros dos dados de *outras variantes* (12%). As formas pouco produtivas encontradas no Norte do Brasil são: *redutor de velocidade* (1), *quebra-carro* (1), *mondongo* (1), *lagarto* (1) e *tartaruga* (4). Na Região Nordeste, temos 72 inquéritos e 99 respostas, destas 44 (44%) são registros de *quebra-molas*, 49 (49%) de *lombada* e seis (6%) das formas com baixa produtividade: *morrinho* (1), *redutor de velocidade* (1), *tartaruga* (2) e *Júlio baiano* (1).

Sobre os possíveis subfalares do Norte (amazônico, nordestino e baiano) identificamos que os itens *quebra-molas* e *lombada* estão presentes, com altos índices de produtividade, em todas as áreas que definiriam os subfalares de Nascentes (1953). No subfalar amazônico, por exemplo, há o registro das duas variantes de forma similar, havendo, pois, equilíbrio no uso das formas. Em algumas capitais, *quebra-molas* é hegemônica (Boa Vista 88% e Rio Branco 89%), do mesmo modo que há capitais em que *lombada* é a lexia mais utilizada, como em Macapá (70%) e Belém (89%). Nas capitais de Porto Velho e Manaus, *lombada* e *quebra-molas* encontram-se em concorrência, havendo o registro de *outras variantes*, como *lagarto* e *mondongo*, formas jocosas registradas em Manaus.

Na Região do Nordeste, área do *subfalar nordestino*, verificamos que os percentuais de *lombada* e *quebra-molas* não ultrapassam 64% dos dados, em frequências similares de uma variante para outra. O grupo das *outras variantes* atinge 31% dos registros em Fortaleza, com as formas *tartaruga*, *redutor de velocidade* e *morrinho*; e um registro em Natal (*redutor de velocidade* – 9%), o que significa que na região Nordeste, no que diz respeito aos itens para a questão 195. *Quebra-molas* – QSL, também não há nenhum traço específico que possa definir um subfalar, ou vestígios de sua existência, visto que as formas pouco produtivas também são encontradas em outras localidades. O mesmo identificamos na área destinada ao *subfalar baiano*, isto é, a ausência de particularidades, no entanto, neste território o uso de *quebra-molas* é maior se comparado ao de *lombada*, sendo 64% em Aracaju e 50% em Salvador.

Na sequência, a Figura 4 representa as formas mais frequentes nos falares do Sul.

Figura 4 – Carta experimental II – Falares do Sul (Questão 195 do QSL)



Elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi.

Fonte: Dados do ALiB aplicados à proposta de Nascentes (1953)

4.1.2 Analisando os Falares do Sul (Q – 195)

Na Região Centro-Oeste, dos 24 inquéritos obtivemos 26 respostas, dentre as quais 18 ocorrências são destinadas ao uso de *quebra-molas*, o que representa 69% dos dados. O grupo das *outras variantes* é composto por *tartaruga* (1), *ondulação permanente* (1) e *cabeça de baiano* (1). Na Região Sudeste, temos 32 informantes e um total de 44 respostas, das quais identificamos novamente a preferência por *quebra-molas* (25 ocorrências e 57%). Seis ocorrências de formas com baixa produtividade: *arrebenta pneu* (1), *quebra-carro* (2), *ondulação* (1), *quebra-mula* (1) e *guarda deitado* (1).

Na Região Sul, por sua vez, os 24 inquéritos totalizaram 31 respostas, com destaque para *lombada*, com 19 ocorrências (61%). Novamente as formas pouco produtivas resumem-se a expressões lúdicas ou jocosas: *cavalo deitado* (1) e *brigadeiro deitado* (1).

Sobre os três subfalares, observamos que, na área destinada ao *subfalar sulista* a concorrência entre *lombada* e *quebra-molas* é bastante evidente, as formas são registradas em todas as capitais, exceto em Campo Grande em que *quebra-molas* atinge 100% do uso. Nos pontos 179, 220 e 230 *lombada* aparece como a forma mais produtiva atingindo até 80% dos dados, enquanto nas localidades 108, 123 e 243 *quebra-molas* é a forma mais recorrente. Como se vê, não há um traçado capaz de definir linhas de isoléxicas, já que a mistura das variantes ocorre de forma esparsa. Em Belo Horizonte, ponto 138, capital representativa do subfalar mineiro, a forma *quebra-molas* é a mais frequente, com 64% dos dados, assim como nas capitais do subfalar fluminense, a variante *quebra-molas* atinge 88% dos dados no Rio de Janeiro e 53% em Vitória.

Diante da impossibilidade de comprovar a existência dos falares, tanto do Norte quanto do Sul, observamos, diferenças sutis nos registros das capitais das Regiões Norte e Nordeste que compõem o *falar do Norte* em que se sobressai a forma *lombada* (76 ocorrências) enquanto na área do falar do Sul se destaca *quebra-molas* (53 ocorrências). Em todas as localidades os informantes reconhecem e alternam o uso das duas variantes, como evidenciam os próprios falantes:

(24) INQ. – E aquele morro atravessado no asfalto assim...pros carros diminuïrem a velocidade.

INF. – *Lombada*.

INQ.-*Lombada*?

INF.-*Lombada*...alguns falam *quebra-molas*, mas *lombada* é mais comum (002-5- Macapá).

(25) INF.- *Quebra-molas, lombada...*
 INQ.- Tem diferença entre um e outro?
 INF.- Não (020-5- Rio Branco).

(26) INF.- *Lombada.*
 INQ.- Tem outra maneira de chamar?
 INF.- Chama... o pessoal chama *quebra-mola* também.
 INQ.- Aqui nessa área chama?
 INF.- É, uns chama *lombada* outros chama *quebra-mola* (079-3-Aracaju).

(27) INF.- O *quebra-mola*.
 INQ.- Tem outro nome?
 INF.- Eu sei que existe *lombada*, né (risos) (138-5-Belo Horizonte).

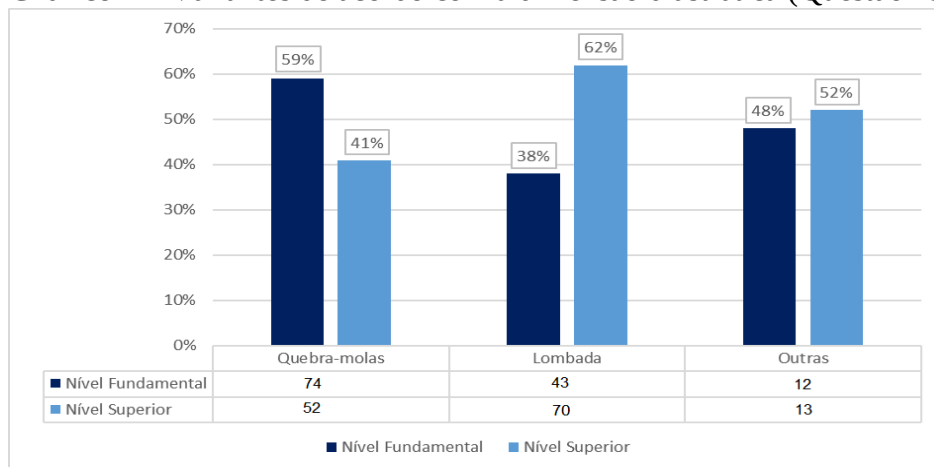
(28) INQ.- Como chama aquele morrinho atravessado no asfalto que os carros diminuem a velocidade?
 INF.- *Lombada*, e no popular, *quebra-mola* (230-1- Florianópolis).

Damos sequência à análise dos dados de acordo com as dimensões sociolinguísticas, a começar pela diastrática.

4.1.3 Dimensão Diastrática – Questão 195 (QSL)

Ao analisar os dados na perspectiva diastrática, conseguimos identificar que as categorias sociais, divididas entre informantes que têm o ensino fundamental e aqueles que concluíram o curso superior, optam por lexias diferentes sendo *quebra-molas* a preferida pelos falantes de nível fundamental, com 74 (59%) e *lombada* com 70 (62%) registros feitos pelos informantes com ensino superior, como apresentado no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Variantes de acordo com a dimensão diastrática (Questão 195)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

O informante três de Macapá explica que, antigamente, quem fazia os *quebra-molas* das ruas eram os próprios moradores e já davam esse mesmo nome para esse redutor de velocidade, como podemos ver no diálogo a seguir:

(29) INQ.- Ah não, esse é um tipo de um morrinho no meio da estrada, no meio da rua...

INF.- Ah sim, aqui nós tinha um tal de *quebra-mola*, mas a gente fazia memo de, de dois pau aqui com terra que o pessoal às vezes faz, quando nós fazia memo cubria de asfalto, chamava *quebra-mola* aqui, sabe.

INQ.- Isso, isso mesmo (002-3-Macapá).

Já o informante 1 de Porto Velho, a princípio, parece confundir o elemento com outro referente utilizado no trânsito, popularmente conhecido como *tartaruga*. Ao diferenciar os itens das vias o falante esclareceu que:

(30) INQ. – Tem diferença entre *quebra-mola* e a *tartaruga*?

INF. – Rapai, se tem eu num sei não, eu sei que chamam de *quebra-mola*.

INQ. – E como é o *quebra mola*?

INF. – *Quebra-mola* é aquele que cumpridão que os carro passa por cima, e parece que a *tartaruga* é aqueles piquininim assim uns blocozím assim, separado um do outro (021-1-Porto Velho)

Como demonstrado, os informantes de nível fundamental, tanto jovens quanto idosos, conhecem o referente como *quebra-molas* e o descrevem de acordo com o próprio conhecimento de mundo, seja ele feito no estilo mais bruto, com pedaços de pau para que os veículos diminuam a velocidade ou a forma mais conhecida, a ondulação comprida feita de asfalto.

Passamos, pois, para os diálogos dos informantes universitários:

(31) INF.-*Lombada*, chamo de *lombada*, mas utilizam mais o *quebra-mola*...chamam de *quebra-mola*.

INQ.-Mas você usa mais qual?

INF.- *Lombada* (021-5-Porto Velho).

(32) INQ. – Uhn hum... e às vezes, nas ruas tem aqueles morrinhos, né, atravessando o asfalto...

INF. – As *lombadas*.

INQ. – Sim, e chama por outro nome?

INF. – Chama *quebra-mola*.

INQ. – É a mesma coisa...

INF. – É (070-6-Recife).

Como podemos ver nos diálogos citados o informante 021-5 reconhece as duas formas como sinônimas, afirmando que a variante mais utilizada é *quebra-molas*, como ratificam os dados da pesquisa, mas particularmente o informante prefere chamá-la de *lombada*, assim como a maioria dos falantes de nível superior. O informante 070-6 explica que as duas lexias se referem ao mesmo objeto, afirmando que são “a mesma coisa...”.

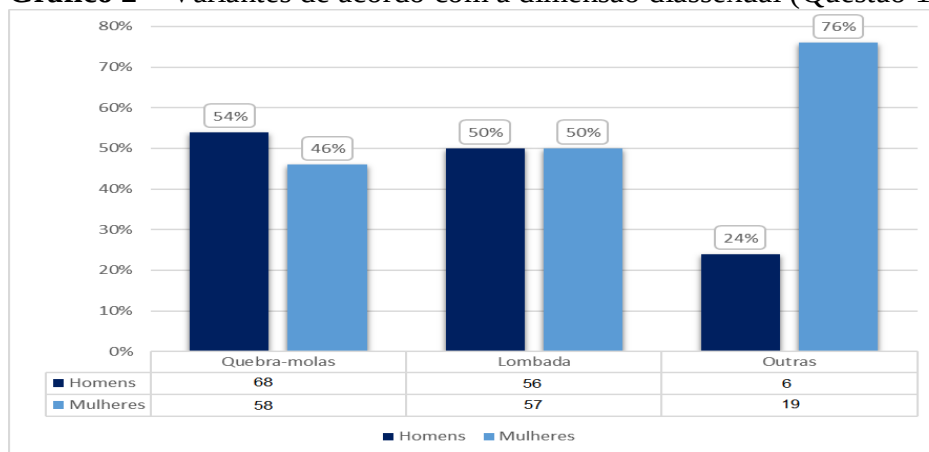
Portanto, os dados sugerem que a dimensão diastrática é significativa na escolha lexical dos falantes, visto que os registros de *quebra-molas* foram feitos, em sua maioria, pelos informantes de nível fundamental, ao passo que *lombada* foi elicitada, principalmente, pelos falantes de nível superior.

Na sequência, verificamos se a dimensão diassexual também é fator de influência na escolha lexical dos informantes das capitais.

4.1.4 Dimensão Diassexual – Questão 195 (QSL)

Observamos que a dimensão diassexual não determina uma variante usada mais pelas mulheres ou pelos homens, mas ambos apresentaram frequências próximas dos registros, de modo que *lombada* atinge 50% dos dados tanto na fala feminina quanto na fala masculina e *quebra-molas* marca 54% do uso pelos homens e 46% pelas mulheres, como demonstra o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Variantes de acordo com a dimensão diassexual (Questão 195)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Os dados mostram que as informantes conhecem um número maior de denominações para o referente, sendo 19 registros de *outras variantes*, o que significa 76% dos dados.

Ao longo das análises dos itens da *vida urbana* foi possível identificar que essa realidade é identificada nos dados da dimensão diassexual do item 197. *Meio-fio* e do item em

questão, isto é, 195. *Quebra-molas*, ou seja, as mulheres tendem a apresentar mais variantes que os homens, para esses dois referentes, como demonstram os diálogos com algumas das lexias registradas pelas informantes femininas:

(33) INQ.- Aquele morrinho atravessado no asfalto para o carro diminuir a velocidade?

INF.- Chamam de *lombada* ou *quebra-molas*

INQ.- Não tem assim um outro nome?

INF.- Chamam de *lagarto* mas é difícil, mais *quebra-molas* (006-2-Manaus).

(34) INQ.- Aquele morrinho atravessado no asfalto para o carro parar, diminuir a velocidade?

INF.- Pois é, *mondrongo*, tô falando o que vem na cabeça, *mondrongo*... já esqueci otro nome com'ê que é que chama.

INQ.- Esse é o nome mais comum que as pessoas falam?

INF.- Eu acho que *mondrongo* (006-8-Manaus).

(35) INQ. - Aquele morrinho que é atravessado no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade?

INF. - É o *guarda-deitado*.

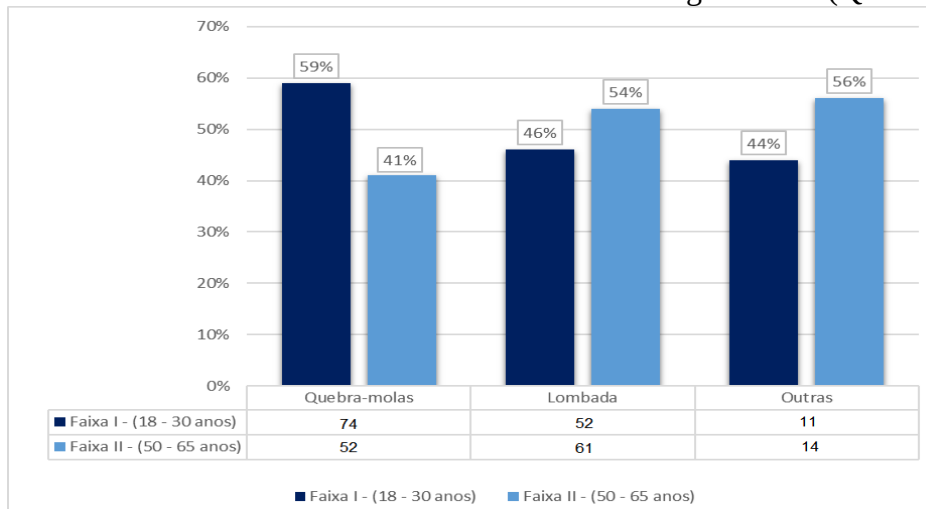
INQ. - Tem outro nome?

INF. - Ai tem, comê que chama é é ... *quebra-molas* (179-4-São Paulo).

A seguir, verificamos se a dimensão diageracional interfere na escolha lexical dos falantes.

4.1.5 Dimensão Diageracional – Questão 195 (QSL)

A análise diageracional demonstrou que, dentre as variantes mais recorrentes, *quebra-molas* tem mais vigor na fala dos informantes jovens, ao passo que *lombada* é representativa nos inquéritos da segunda faixa etária (50-65 anos). Os dados apontaram 74 ocorrências de *quebra-molas* no grupo da faixa I (18-30 anos), o que representa 59% dos dados, enquanto que *lombada* ocorre em 61 registros no grupo da faixa II, com um percentual de 54%. O grupo das outras variantes apresentam valores aproximados, sendo 44% para os falantes jovens e 56% para os falantes idosos, como visualizamos no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Variantes de acordo com a dimensão diageracional (Questão 195)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Por meio dos dados do *corpus*, verificamos que para a questão 195-*Quebra-molas* do QSL do Projeto ALiB, foram registradas duas formas em destaque, *quebra-molas* e *lombada*, com índices elevados em todas as capitais do país. A maior ou menor incidência dessas formas em uma ou outra região não leva à indicação de linhas de isoglossas, apesar de *lombada* ser um pouco mais frequente no Norte e Nordeste do Brasil e *quebra-molas* no Centro-Oeste, Sul e Sudeste; correspondendo, respectivamente, aos falares do Norte e Sul.

De acordo com as dimensões aqui analisadas, a escolaridade parece definir o uso de *quebra-molas* entre os falantes de nível fundamental e o de *lombada* entre os de nível superior. Quanto à variável sexo, os dados demonstraram uma ligeira preferência pelo uso de *quebra-molas* na fala dos homens. Do mesmo modo, a dimensão diageracional permite considerar que *quebra-molas* é a forma preferida pelos informantes da Faixa I e *lombada*, pelos falantes da Faixa II. como ratificam os comentários a seguir, em que os informantes jovens 138-2 e 108-2 conhecem o referente por *quebra-molas* e os idosos (179-8 e 093-3) até registram outras formas, porém afirmam que a variante considerada como “certa” é *lombada*:

(36) INF.- *Quebra molas*.

INQ.- Não tem outro nome?

INF.- Quando é alto demais a gente fala: “*quebra mula, arrebenta peneu*” é o que é mais aqui que a gente escuta é *quebra-mola* e *quebra mula* (138-2- Belo Horizonte).

(37) INQ.- E aquele morrinho assim que tem atravessado no meio da rua assim pro carro passar.

INF.- Mei... é... ...ai que coisa, meio-fio não, é... ...*quebra-mola*.

INQ.- *Quebra-mola*? tem mais algum nome? que vocês falam por aqui?

INF.- Não (108-2- Cuiabá)

(38) INQ.- E aquele morrinho que fica no asfalto atravessado, assim, pra forçar os motoristas a diminuïrem a velocidade?

INF.- *Tartaruga*.

INQ.- *Tartarugas*, ou então... as vezes as *tartarugas*...

INF.- É pequenininho, um do lado do otro. Qual cê tá falando?

INQ.- Esse é um tipo de (inint).

INF.- Ah, *lombada* (179-8-São Paulo).

(39) INQ. – E aquele morrinho atravessado no asfalto pra os carros...

INF. – *Lombada*.

INQ. – Como?

INF. – *Lombada*.

INQ. – Chama de outro jeito aqui?

INF. – Chama *júlio baiano*.

INQ. – Como?

INF. – Nego chama de *júlio baiano*.

INQ. – É?

INF. – Mas o certo mehmo é *lombada* (093-3- Salvador).

4.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CALÇADA

Figura 5 – Imagem de calçada



Fonte: Krieger (2019)

INQ. – E na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados num caminho revestido de laje ou ladrilhos. Como se chama esse caminho?

INF. – Chama *calçada* ou *passeio* (026-3-São Luís- NE).

Em pesquisa online encontramos a seguinte definição de *calçada*, de acordo com o site do Detran-PR: “parte da via, normalmente segregada e em nível diferente, não destinada à circulação de veículos, reservada ao trânsito de pedestres e, quando possível, à implantação de mobiliário urbano, sinalização, vegetação e outros fins”. Além das orientações sob como deve ser construída a *calçada* ou *passeio*, segundo o padrão da prefeitura de Londrina: “As

calçadas devem ser contínuas, sem degraus, sem mudanças abruptas de níveis, inclinações, barreiras ou saliências no seu trajeto, que possam dificultar o trânsito dos pedestres”.

A construção na via é reservada para o trânsito seguro dos pedestres, as pesquisas lexicográficas trazem as seguintes definições sobre o léxico *calçada*: “caminho ou rua revestido de pedras. 2. Caminho pavimentado para pedestres, quase sempre mais alto que a parte da rua destinada aos veículos, e geralmente limitado pelo meio-fio, passeio” (FERREIRA, 1968); “calçada rua ou caminho empedrado. Pavimento ao longo das casas para trânsito de pedestres; passeio” (AULETE, 1958) e “caminho calçado ou pavimentado, destinado à circulação de pedestres, quase sempre mais alto que a parte da rua em que trafegam os veículos, passeio” (HOUAISS, 2009).

No que tange à definição de *passeio*, obtivemos as seguintes descrições: “O percurso de certa extensão de caminho, para exercício ou divertimento. Lugar onde habitualmente se passeia. Caminho um pouco elevado que ladeia as ruas junto às casas e se destina ao trânsito dos pedestres; calçada” (FERREIRA, 1968); “parte lateral de algumas ruas destinadas para o trânsito só de gente a pé; calçada” (AULETE, 1958) e “caminho destinado aos pedestres, quase sempre mais alto que a parte da rua em que trafegam os veículos, calçada” (HOUAISS, 2009).

Como observado, *calçada* e *passeio* são lexias sinônimas e utilizadas frequentemente na fala dos informantes das capitais brasileiras, como o exemplo em epígrafe, e nas obras lexicográficas consultadas. Desta forma, damos sequência à análise dos dados, discutindo sobre o uso das formas mais recorrentes e o grupo das *outras variantes* tendo em vista a divisão dialetal (NASCENTES, 1953) e as quatro dimensões sociolinguísticas.

Na sequência, apresentamos a lematização das variantes para a questão 196.

Quadro 3 – Variantes dicionarizadas (Questão 196)

DICIONÁRIOS									
	AULETE (1958)			FERREIRA (1986)			HOAUISS (2009)		
Variantes	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado
Acostamento		X			X		X	X	
Bordadura		X			X		X	X	
Calçada	X	X		X	X		X	X	
Calçadão			X	X			X		
Calçamento		X			X		X	X	
Paralela		X			X			X	
Passarela		X			X		X	X	
Passeio	X	X		X	X		X	X	
Paralelepípedo		X			X			X	
Pedestre		X			X			X	

Fonte: Elaborado pela autora

4.2.1 Questão 196 – Calçada

Nas capitais brasileiras coletamos 231 respostas para a questão 196, ou seja, alguns informantes elicitaram mais de uma forma. A pergunta para *calçada* no Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB está assim formulada: “Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Dentre os registros, destacaram-se duas lexias *calçada* e *passeio* que são analisadas separadamente, as formas hápax ou pouco produtivas foram reunidas no grupo das *outras variantes*.

O Quadro 4 apresenta a quantidade coletada de variantes para as formas mais produtivas e do grupo das *outras variantes*, com seus respectivos valores absolutos e percentuais por região e capital:

Quadro 4 – Variantes da pergunta 196 por produtividade

	Variantes mais produtivas								
NORTE	REGIÃO/CAPITAL	Calçada		Passeio		Outras		Subtotal por região	Subtotal por capital
		N	%	N	%	N	%		
	Macapá	8	80	-	-	2	20		10
	Boa Vista	8	100	-	-	-	-		8
	Manaus	8	89	-	-	1	11		9
	Rio Branco	7	78	1	11	1	11		9
	Porto Velho	8	89	1	11	-	-		9
	Belém	8	89	-	-	1	11		9
	Número de ocorrência	47		2		5		54	
	%	87		4		9		23	
NORDESTE		N	%	N	%	N	%		
	São Luís	8	80	2	20	-	-		10
	Teresina	7	100	-	-	-	-		7
	Fortaleza	8	80	1	10	1	10		10
	Natal	7	70	1	10	2	20		10
	João Pessoa	8	80	2	20	-	-		10
	Recife	8	80	-	-	2	20		10
	Maceió	8	100	-	-	-	-		8
	Aracaju	7	64	1	9	3	27		11
	Salvador	5	45	6	55	-	-		11

	Número de ocorrência	66		13		8		87	
	%	76		15		9		38	
CENTR-OESTE		N	%	N	%	N	%		
	Cuiabá	8	80	2	20	-	-		10
	Campo Grande	8	80	1	10	1	10		10
	Goiânia	8	100	-	-	-	-		8
	Número de ocorrência	24		3		1		28	
	%	86		11		3		12	
		N	%	N	%	N	%		
SUDESTE	Belo Horizonte	2	20	8	80	-	-		10
	Vitória	8	73	2	18	1	9		11
	Rio de Janeiro	8	100	-	-	-	-		8
	São Paulo	8	100	-	-	-	-		8
	Número de ocorrência	26		10		1		37	
	%	70		27		3		16	

SUL		N	%	N	%	N	%		
	Curitiba	8	89	1	11	-	-		9
	Florianópolis	8	100	-	-	-	-		8
	Porto Alegre	8	100	-	-	-	-		8
	Número de ocorrência	24		1		-		25	
	%	96		4		-		11	
	Subtotal	Calçada 187		Passeio 29		Outras 15		Total 231	
	Valores percentuais %	81		13		6		100	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

4.2.2 Analisando os Falares do Norte (Q- 196)

Sobre o tema foram coletados 54 registros dos 48 informantes da Região Norte, a forma *calçada* é a mais recorrente, com 47 ocorrências (87%), *passeio* apresenta apenas dois registros, ou seja, 4% dos dados e o grupo das *outras variantes*, representado pelas formas: *paralela* (1), *beira da rua* (1), *bordadura* (1) e *pista de pedestre* (1) representa 9% dos dados. Na Região Nordeste, junto aos 72 informantes coletamos 87 respostas, sendo 66 (76%) ocorrências de *calçada*, 13 (15%) de *passeio* e 8 (9%) para o grupo das *outras variantes* (*caminho dos pedestres* [1], *acostamento* [2], *calçamento* [3], *calçadão* [1], *passarela* [1]).

Os dados permitem considerar que *calçada* é a forma padrão nas capitais brasileiras, já que a variante marca o percentual de 81%, predominando em praticamente todas as localidades⁷. *Passeio*, por sua vez, é a segunda variante mais produtiva nas capitais, com 29 ocorrências, equivalente a 13% dos dados.

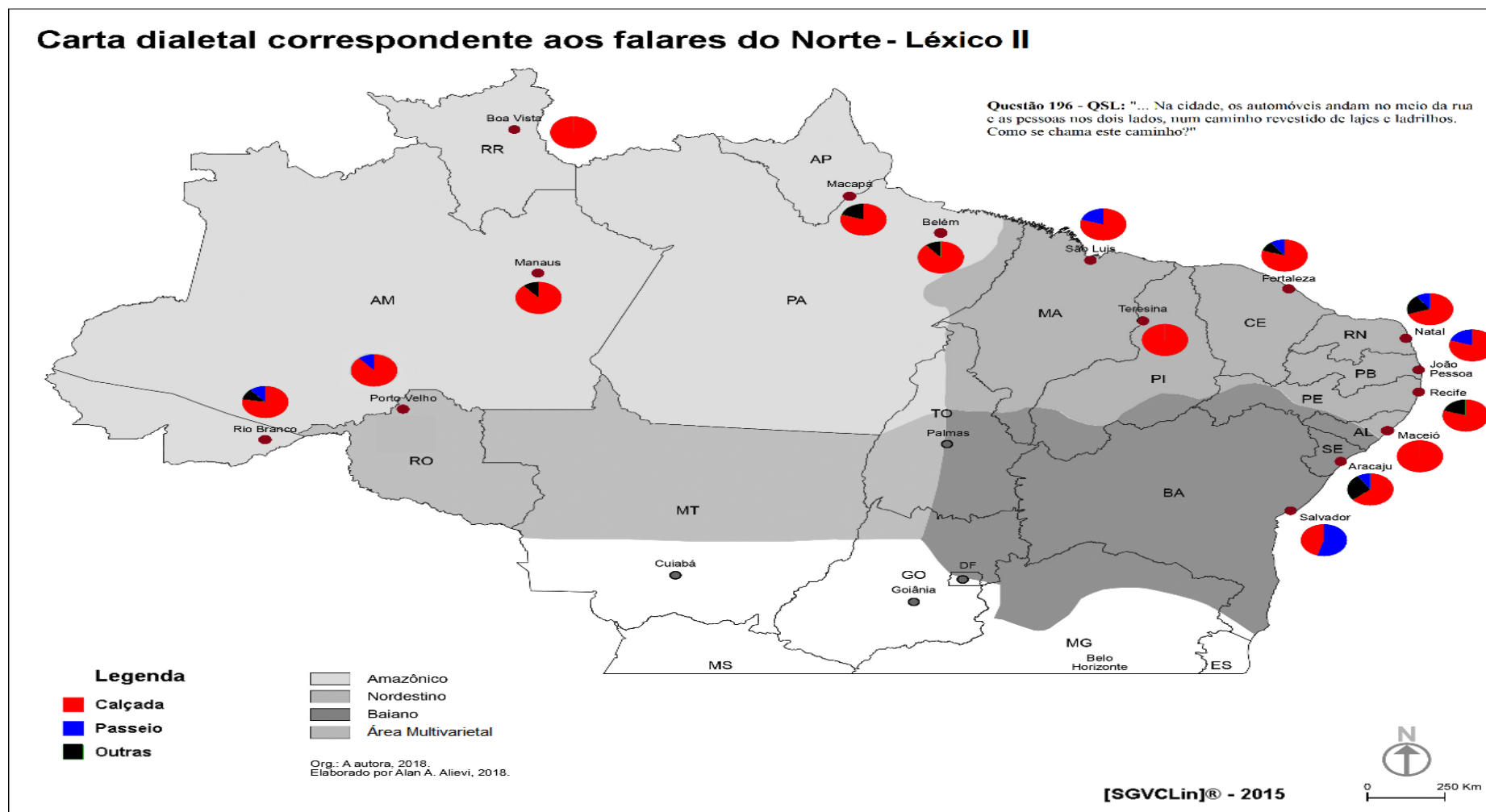
Embora os resultados não mostrem qualquer indício de divisão entre os falares do Norte e seus respectivos subfalares, tecemos aqui alguns comentários sobre a produtividade das variantes recolhidas nessas áreas. A forma padrão predomina na área definida por Nascentes (1953) como subfalar amazônico, atingindo 100% dos dados em Boa Vista, 89% em Porto Velho, 89% em Belém, 80% em Macapá e 78% em Rio Branco. Os percentuais destinados ao uso de *passeio* equivalem a 11% na capital de Porto Velho e Rio Branco. A área apresenta algumas formas não registradas em outra localidade, e ocorrências únicas: *encosto*, *paralela*, *beira da rua*, *bordadura* e *pista de pedestre*, variantes criadas pela ausência do conhecimento do nome corrente na localidade.

No território considerado pelo dialetólogo como subfalar nordestino a variante *calçada* alcança índices de 100% em Teresina e Maceió, nas outras localidades o percentual varia de 70% a 80% dos dados. A lexia *passeio*, neste território, registra 10% em Fortaleza e Natal; e 20% em São Luís e João Pessoa. Relatamos que as formas pouco produtivas: *caminho de pedestre*[2], *calçamento* [2] e *acostamento* [2], só são encontradas nesta área, não indicando formação de isoglossa.

Já as capitais do possível *subfalar baiano* evidenciam a preferência por *passeio* em Salvador, com 55% dos dados, enquanto Aracaju mantém a forma padrão, com 64% dos registros, como ilustrado na Figura 6, a seguir.

⁷ Exceto nos pontos 093-Salvador e 138-Belo Horizonte em que a forma *passeio* ganha maior destaque.

Figura 6 – Carta experimental III – Falares do Norte (Questão 196 do QSL)



Elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi.

Fonte: Dados do ALiB aplicados à proposta de Nascentes (1953)

A tarefa que assumimos, isto é, a de verificar, com base nos dados lexicais referentes à vida urbana, a possibilidade de delimitar os subfalares do Norte, demonstrou-se ineficaz neste particular. Como vimos, a forma padrão é predominante em todo o Norte e Nordeste do país, apresentando algumas particularidades, mas com pouca influência na fala dos informantes nortistas e nordestinos, fato que não permite afirmar que os subfalares estabelecidos por Nascentes ainda se mantêm do ponto de vista do léxico. O mesmo identificamos nos falares do Sul, como descrito no tópico a seguir.

4.2.3 Analisando os Falares do Sul (Q- 196)

Na Região Centro-Oeste, com os 24 inquéritos obtivemos 28 respostas. Todos os informantes registraram a forma *calçada*, acrescentando *passeio* (três registros) e *passarela* (uma ocorrência). No cômputo geral, *calçada* representou 87% dos dados, *passeio* 11% e *passarela*, 3%.

No Sudeste, nos 32 inquéritos, coletamos 37 respostas, das quais 26 (70%) são de *calçada*, dez, da variante *passeio* (27%) e um registro de *calçadão* (3%) para o grupo das *outras variantes*.

Na Região Sul há 24 informantes e 25 respostas. Todos os informantes responderam *calçada* e um acrescentou a forma *passeio* (4%). No cômputo geral, *calçada* representou 96% dos dados coletados.

Quanto aos subfalares do Sul (sulista, fluminense e mineiro), observamos que os dados lexicais referentes à vida urbana não se mostraram eficazes para traçar limites de subfalares, principalmente por ter se restringido este trabalho a dados apenas das capitais brasileiras.

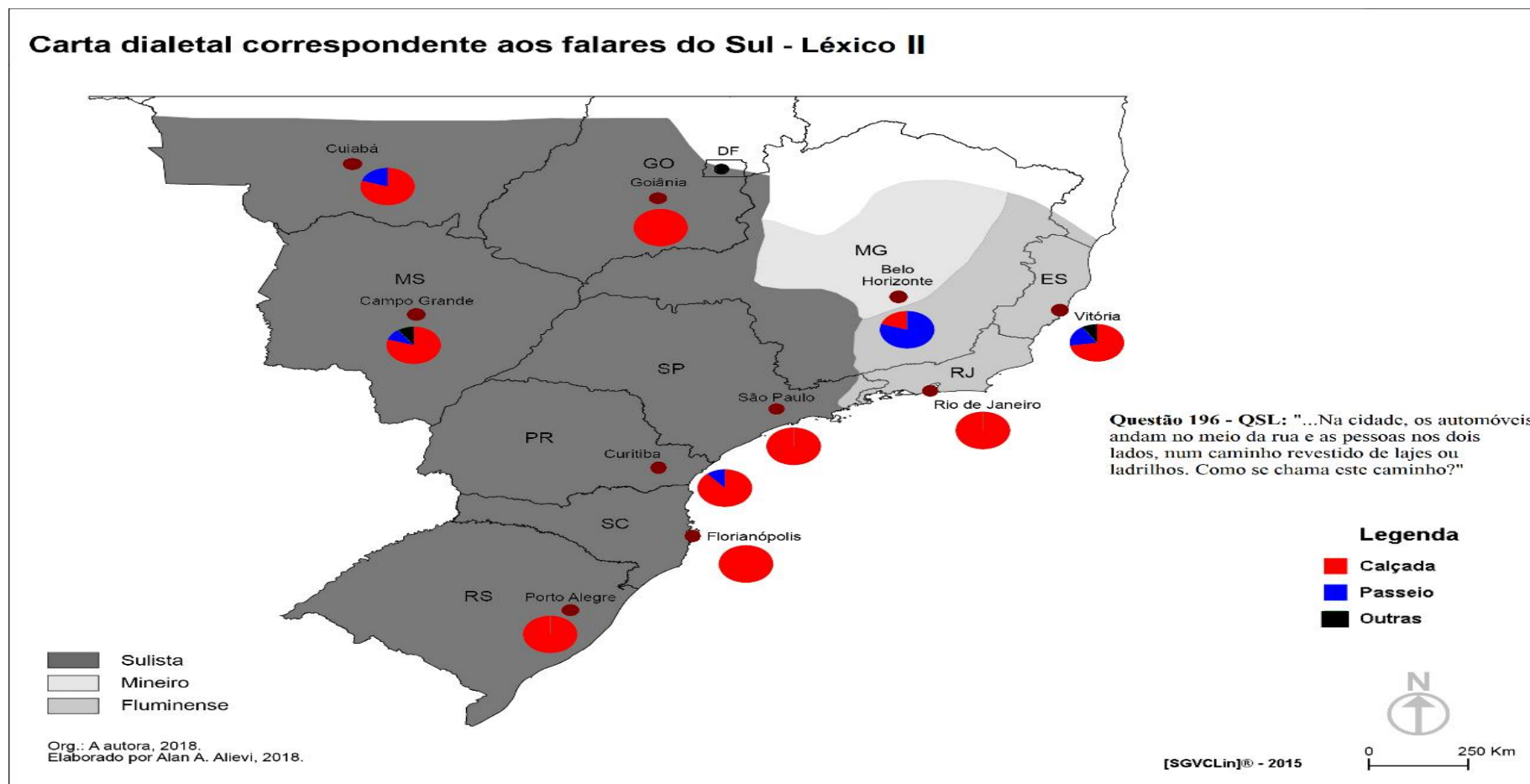
Em relação à área definida como subfalar sulista, os dados mostraram que neste particular não há nenhuma diferenciação dos registros, se comparados ao falares do Norte. A forma padrão preenche todo o território com alguns registros de *passeio* nos pontos 108. Cuiabá (20%), 220. Curitiba (11%) e 115. Campo Grande com 10% do uso de *passeio* e o registro único de *passarela* (10%).

A área que abrange o subfalar fluminense apresenta as mesmas características do sulista, sendo *calçada* predominante no 202. Rio de Janeiro (100%) e Vitória (73%), os capixabas ainda registram 18% de *passeio* (2 ocorrências) e o registro único de *calçadão* (9%). Belo Horizonte, capital caracterizadora do *subfalar mineiro*, diferencia-se do restante dos falares do Sul, sendo a única localidade a utilizar a forma *passeio* como a variante mais produtiva, com 80% dos dados. A preferência dos mineiros pela lexia pode evidenciar uma

tendência de subfalar em Minas Gerais, fato que só poderá ser comprovado a partir da análise da coleta feita no interior do Estado.

Na sequência, apresentamos a Figura 7 que exemplifica a descrição feita neste tópico.

Figura 7 – Carta experimental IV – Falares do Sul (Questão 196 do QSL)



Elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi.

Fonte: Dados do ALiB aplicados à proposta de Nascentes (1953)

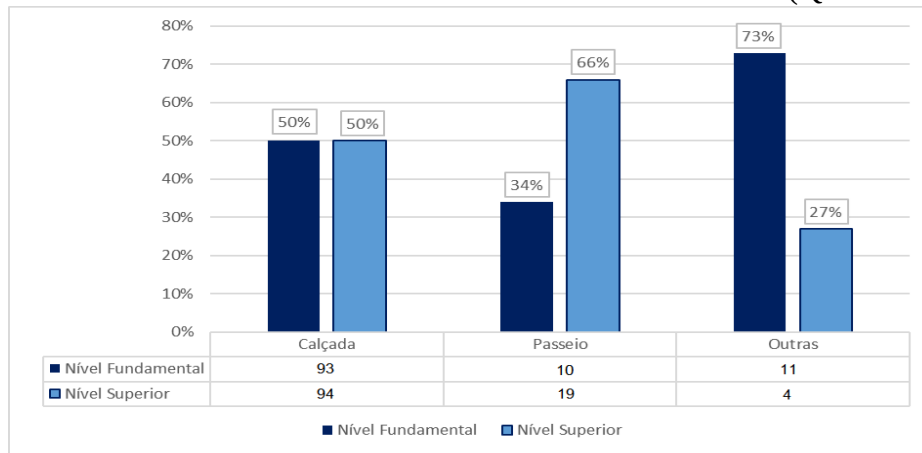
A questão 196, como vimos, apresenta certa singularidade nas capitais brasileiras, no que tange à forma *calçada*. Ao analisar as três dimensões sociolinguísticas observamos o mesmo fenômeno, já que *calçada* está presente na fala de todos os informantes.

Os tópicos seguintes apresentam os Gráficos e alguns comentários dos informantes em relação às dimensões diastrática, diassexual e diageracional.

4.2.4 Dimensão Diastrática – Questão – 196 (QSL)

Dos 187 registros de *calçada*, obtivemos 50% (93 ocorrências) dos dados na fala dos informantes de nível fundamental e os outros 50% (94 registros) foram elicitados pelos falantes com nível universitário. *Passeio*, por seu turno, recebe maiores evidências na fala dos universitários, com 19 dos 29 registros, o que equivale a 66% dos dados, ao passo que são os falantes de menor instrução que apresentam mais formas para o grupo das *outras variantes*, sendo 73% dos dados, conforme ilustramos como o Gráfico 4:

Gráfico 4 – Variantes de acordo com a dimensão diastrática (Questão 196)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Os comentários de nº 40 a 43 ilustram alguns exemplos do uso de *passeio* na fala dos informantes com nível superior, fato que não exclui a variante padrão, mas relata o conhecimento das duas formas, como nos diálogos 40 e 41. Os outros dois comentários (42 e 43) exemplificam que os falantes com menor nível de instrução além de nomearem o referente como *calçada* o conhecem como *paralela* e *bordadura*.

(40) INQ.– Por exemplo, na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, né, nesse caminho revestido de laje ou ladrilho. Como é que as pessoas andam na rua?

INF.– Passeio público ou *calçada* (026-8-São Luís).

(41) INF.- Onde as pessoas... *Calçada*.

INQ.- Tem outro nome?

INF.- *Passeio* (053-7-Natal).

(42)INQ.- E na cidade, os automóveis andam no meio da ruas e as pessoas elas andam...

INF.-. Na cal, nas *paralela*, nas *calçadas*.

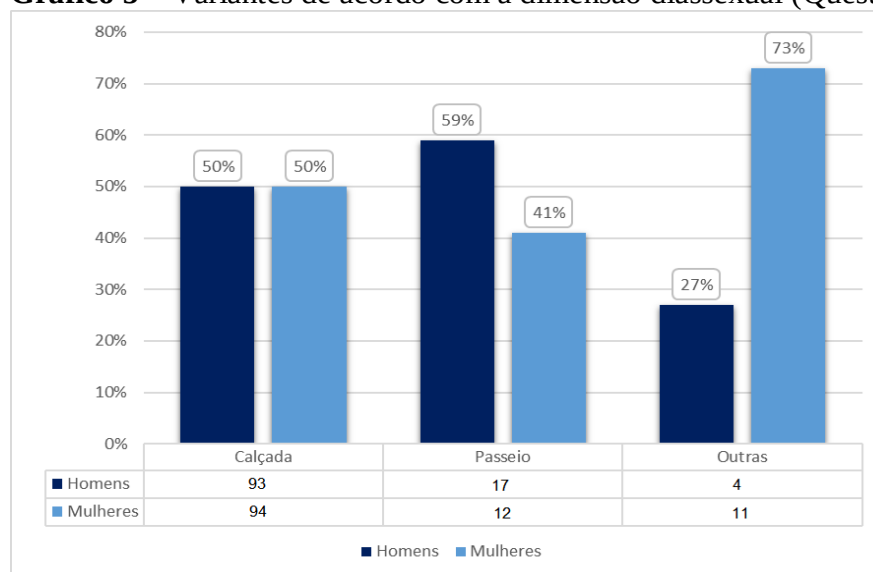
INQ.-. Isto (002-4-Macapá).

(43) INF. – *Calçada*, *bordadura* (012-3-Belém).

No tópico seguinte, os dados são apresentados de acordo com a variável sexo dos informantes.

4.2.5 Dimensão Diassexual – Questão – 196 (QSL)

A variante *calçada* apresenta os mesmos valores absolutos e percentuais da dimensão diastrática, isto é, na fala dos homens e das mulheres registramos 50% para cada sexo. *Passeio* é registrado com maiores evidências, como vimos anteriormente, pelos informantes de nível superior e, destes, os homens apresentam mais a lexia que as mulheres, ao todo são 17 registros (59%). Sobre a dimensão diassexual, os dados revelaram que as mulheres tendem a nomear os referentes com mais de um nome, apresentando maiores índices no uso das formas pouco produtivas ou hápax. Para a Questão 196. *Calçada*, registramos 73% dos dados, ou seja 11 das 15 ocorrências, como demonstrado no Gráfico 5:

Gráfico 5 – Variantes de acordo com a dimensão diassexual (Questão 196)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

A análise diassexual mostrou-se fiel ao fato de as mulheres apresentarem mais familiaridade com as formas inovadoras (TARALLO, 1990). No presente estudo, dentre os quatro itens analisados, três evidenciam que as mulheres aceitam com mais facilidade as formas menos prestigiadas, como vimos na análise dos itens 195. *Quebra-molas*, 197. *Meio-fio* e agora o fato é reprisado na descrição dos dados do item 196. *Calçada*. Mencionamos, novamente, a citação de Vieira (2010), utilizada na página 84 desta pesquisa: “Na maior parte das mudanças linguísticas em curso, as mulheres são as que mais utilizam as formas inovadoras, mesmo que essas formas sejam desprestigiadas pela sociedade” (VIEIRA, 2010, p. 2). O recorte desta pesquisa e a frequência do uso das variantes desprestigiadas não evidenciam, porém, mudanças linguísticas, mas demonstram a afirmação da autora em relação ao uso das formas menos prestigiadas socialmente pelas mulheres.

O contrário também já foi relato por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 146):

Considerando-se variáveis adstritas aos falantes, tais como sexo e idade, os inúmeros trabalhos já realizados ao longo dos anos permitem verificar uma certa equação entre fala feminina e formas mais prestigiadas, por um lado, e fala masculina e formas menos prestigiadas, por outro.

Reafirmamos a necessidade de ampliar o *corpus* com os dados do interior do Brasil para, com maior confiabilidade nos resultados, verificar se o fato de as mulheres tenderem a utilizar as formas menos prestigiadas é recorrente somente nas capitais ou se no interior

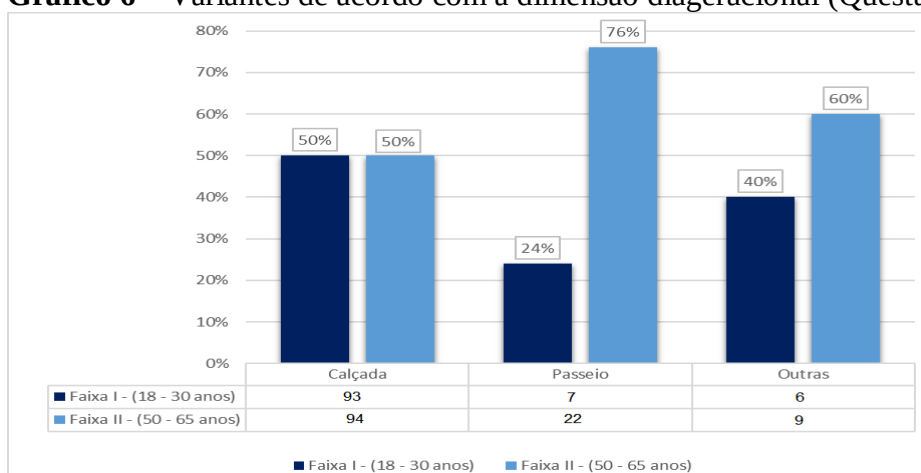
ocorre o mesmo fenômeno, pelo menos em relação aos itens em estudo. Só assim poderemos identificar se a dimensão diassexual é influenciadora nas escolhas das lexias inovadoras.

O tópico seguinte apresenta os dados sob a dimensão diageracional.

4.2.6 Dimensão Diageracional – Questão – 196 (QSL)

Novamente a análise dos dados à luz da dimensão diageracional mostrou que *calçada* não é exclusiva da preferência de nenhum dos grupos, com 50% dos registros para cada uma das faixas etárias. Os dados sugerem, também, que a variante *passeio*, além de ser preferida pelos informantes homens de nível superior, também é a forma mais utilizada pela faixa etária II (50-65 anos), representando 22 dos 29 registros da variante, o que equivale a 76% dos dados. As formas menos prestigiadas, por sua vez, são registradas preferencialmente pelas mulheres, pelo grupo de nível fundamental e, como vemos no Gráfico 6 a seguir, pelos informantes idosos.

Gráfico 6 – Variantes de acordo com a dimensão diageracional (Questão 196)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Como já mencionado, os dados não evidenciam mudança em progresso, já que a forma padrão é unanimemente utilizada por todos os falantes brasileiros. Porém, relatam que os idosos, além de conhecerem a lexia *calçada* também optam pelo registro de *passeio*. A análise da influência das três dimensões testadas neste trabalho demonstrou que, para a variante *calçada*, nenhuma delas se mostrou relevante.

4.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE MEIO-FIO

O item lexical *meio-fio* é conhecido popularmente como a parte da pista de rolamento em que se separa a calçada da rua, no entanto, a finalidade da construção vai além da simples marcação de espaço. De acordo com o CDT (Centro de Desenvolvimento Tecnológico), o *meio-fio* pode ser definido como:

Limitador físico da plataforma rodoviária, com diversas finalidades, entre as quais destaca-se (sic) a função de proteger o bordo da pista dos efeitos da erosão causada pelo escoamento das águas precipitadas sobre a plataforma que, decorrentes da declividade transversal, tendem a verter sobre os taludes dos aterros. Desta forma, os meios-fios têm a função de interceptar este fluxo, conduzindo os deflúvios para os pontos previamente escolhidos para lançamento (CDT, 2015).

Dito de outro modo, *meio-fio* é uma forma prática e eficiente de mover, através do declínio da rua, a água da chuva ou qualquer outra causa que poderia gerar poças ou água parada, esse movimento conduz a água até os bueiros para dar continuidade ao trabalho de saneamento básico. Além do *meio-fio* há dois outros componentes na construção dos pavimentos das vias: a *sarjeta* ou *sarjetão* e a *guia*.

Na definição do CDT (2015), *sarjeta* e *sarjetão* são:

Canais triangulares longitudinais destinados a coletar e conduzir as águas superficiais da faixa pavimentada e da faixa de passeio ao dispositivo de drenagem, boca de lobo, galeria etc. Os meios-fios, as sarjetas e os sarjetões são assentados sobre um lastro de concreto de acordo com especificações de projeto. Basicamente, os dispositivos de drenagem abrangidos por essa norma serão executados em concreto de cimento, moldados “in loco” ou pré-moldados”.

A *Guia*, com características que se confundem com o *meio-fio*, é, pois, os blocos de cimento que formam o caminho lateral inferior que separa a calçada da rua.

Na definição técnica do CDT (2015), *guia* é um dispositivo:

Com a função de limitar a área da plataforma dos terrenos marginais, principalmente em segmentos onde se torna necessária a orientação do tráfego como: canteiro central, interseções, obras-de-arte e outros pontos singulares, cumprindo desta forma importante função de segurança, além de orientar a drenagem superficial”.

Para melhor ilustração, apresentamos a Figura 8 com a legenda de cada item.

Figura 8 – Elementos do meio-fio



Fonte: Drenagem... (2009)

Em pesquisa lexicográfica, verificamos como os principais dicionaristas brasileiros - Caldas Aulete (1958), Ferreira (1986) e Houaiss (2009) - registram as três formas mencionadas no CDT (Centro de Desenvolvimento Tecnológico):

De acordo com Ferreira (1986) *meio-fio* é o “Arremate entre o plano do passeio e o da pista de rolamento de um logradouro”, este dicionarista não faz a remissão de *meio-fio* para *guia*, como faz os outros autores. Em Ferreira (1986), a definição é complementada por uma citação de Veríssimo que ilustra outra finalidade bem prática do *meio-fio*, ou seja, o lugar em que as pessoas se sentam para conversar: “Um marinheiro embriagado achava-se sentado no meio-fio da calçada” (Érico Veríssimo).

Para Aulete (1958), o substantivo masculino é definido como: “fileira de pedras que remata a calçada da rua; guia”, remetendo o verbete à outra lexia, *guia*, assim como Houaiss (2009): “bordo ao longo da rua, junto à pista de rolamento, de concreto ou paralelepípedos dispostos um após o outro; *guia*”. Ao pesquisar a palavra remetida, *guia*, verificamos que Ferreira (1986) define o item lexical com base na literatura clássica: “depois se equilibrou na guia do passeio, pesadamente desceu o leito da rua” (Antônio de Alcântara Machado, *Novelas Paulistas*, p. 246) e remete a palavra ao verbete *meio-fio*. Aulete, por sua vez, apresenta uma definição mais sintetizada: “renque de pedras que limitam e indicam a direção de uma calçada” (AULETE, 1958), enquanto Houaiss (2009) apenas remete o verbete de *guia* para *meio-fio*, ou seja, as lexias são sinônimas.

Em relação ao item lexical *sarjeta*, encontramos as seguintes definições: “Sarjeta [De sarja+-eta.] sf. 1. Escoadouro de águas; vala, valeta. 2. Escoadouro, nas ruas e praças públicas, para águas da chuva” (FERREIRA, 1986); “Sarjeta sf escoadouro nas ruas e praças para as águas da chuva” (AULETE, 1958) e escoadouro para as águas das chuvas, que, nas ruas e praças, beira o meio-fio das calçadas, valeta” (HOUAISS, 2009). Nos dicionários de Houaiss e Ferreira há a remissão de *sarjeta* para *valeta*, que de acordo com os lexicógrafos

significa: “pequena vala à beira de ruas ou estradas para escoamento de águas”, a forma *valeta* é o diminutivo de *vala*, esta, por sua vez, está registrada nos dados das capitais brasileiras como o nome atribuído “aquilo que separa a calçada/passeio da rua” (Questão 197 – QSL – Projeto ALiB).

Sobre o léxico *paralelepípedo*, os lexicógrafos o definem da seguinte forma: “Paralelepípedo [Do gr. Parallelepípedon.] sm 3. Pedra que tem esta forma e se usa no calçamento de ruas” (FERREIRA, 1986); “cujas faces são retângulos. pedra desta forma, empregada no calçamento das ruas” (AULETE, 1958) e “Paralelepípedo. Sm 3. Qualquer pedra paralelepídal no calçamento das ruas” (HOUAISS, 2009).

Quadro 5 – Variantes dicionarizadas (Questão 197)

DICIONÁRIOS									
Variantes	AULETE (1958)			FERREIRA (1986)			HOUAISS (2009)		
	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado
Acostamento		X			X		X	X	
Batente		X			X			X	
Cordão		X			X			X	
Coxia		X			X			X	
Degrau		X			X			X	
Guia	X	X		X	X			X	
Meio-fio	X	X		X			X	X	
Paralelepípedo		X			X			X	
Sarjeta	X	X		X	X		X	X	
Terminal		X			X			X	
Vala		X		X	X		X	X	

Fonte: Elaborado pela autora

Meio-fio, sarjeta, guia e paralelepípedo foram as formas mais produtivas nas capitais brasileiras, de acordo com o banco de dados do Projeto ALiB, como vemos no tópico a seguir.

4.3.1 Questão 197- Meio-Fio

A questão 197 do QSL pertence ao campo semântico *Vida Urbana* e busca obter respostas a partir da pergunta: “*Como se chama aquilo que separa a calçada/passeio da rua?*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Na fala dos 200 informantes, foram documentados 195 registros, 17 ausências de respostas e 14 variantes, o que significa que alguns dos entrevistados elicitaram mais de uma forma. As ausências podem ser explicadas por diversos fatores: desconhecimento do referente, esquecimento do nome, ou questão não formulada, entre outros.

O Quadro 6 apresenta as quatro formas mais produtivas (*meio-fio, sarjeta, guia e paralelepípedo*) e seus respectivos percentuais, considerando a soma por região e capitais.

	Maceió	4	50	-	-	-	-	-	-	4	50		8	
	Aracaju	6	86	-	-	-	-	1	14	-	-		7	
	Salvador	7	78	-	-	-	-	1	11	1	11		9	
	Número de ocorrência	55		-		-		2		11			68	
	%	81		-		-		3		16			35	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%			
CENTRO-OESTE	Cuiabá	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-		8	
	Campo Grande	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-		8	
	Goiânia	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-		8	
	Número de ocorrência	24		-		-		-		-			24	
	%	100		-		-		-		-			12	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%			
SUDESTE	Belo Horizonte	6	86	-	-	-	-	-	-	1	14		7	
	Vitória	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-		8	
	Rio de Janeiro	5	62	-	-	-	-	3	38	-	-		8	
	São Paulo	2	20	1	10	7	70	-	-	-	-		10	
	Números de ocorrência	21		1		7		3		1			33	

%	64		3		21		9		3		17	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Curitiba	7	88	-	-	-	-	1	12	-	-		8
Florianópolis	7	100	-	-	-	-	-	-	-	-		7
Porto Alegre	5	50	-	-	-	-	-	-	5	50		10
Número de ocorrência	19		-		-		1		5		25	
%	76		-		-		4		20		13	
Subtotal	Meio-fio 151		Sarjeta 8		Guia 7		Paralelepípedo 7		Outras 22		Total 195	
Valores percentuais	77		4		3.5		3.5		11		100	

Fonte: Base de dados do Projeto ALiB

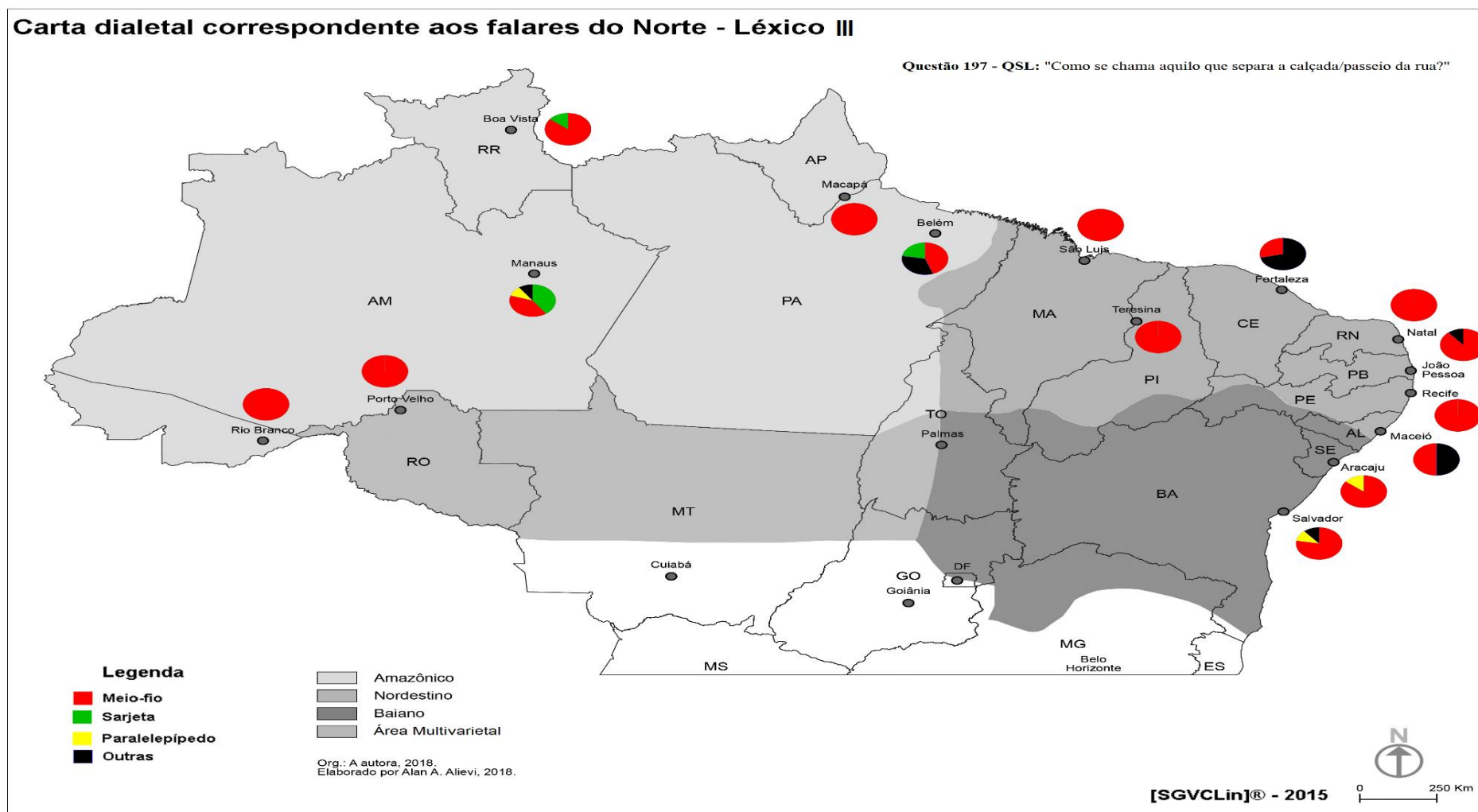
Para a questão 197 do QSL do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) foram documentadas 195 ocorrências, das quais 151 (78%) são de *meio-fio*, hegemônica, praticamente, em todas as capitais. Além disso, obtivemos alguns registros localizados de *sarjeta* com oito ocorrências (4%), assim como *guia* e *paralelepípedo* com sete registros cada (3.5%). Consideramos, para a cartografia, as variantes que apresentaram de sete a oito registros. As formas reunidas no grupo das *outras variantes* (*vala*, *acostamento*, *fio de pedra*, *coxia*, *linha d'água*, *terminal*, *batente* [batentezinho], *degrau*, *cordão* [cordão da calçada] e *fio da calçada*), correspondendo a 11% dos dados, registraram cada qual de um a quatro registros.

Na sequência, analisamos as formas mais produtivas de acordo com a divisão dialetal de Nascentes (1953), no que diz respeito aos falares do Norte.

4.3.2 Analisando os Falares do Norte (Q- 197)

A carta experimental V (Figura 9) apresenta o recorte da Região Norte do Brasil com a marcação das áreas definidas por Nascentes como os subfalares do Norte: amazônico, nordestino e baiano, como ilustrado a seguir.

Figura 9 – Carta experimental V– Falares do Norte (Questão 197 do QSL)



Elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi.

Fonte: Dados do ALiB aplicados à proposta de Nascentes (1953)

Na Região Norte, dos 48 informantes investigados, seis não souberam responder (17%), ou por desconhecerem o referente, ou porque a questão não foi formulada pelo inquiridor. Obtivemos, porém, 45 respostas válidas, indicando que alguns deles deram mais de uma resposta. No Nordeste, dos 72 inquiridos, as respostas válidas somam 68, enquanto oito informantes (11%) não responderam pelos motivos já citados.

Na Região Norte, foram amalgamadas ao grupo das *outras variantes* as seguintes lexias: *vala* (3) e *acostamento* (1), enquanto na Região Nordeste o registro de *outras variantes* é maior, pois o número de informantes também é maior: *fio de pedra* (3), *coxia* (2), *linha d'água* (1), *terminal* (1), *batente* [*batentezinho*] (2) e *acostamento* (1).

Em relação aos possíveis subfalares, identificamos um quadro semelhante entre o *subfalar amazônico* e o *subfalar nordestino* quanto à hegemonia de *meio-fio*. Anotamos as seguintes particularidades:

- i. A área que Nascentes destina ao *subfalar amazônico* apresenta a predominância da variante *meio-fio* em todas as localidades, atingindo índices de 100% em Macapá, Rio Branco e Porto Velho. Nas demais capitais os percentuais são favoráveis à variante considerada padrão, em Boa Vista *meio-fio* foi registrada com 76% e em Belém com 45%, somente na capital do Amazonas a lexia concorre com *sarjeta*, sendo 40% para cada variante. *Sarjeta*, por sua vez, foi o segundo nome mais lembrado pelos informantes do subfalar amazônico, ocorrendo uma vez em Boa Vista (12%), duas vezes em Belém (22%) e, como já mencionado, quatro vezes em Manaus (40%).
- ii. Na área do *subfalar nordestino* verificamos que *meio-fio* atinge percentuais de 100% em São Luís, Teresina, Natal e Recife, apenas em Fortaleza a variante apresenta índice menor se comparados ao grupo das *outras variantes* (71%). O grupo das *outras variantes* destaca-se por apresentar formas pouco produtivas, como: *fio de pedra* (3), *coxia* (2), *linha d'água* (1), *acostamento* (1) e *batente* [*batentezinho*] (3) que não são identificadas nos outros dois subfalares, exceto *acostamento* que também é registrado como *hápx* no subfalar amazônico.
- iii. Na área do *subfalar baiano* identificamos o uso de *paralelepípedo* em 14% dos dados na capital de Aracaju e 11% em Salvador, traço que diferencia o subfalar baiano do nordestino, mas há vestígios de *paralelepípedo* na área do subfalar amazônico, de modo que dificulta a definição de um subfalar baiano. Nesta área a forma padrão *meio-fio* também é a mais recorrente.

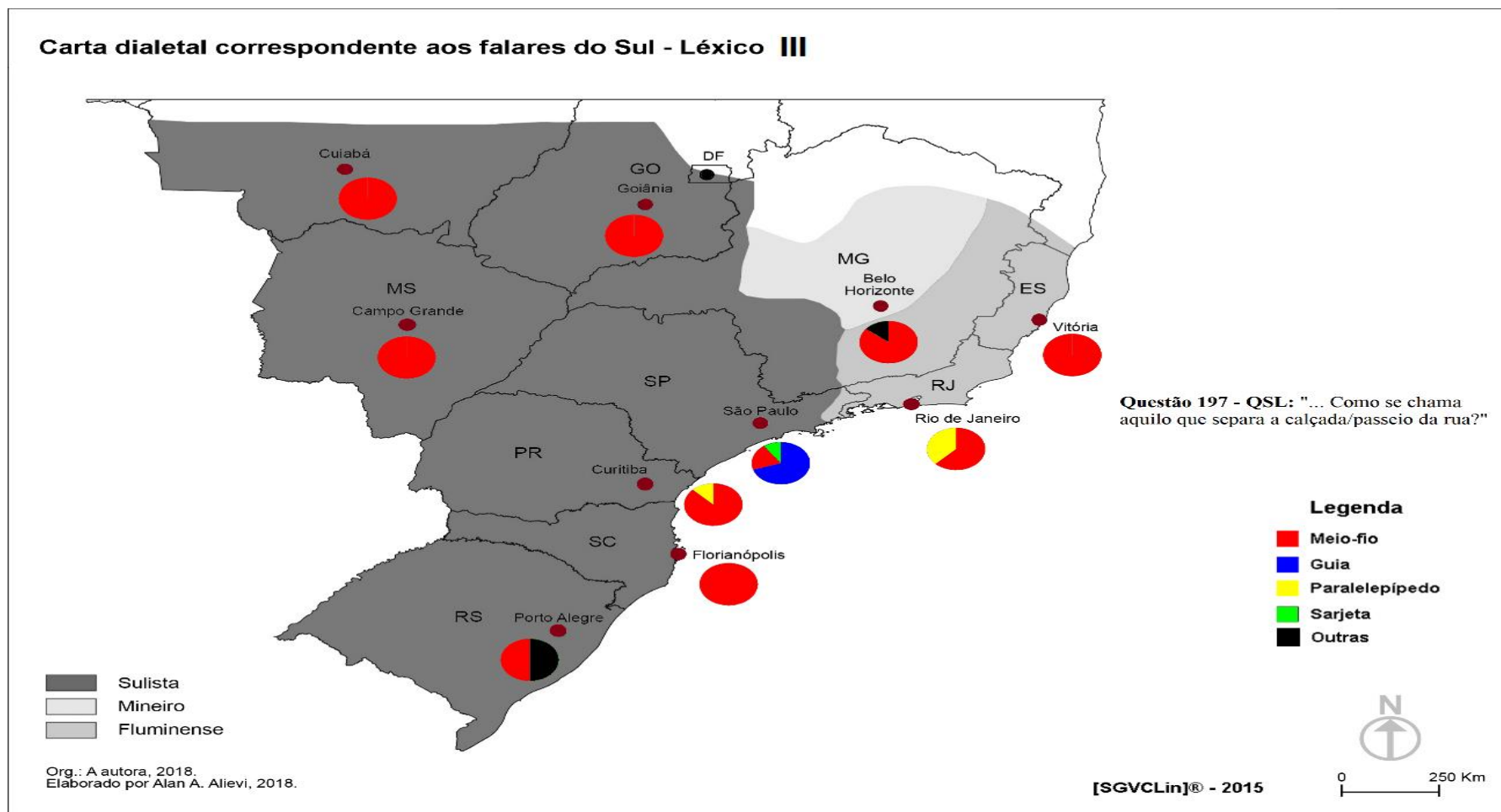
Ao traçar as características que definiram se ainda há subfalares na Região Norte, identificamos que o subfalar amazônico diferencia-se do nordestino e do baiano por conta do uso de *sarjeta*, variante encontrada apenas neste subfalar, no que diz respeito à Região Norte, fato que pode comprovar a vitalidade da área. Quanto ao subfalar baiano, será necessário verificar se os dados do interior poderão lançar luzes sobre a possibilidade de uma área baiana.

Seguindo o mesmo procedimento aplicado nesta descrição, apresentamos no próximo tópico, a análise dos falares do Sul.

4.3.3 Analisando os Falares do Sul (Q- 197)

A Figura 10 (carta experimental VI) ilustra a divisão dos subfalares da Região Sul com base nos dados lexicais das capitais brasileiras, no que se refere à questão 197 – QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

Figura 10 – Carta experimental VI – Falares do Sul (Questão 197 do QSL)



Elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi.

Fonte: Dados do ALiB aplicados à proposta de Nascentes (1953)

Na Região Centro-Oeste há 24 inquéritos e de forma categórica essa região utiliza a variante padrão *meio-fio* nas capitais, registrando 100% dos dados. O Sudeste é composto por 32 informantes, dos quais obtivemos 33 respostas e apenas uma abstenção. Na Região Sul, dos 24 inquéritos registramos 25 respostas e também uma abstenção. Quanto ao grupo das *outras variantes* identificamos apenas três formas: *degrau* com uma ocorrência no ponto 138-Belo Horizonte, *cordão* com quatro registros e *fio da calçada* com um registro, ambos na localidade 243-Porto Alegre.

Sobre os possíveis subfalares do Sul identificamos que:

- i. Na área considerada como *subfalar sulista* a forma *meio-fio* é predominante em seis das sete capitais, atingindo índices de 100% em Cuiabá, Goiânia, Campo Grande e Florianópolis. Em Curitiba a variante registra 88% dos dados, com uma ocorrência de *paralelepípedo* (12%); na fala dos gaúchos, *meio-fio* encontra-se em 50% dos inquéritos, os outros 50% são destinados às formas *cordão* e *fio da calçada*. Nesta área é possível reconhecer que a capital do Estado de São Paulo é a localidade que se diferencia dos falares do Sul e do Norte, nesta localidade a forma *guia* é predominante em 70% dos dados, não sendo registrada em nenhuma outra capital do Brasil.
- ii. Na capital do *subfalar mineiro* encontramos a *hápax degrau* (14%) que integra o grupo das *outras variantes* e só foi registrada nesta localidade. A forma padrão é predominante com 86% dos dados.
- iii. Os dois pontos do *subfalar fluminense* registram a forma *meio-fio* como a variante preferida na fala dos capixabas (100%) e dos cariocas (62%). No ponto 202 (Rio de Janeiro) encontramos três registros (38%) de *paralelepípedo*, forma que até então havia sido registrada com ocorrências únicas nos *subfalares amazônico, baiano e sulista*.

Por existir unanimidade lexical a tarefa de verificar se ainda há subfalares na Região Sul se torna um tanto improdutivo, já que em todas as localidades registramos o uso majoritário de *meio-fio*. Uma capital se distingue das demais: (i) São Paulo, onde *guia* é a variante mais recorrente, no entanto, por se tratar apenas de uma capital e os dados da pesquisa restringirem-se às capitais, não conseguimos material suficiente para concordar com a divisão de Romano (2015), no que diz respeito ao subfalar paulista, mas há evidências lexicais de que a teoria do autor seja válida também para o campo semântico da vida urbana.

De modo geral, constatamos que *meio-fio* é a forma predominante em todo o Brasil,

fato que nos permite considerá-la como a padrão, visto que, além de estar presente nas 25 capitais, doze registraram 100% desse uso, ou seja, dos 200 informantes 96 conhecem o referente exclusivamente como *meio-fio*. As variantes *sarjeta*, *guia* e *paralelepípedo* auxiliam, pois, nos vestígios para demarcar os subfalares, por exemplo, a variante *sarjeta* evidencia a possível vitalidade do *subfalar amazônico*, já que a ocorrência desta forma resulta em 16% (sete ocorrências) dos dados da Região Norte, levando em consideração o total de oito ocorrências de *sarjeta* no Brasil, sete foram registradas no espaço considerado por Nascentes (1953) como *subfalar amazônico*, o que indica uma possível vitalidade da área.

A presença de *guia* na capital São Paulo pode indicar que a reelaboração de Romano (2015) sobre os possíveis dois grandes falares do Sul (sulista e paulista) seja mais condizente com a realidade, do que a proposta de Nascentes (1953). Para comprovar a hipótese é necessário expandir os dados para o interior, verificando, pois, se *guia* é registrada no território definido por Romano (2015) como falar paulista. Para Romano o falar paulista difunde-se: “a partir do Estado de SP, com influência na região norte do PR, oeste do MS, sudoeste e interior do Estado de GO, sul de MG e Triângulo Mineiro” (ROMANO, 2015, p. 271).

Os dados coletados para a Questão 197 – *meio-fio*- demonstram a impossibilidade de discorrer sobre uma possível divisão dialetal, uma vez que os dados revelaram unanimidade, nas capitais brasileiras, de uso da forma padrão, *meio-fio*. Observamos possíveis vestígios de que possa existir um *subfalar amazônico* (com *paralelepípedo*), um *subfalar paulista* (com *guia*) e um *subfalar sulista* (com *cordão*), hipóteses que os dados do interior poderão comprovar ou rechaçar.

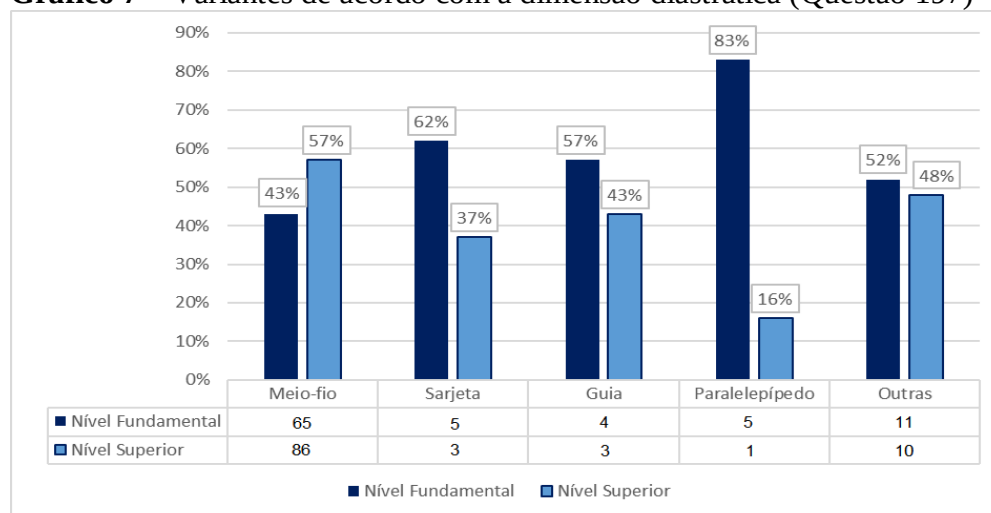
4.3.4 Dimensão Diastrática – Questão 197 (QSL)

Ao analisar os dados de acordo com o nível de instrução dos informantes, verificamos que a variante considerada padrão é mais recorrente na fala dos informantes com nível superior de ensino, os dados convalidam que 86 dos 151 registros de *meio-fio* foram realizados por informantes com nível universitário, totalizando um percentual de 57%.

As demais lexias, mesmo que com baixa produtividade, são realizadas, em sua maioria, pelos informantes de nível fundamental, a saber: *sarjeta* obteve oito ocorrências, destas, cinco (62%) foram elicitadas pelo grupo de menor instrução, o mesmo ocorre com *guia* com sete ocorrências, sendo quatro (57%) pelos informantes de nível fundamental e *paralelepípedo* com sete ocorrências e cinco (83%) realizadas pelo mesmo grupo. O montante

agrupado como *outras variantes* apresenta certo equilíbrio entre as duas categorias, no que diz respeito à quantidade de ocorrências, sendo onze (52%) registros feitos pelos informantes com nível fundamental e dez (48%) pelos informantes de nível superior, como demonstra o Gráfico 7:

Gráfico 7 – Variantes de acordo com a dimensão diastrática (Questão 197)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Assim, consideramos que os dados analisados na dimensão vertical (social) no que se refere à análise diastrática, evidenciam o maior uso de *meio-fio* pelos informantes universitários, enquanto *sarjeta*, *guia* e *paralelepípedo* são mais recorrentes na fala dos entrevistados de nível fundamental de escolaridade. Na verificação dos diálogos não encontramos nenhuma explicação sólida para o maior uso da variante pelos informantes de nível superior. Geralmente, os entrevistados apenas relatavam o nome do referente, como nos exemplos a seguir:

(19) INQ.- Como se chama aquilo que separa a calçada da rua?

INF.- *Meio-fio*.

INQ.- Tem outro nome aqui?

INF.- Não (002-5 – Macapá- N)

(20) INQ.- E o que que separa a calçada do asfalto, da rua?

INF.- É o *meio fio*.

INQ.- Uhum, tem outro nome?

INF.- Não, *meio-fio* mesmo (123-8- Goiânia- CE).

(21) INQ.- E como é que chama aquilo que tem entre a calçada e a rua?

INF.- *Meio-fio*.

INQ.- Tem mais algum nome para meio-fio?

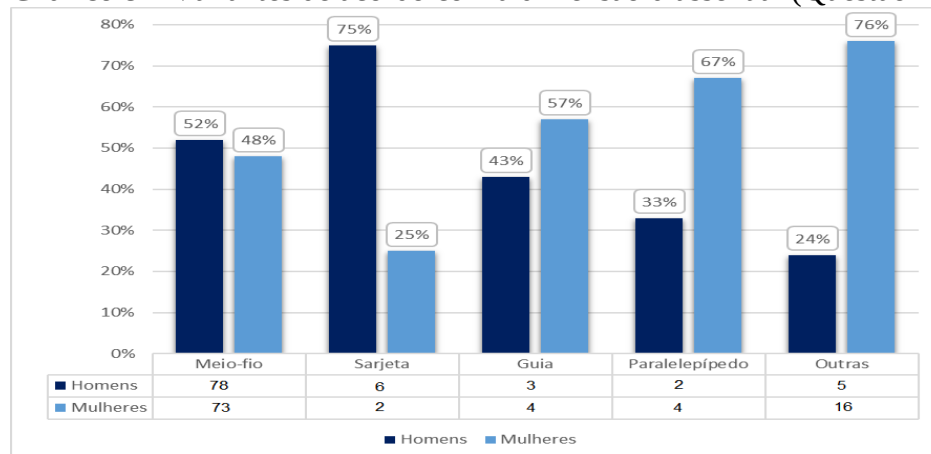
INF.- *Meio-fio* só (220-5- Curitiba- S).

Como podemos ver, a dimensão vertical (social) traz menos espaço para discussão do que a dimensão horizontal (geográfica). Na sequência, analisamos os dados de acordo com a dimensão diassexual.

4.3.5 Dimensão Diassexual – Questão 197 (QSL)

A análise diassexual demonstrou que a variante *meio-fio* é registrada por ambos os sexos, com uma diferença mínima de 4% na fala masculina, sendo 78 (52%) registros de *meio-fio* para os homens e 73 (48%) para as mulheres. *Sarjeta* é registrada por homens e mulheres, mas ganha maior destaque na fala masculina com seis registros, o que equivale a 76% dos dados. *Guia* e *paralelepípedo* são encontrados na fala de homens e mulheres, porém com índices maiores na fala feminina, como observamos no Gráfico 8:

Gráfico 8 – Variantes de acordo com a dimensão diassexual (Questão 197)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

O Gráfico 8 revela que as mulheres tendem a nomear o referente com formas diferentes da considerada padrão, como as registradas apenas na fala feminina: *vala* com três registros sendo o primeiro da informante 8 de Manaus, o segundo da informante 2 de Belém e o terceiro da informante 6 de Belém; *acostamento* registrado na fala das informantes da Faixa II com nível superior, um registro no ponto 077-8 Maceió e uma ocorrência no ponto 012-8 Belém; *coxia*, por sua vez, foi registrada na fala das informantes 4 e 8 do ponto 041-Fortaleza. As hápax *terminal* e *degrau* foram elencadas pelas mulheres do ponto 093-Salvador e 138- Belo Horizonte, como apresentam os diálogos a seguir:

(22) INQ. – Eh, aqui o... o *passeio*... aí... no que o *passeio* termina... tem aquela (inint) aqui que vai botando e as pessoas fazem o *passeio* até ali.
 INF. – Ah, eu sei... É o *terminal* (093-4- Salvador – NE).

(23) INF.- O que separa o passeio da rua? Ah... num sei, o *degrauzinho* do passeio.
 INQ.- Você não chama de nada?
 INF.- Não, num tem nome não. Passeio mesmo e rua (138-6- Belo Horizonte).

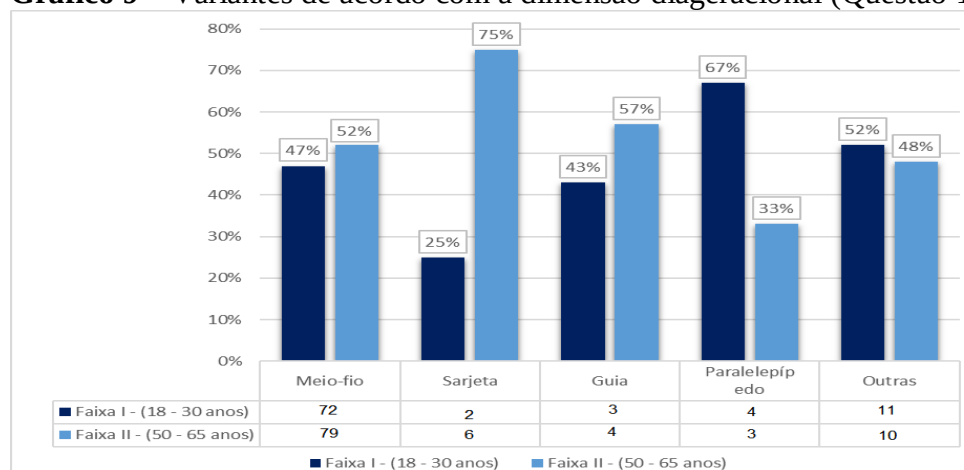
Como demonstrado no Gráfico 8, as mulheres apresentam um vocabulário mais variado ao nomear o item 197. *Meio-fio*, registrando dezesseis formas, sendo nove realizadas apenas pelas informantes femininas (*vala* [3], *coxia* [2], *acostamento* [2], *terminal* [1] e *degrau* [1]).

Os dados deste estudo revelaram que, em relação ao item 197. *Meio-fio*, as mulheres apresentam uma tendência maior ao uso de variantes inovadoras (TARALLO, 1990). Vieira (2010), porém, entende que é comum as mulheres optarem por formas padrões, mas também nota-se a influência da fala feminina na mudança linguística, ou mudanças vindas de baixo (*changes from below*). Nas palavras da autora: “na maior parte das mudanças linguísticas em curso, as mulheres são as que mais utilizam as formas inovadoras, mesmo que essas formas sejam desprestigiadas pela sociedade” (VIEIRA, 2010, p. 2). O polimorfismo mais saliente na fala das mulheres pode, também, estar associado ao fato de elas terem um contato menor com o referente, pois, geralmente, são os homens que entendem e se dedicam à função de pedreiro, construtor, engenheiro civil, entre outras.

A seguir analisamos os dados de acordo com a dimensão geracional dos informantes.

4.3.6 Dimensão Diageracional – Questão 197 (QSL)

Os dados revelaram que a dimensão diageracional para o estudo do léxico, neste requisito, não apresenta uma forma que caracterizaria a faixa I e nem a faixa II, como exemplificado no Gráfico 9:

Gráfico 9 – Variantes de acordo com a dimensão diageracional (Questão 197)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Notamos que a variante padrão é influente nas duas gerações, sendo 72 (48%) registros na fala dos jovens e 79 (52%) na fala dos idosos. *Sarjeta*, por sua vez, é mais recorrente na faixa II, com seis (75%) das oito ocorrências da variante nas capitais, assim como *guia* que, dos sete registros, quatro (57%) foram feitos pelos informantes idosos. A variante *paralelepípedo* foi registrada, em sua maioria, pelos informantes da primeira faixa etária, sendo sete registros da forma e quatro realizados pelos informantes da Faixa II (57%).

Na sequência, continuamos com a análise dos dados lexicais do item 195. *Quebramolas*, do campo semântico *vida urbana*, do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

4.4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE ROTATÓRIA⁸

De acordo com o Lastran⁹, a *rotatória* é uma forma de intersecção que procura organizar o fluxo de veículos ao redor de uma ilha central, onde opera o controle de entrada e dá prioridade aos meios de transportes que estão circulando no seu interior, ou seja, é uma forma de organização no trânsito criada para evitar o cruzamento entre veículos. O Lastran registra que o conceito de *rotatória* surgiu em 1903, espaço por onde os veículos deveriam circular em sentido único. Pouco tempo depois, em 1905, seu uso foi implantado na cidade de Nova Iorque, depois em Paris (1907) e no Reino Unido (1926-1927).

Não havia um nome definido para o Projeto, até chegarem, em 1929, à designação de *rotatória*. Nos Estados Unidos a *rotatória* era conhecida como *kneecap*, traduzido para o

⁸ Usaremos esta variante sugerida pelo Projeto ALiB no *caput* da questão.

⁹ Sobre a *rotatória*, nos valem os dados constantes do site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (<http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas>), fornecidos pelo Lastran.

português como *rótula*. Nas palavras do Projeto: “o conceito geral era que um raio grande resultava em grandes seções de entrelaçamento, nas quais tanto a alta velocidade quanto a alta capacidade poderiam ser mantidas” (LASTRAN- UFRGS).

Inicialmente, não existiam regras para a utilização da *rotatória*, isto é, nenhum fluxo de veículos tinha prioridade sobre o outro. Em 1950, criaram-se as regras de trânsito: “o da direita tem preferência”, a nova prescrição não foi muito bem aceita na época, gerando certa ineficiência do instrumento. Então, em 1966, no Reino Unido, instituiu-se a regra do fluxo entrante da prioridade ao fluxo que circula, o que levou a um controle maior dos veículos que entram na *rotatória* por meio da habilidade do motorista em detectar brechas no fluxo circulante, eliminando, pois, o congestionamento no interior da *rotatória*.

A capacidade da *rotatória* passou a depender da disponibilidade de brechas do fluxo circulante, desta forma, aumentou a segurança e organização nas rodovias.

A Figura 11 ilustra o referente em estudo, de acordo com DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte.

Figura 11 – Dispositivos da rotatória



Fonte: Amazon... (2019)

A imagem exemplifica que a *rotatória* é a parte circular da via composta por uma praça ou ilha central. De acordo com o DNIT, a *rotatória* é o local asfaltado onde os carros contornam para prosseguirem viagem. No entanto, popularmente o referente circular elevado no meio da via, normalmente gramado, é conhecido como *rotatória* e outras designações, como: *retorno*, *contorno*, *balão*, *ilha*, *bola* e até *praça*, entre outras.

A respeito das definições para *rotatória*, consultamos os principais dicionaristas brasileiros: Caldas Aulete (1958), Ferreira (1986) e Houaiss (2009).

Nos três dicionários consultados não encontramos a entrada *rotatória*, como substantivo feminino, apenas o adjetivo masculino: *rotatório*. Aulete (1958) define de forma simples e objetiva como: “*rotatório*. adj. Relativo a rotação. Que tem ou executa movimento de rotação”. Para Ferreira (1986): “*rotatório* [Do latim. *Rotatu*, part. *Pass.* De *rotare*, ‘rodar’+ório.] adj. Relativo a rotação” e Houaiss (2009), em conformidade com os outros dois autores define *rotatório* como “adj. Relativo a rotação. Rotante, relativo a rotatórios, espécime dos rotatórios, rotíferos, ‘mover circularmente, fazer girar, rodar sob a f. *rotat*+ório.

Buscamos na palavra remetida, *rotação*, subsídios que trouxessem melhor esclarecimento do léxico. Assim, Aulete (1958) registra como “ação ou efeito de andar em roda: movimento circular de um corpo que gira sobre si mesmo em volta de um eixo”; Ferreira (1986) expõe que rotação é “ato ou efeito de rodar; movimento giratório; giro em voltas sucessivas em torno de um eixo”; Houaiss (2009) o define como o “movimento giratório em torno de um eixo fixo; revolução, giro”.

Os registros lexicográficos trazem a classificação do léxico para o adjetivo masculino, enquanto os dados desta dissertação mostraram o uso do substantivo feminino, *rotatória*, em todas as ocorrências nas capitais brasileiras.

Embora não seja nosso propósito discorrer sobre a gramaticalização, é interessante observar que o léxico sofre mudanças gramaticais principalmente quanto ao uso popular. De forma resumida, e com base na leitura de Gonçalves *et al.* (2007), podemos dizer que gramaticalização seria quando um item lexical passa a assumir, em alguns casos, uma nova posição gramatical ou quando um item gramatical se torna ainda mais gramatical. A mudança linguística é constante em todos os aspectos internos da língua, sejam eles fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, entre outros.

Como vimos, os dicionaristas compreendem a *lexia* como um adjetivo relacionado à rotação e registram na forma masculina *rotat+ório*. O sufixo *-ório*- formador de adjetivos traz a noção de um lugar ou instrumento de ação, como podemos observar em outras formações: *preparatório* (adj. Que prepara; que serve para preparar, etc.), *reservatório* (adj. Próprio para armazenar, guardar, conservar.), *expiatório* (adj. Relativo à expiação.), *satisfatório* (adj. Que causa satisfação), etc. Assim, *rotatório* qualifica algo que serve para rodar, fazer rotação. Na fala popular, o adjetivo transforma-se em substantivo feminino, pois, está nomeando um objeto concreto, sendo caracterizado, de acordo com Gonçalves *et al.* (2007), como o subprocesso da *sintaticização*.

Se observarmos a transformação do léxico diante dos conceitos da gramaticalização, podemos dizer que *rotatório* passa pela morfologização (alterações que afetam o radical e os

afixos) e sintaticização (alteração que afeta as categorias lexicais, os arranjos sintagmáticos e a atribuição de funções na sentença).

Portanto, de acordo com os registros lexicográficos, como vimos anteriormente, os dicionaristas não remetem *rotatório* ao referente em questão, isto é, ao trecho da rua construído para controlar o fluxo do cruzamento de carros dentro da cidade. No entanto, as demais variantes com alto índice de produtividade (*retorno*, *contorno* e *balão*), analisadas no tópico seguinte, estão incorporadas aos dicionários como instrumentos de organização de vias.

Quadro 7 – Variantes dicionarizadas (Questão 198)

DICIONÁRIOS									
	AULETE (1958)			FERREIRA (1986)			HOUAISS (2009)		
Variantes	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado	Registrado como elemento da via	Registrado com significado(s) diferente(s)	Não registrado
Anel (viário)		X	X			X		X	
Balão		X		X	X		X	X	
Bola		X			X			X	
Canteiro		X			X			X	
Círculo		X			X			X	
Contorno		X			X		X	X	
Curva	X	X			X		X	X	
Cruzamento		X			X			X	
Desvio		X			X		X	X	
Entroncamento	X	X			X		X	X	
Girador		X			X			X	
Giradouro			X			X			X
Giro		X			X			X	
Ilha	X	X			X		X	X	
Interseção		X		X	X			X	
Largo		X			X			X	
Passagem		X			X			X	
Praça		X			X			X	
Queijo (queijinho)		X			X			X	
Redondo		X			X			X	
Retorno	X	X		X	X		X	X	
Rotativa		X			X			X	
Rotatória		X			X			X	
Roda (rodinha)		X			X			X	
Rótula		X			X			X	
Trevo	X	X		X	X		X	X	

Volta	X	X		X	X			X	
--------------	----------	----------	--	----------	----------	--	--	----------	--

Fonte: Elaborado pela autora

4.4.1 Questão 198 – Rótula/Rotatória

A questão 198 do QSL pertence ao campo semântico *Vida Urbana* e busca obter respostas a partir da pergunta: “*Como chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Na fala dos 200 informantes, foram documentados 249 registros e 28 variantes, o que significa que alguns dos entrevistados elicitaram mais de uma forma. Observamos a ausência de 25 registros devido a diversos fatores: desconhecimento do referente, esquecimento do nome, questão não formulada, ruídos na gravação, entre outros.

Os comentários da análise são feitos, primeiramente, de forma geral apresentando a síntese das variantes registradas em cenário brasileiro. Na sequência, apresentamos os dados por região, com base no Quadro 8; em seguida analisamos os dados de acordo com a proposta da divisão de Nascentes, abordando os dois grupos: Norte e Sul e os seus respectivos subfalares.

O Quadro 8 traz os grupos das *variantes mais produtivas* e as *outras variantes* de acordo com as ocorrências em cada localidade. Ao final dos dados de cada região, registramos o percentual das ocorrências das variantes em destaque e no canto superior direito apresentamos os valores absolutos e as porcentagens gerais de cada região, bem como os valores absolutos e percentuais por capital.

Quadro 8 – Variantes da pergunta 198 por produtividade

Variantes mais produtivas																	
REGIÃO/CAPITAL		Retorno		Rotatória		Contorno		Rótula		Balão		Bola		Outras		Subotal por região	Total por capital
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
NORTE	Macapá	4	40	-	-	1	10	-	-	-	-	-	-	5	50		10
	Boa Vista	-	-	7	64	-	-	-	-	-	-	4	36	-	-		11
	Manaus	1	9	1	9	-	-	1	9	-	-	7	64	1	9		11
	Rio Branco	4	40	3	30	2	20	-	-	-	-	-	-	1	10		10
	Porto Velho	1	8	-	-	2	17	-	-	1	8	5	42	3	25		12
	Belém	3	38	1	12	2	25	-	-	-	-	-	-	2	2		8
	Número de ocorrências	13		12		7		1		1		16		12		62	
	%	21		19		11		2		2		26		19		25	
NORDESTE		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
	São Luís	6	40	4	27	1	7	-	-	2	13	-	-	2	13		15
	Teresina	1	11	-	-	-	-	-	-	8	89	-	-	-	-		9
	Fortaleza	5	56	-	-	1	11	-	-	3	33	-	-	-	-		9
	Natal	3	20	-	-	-	-	3	20	1	7	-	-	8	53		15

	João Pessoa	4	25	-	-	5	31	1	6	2	13	-	-	4	25		16	
	Recife	2	14	1	8	1	8	1	8	1	8	-	-	7	54		13	
	Maceió	4	57	-	-	-	-	-	-	1	14	-	-	2	29		7	
	Aracaju	2	25	-	-	1	12	3	38	-	-	-	-	2	25		8	
	Salvador	2	25	-	-	-	-	3	38	1	12	-	-	2	25		8	
	Número de ocorrências	29		5		9		11		19		-		27		100		
	%	29		5		9		11		19		-		27		40		
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
CENTRO-OESTE	Cuiabá	-	-	1	14	4	57	-	-	-	-	-	-	2	29			7
	Campo Grande	-	-	6	60	3	30	-	-	-	-	-	-	1	10			10
	Goiânia	-	-	5	46	-	-	4	36	-	-	-	-	2	18			11
	Número de ocorrências	-		12		7		4		-		-		5				28
%	-		43		25		14		-		-		18		11			
SUDESTE																		
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
	Belo Horizonte	2	20	5	50	-	-	-	-	-	-	-	-	3	30	10		
	Vitória	1	12	3	38	1	12	1	12	-	-	-	-	2	25	8		

	Rio de Janeiro	2	33	-	-	1	17	1	17	-	-	-	-	2	33		6
	São Paulo	2	22	4	45	-	-	-	-	-	-	-	-	3	33		9
	Número de ocorrências	7		12		2		2		-		-		10		33	
	%	21		37		6		6		-		-		30		13	
SUL		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		10 9 8
	Curitiba	3	30	-	-	4	40	3	30	-	-	-	-	-	-		
	Florianópolis	-	-	-	-	1	11	5	56	-	-	-	-	3	33		
	Porto Alegre	1	12	3	38	-	-	4	50	-	-	-	-	-	-		
	Número de ocorrências	4		3		5		12		-		-		3		27	
	%	15		11		18		44		-		-				11	
	Subtotal	Retorno 53		Rotatória 44		Contorno 30		Rótula 30		Balão 20		Bola 16		Outras 56		TOTAL 249	
	Valores percentuais %	21		18		12		12		8		6		22		100	

Fonte: Base de dados do Projeto ALiB

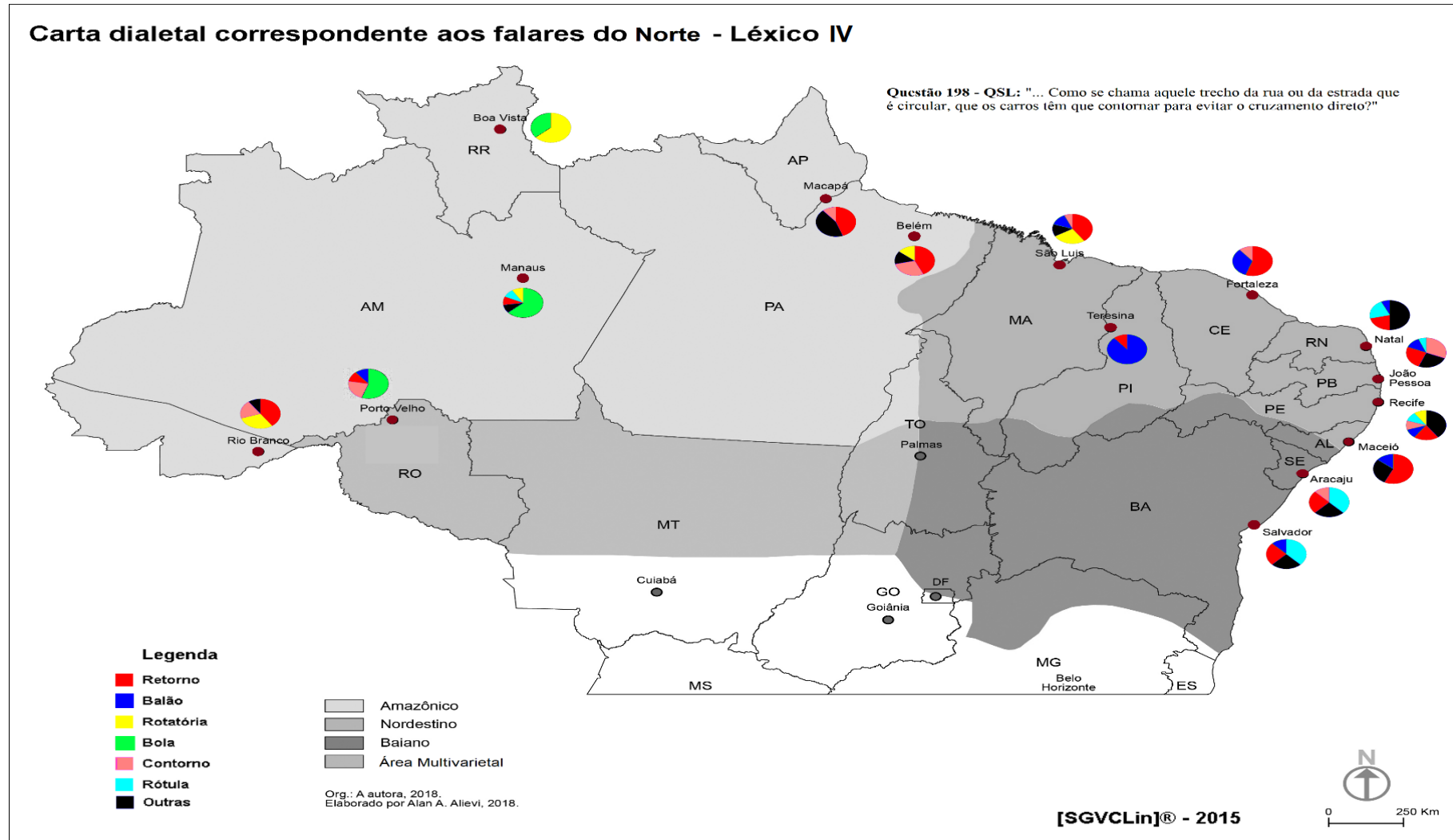
Sobre o tema, foram coletados ao todo 249 registros, dos quais seis se destacam pelos maiores índices de produtividade: *retorno*, *rotatória*, *contorno*, *rótula*, *balão* e *bola*. Conforme os resultados apresentados no Quadro 8, observamos que a variante *retorno* é a mais produtiva no cômputo geral das capitais brasileiras, com 53 registros, isto é, 21% do total, embora o índice de ocorrência não seja tão distante de *rotatória*, registrada como a segunda variante mais produtiva, com 18% (44 ocorrências). Na sequência, temos *contorno* e *rótula*, com o mesmo percentual, 12% (30 ocorrências cada); com menos de 10%, temos: *balão*, com 8% (20 registros) e *bola*, com 6% (16 registros); as demais com menos de 5% cada foram amalgamadas no grupo das *outras variantes*, com 56 ocorrências, ou seja, 22%.

A variante *retorno* está presente em vinte das 25 capitais, com índices variados, desde ocorrência única em Manaus a seis registros em São Luís, cinco em Fortaleza e quatro em Macapá, Rio Branco, João Pessoa e Maceió; registros menores que quatro são encontrados nas demais capitais. *Rotatória*, presente em treze capitais, alcança os maiores índices em Boa Vista com sete registros e Campo Grande com seis; em Goiânia e Belo Horizonte, cinco e em São Paulo, quatro. *Contorno*, por sua vez, se sobressai apenas em João Pessoa e concorre com outras formas, com índices variados em outras quatorze capitais. *Rótula* é recorrente em doze localidades, com percentuais de produtividade diferentes. A variante destaca-se por apresentar alto índice de ocorrências em Florianópolis, com cinco registros; em Porto Alegre e Goiânia, com quatro cada; em Curitiba, Aracaju, Natal e Salvador concorre com outras variantes registrando três em cada uma delas, além das ocorrências únicas em Recife, João Pessoa, Vitória, Rio de Janeiro e Manaus.

4.4.2 Analisando os Falares do Norte (Q- 198)

Como proposto nesta dissertação, realizamos a distribuição das variantes para a questão 198. *Rotatória/rótula* de acordo com a divisão de Nascentes, o que levou à elaboração da Carta Experimental VII (Figura 12) que contém os dados distribuídos pelas capitais das regiões Norte e Nordeste, considerando, pois, a divisão dos subfalares amazônico, nordestino, baiano e a área multivarietal. De acordo com Nascentes, o subfalar baiano pertenceria ao grupo do Sul, mas na ilustração redirecionamos esse subfalar para os subfalares do grupo do Norte. A modificação está fundamentada em pesquisas atuais (RIBEIRO, 2012; ROMANO, 2015; YIDA, 2011; CUBA, 2015, PORTILHO, 2013) e nos dados, ainda inéditos, expostos nesta dissertação. Assim, atualizamos, conforme explicitamos, o nome do *território incaracterístico* para *área multivarietal* (CUBA, 2015), como ilustrado na Figura 12.

Figura 12 – Carta experimental VII - Falares do Norte (Questão 198 do QSL)



Elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi.

Fonte: Dados do ALiB aplicados à proposta de Nascentes (1953)

Na Região Norte, temos 48 informantes e 62 respostas, enquanto na Região Nordeste são 72 falantes com 100 registros. Consideramos, pois, o polimorfismo para esta questão, levando em conta que há mais de uma forma de nomear o referente, conforme os dados aqui expostos.

A carta experimental VII mostra o variado acervo lexical nestas regiões, a contar pela quantidade de *outras* variantes disseminadas por praticamente todas as localidades. Além das mais frequentes, *retorno*, *balão*, *rotatória*, *bola*, *contorno* e *rótula*, nas capitais da Região Nordeste, tivemos: *anel viário* (4 ocorrências), *giradouro* (4), *girador*, (3), *desvio* (3), *círculo* (2), *giro* (1), *passagem* (1), *canteiro* (1), *encruzilhada* (1), *curva* (1), *rodízio* (1), *interseção* (1), *largo* (1), *cruzamento* (1) e *entroncamento* (1) e nas capitais do Norte, como *outras*, registramos: *trevo* (4) *curva* (2), *redondo* (2), *círculo* (1), *cruzamento* (1), *encruzilhada* (1) e *desvio* (1).

Em relação aos subfalares, observamos que:

i. Na área do *subfalar amazônico*, composto por 002 – Macapá, 003 – Boa Vista, 006 – Manaus, 012 – Belém, 020 – Rio Branco e 021 – Porto Velho, notamos a presença de *retorno* em cinco capitais, cuja maior evidência é em Macapá (44%) seguida de Rio Branco (40%). *Rotatória* é registrada em quatro pontos, ganhando destaque em Boa Vista (64%). Este subfalar apresentou uma particularidade, a designação *bola* só foi registrada nos falares do Norte em parte da área destinada ao subfalar amazônico, sendo 64% de ocorrências em Manaus, 36% em Boa Vista e 42% em Porto Velho. As demais designações são registradas com no máximo 25%, como demonstra o Quadro 8.

ii. Na área do *subfalar nordestino*, que engloba os pontos 026 – São Luís, 034 – Teresina, 041- Fortaleza, 053 – Natal, 061- João Pessoa, 070 – Recife e 077- Maceió, a variante *retorno* está presente em toda a área estudada, marcando maiores índices em Maceió (57%), Fortaleza (55%) e São Luís (40%). *Balão*, embora presente nos subfalares Amazônico, Nordestino e Baiano, obteve os maiores índices no falar Nordestino, mais especificamente em Teresina, cujos registros evidenciam 89% de ocorrência de *balão*. Nas demais capitais as ocorrências de *balão* variam de zero a três. *Contorno* e *rotatória* demonstraram poucas ocorrências neste subfalar e na categoria de *outras* observamos que, nos pontos 053 (Natal) e 070 (Recife), o polimorfismo para a questão 198 chegou a 54% dos dados.

iii. De acordo com Nascentes (1953) o *Subfalar baiano* é composto pela Bahia,

Sergipe, extremo sul do Maranhão, sul e sudeste de Piauí, sudoeste de Pernambuco e de Alagoas, nordeste de Goiás, leste de Tocantins e norte de Minas Gerais. Os limites traçados por Nascentes evidenciam apenas duas capitais pertencentes ao subfalar baiano, que são: 093 – Salvador e 079 – Aracaju. Nestas duas localidades os resultados são bastante próximos, pois tanto Salvador quanto Aracaju registraram 25% do uso de *retorno* e 37% de *rótula* e o mesmo índice para o grupo das *outras variantes* (25%). A distinção entre as capitais está no uso inferior, mas presente de *contorno* (12%) em Aracaju e *balão* (12%) em Salvador.

Em síntese, podemos observar que os falares do Norte apresentam características particulares, como no caso de *bola* presente em parte da área correspondente ao subfalar amazônico. O fato aponta para uma relativa vitalidade deste subfalar, visto que consideramos a peculiaridade do léxico dessa área em relação ao de outras regiões. De mesmo modo, Portilho (2013), analisou o subfalar amazônico em sua dissertação de mestrado com base no campo semântico “Jogos e brincadeiras infantis” do QSL – ALiB, de acordo com o *corpus* constituído de treze questões, verificou que algumas variantes não evidenciaram o falar amazônico, mas houve fatos em que os itens lexicais só foram registrados nesta área, atestando, assim, uma possível vitalidade do subfalar, o mesmo repete-se nesta pesquisa, já que *bola* é registrada em três capitais da Região Norte, pertencentes ao subfalar amazônico.

Em relação à área definida por Nascentes (1953) como subfalar nordestino, os dados mostraram que a lexia *retorno* foi o item lexical mais produtivo na área em foco, e *balão* foi registrada em todos os pontos do subfalar nordestino, com percentuais menores se comparados ao item *retorno*, exceto em Teresina (89%). A lexia *balão*, nos estados que compõem o subfalar nordestino, predomina em Teresina, concorre com *retorno* em Fortaleza e nas demais capitais tem baixa frequência. O subfalar baiano, por sua vez, apresenta características próximas das encontradas no subfalar nordestino, o que comprova a alteração desta área para os subfalares do Norte e não do Sul, como proposto por Nascentes.

Conforme alertamos, os dados das capitais podem, apenas, dar indícios da divisão dialetal de Nascentes que poderá ser comprovada ou refutada com a análise dos dados do interior do Brasil. Além disso, levamos em consideração o pouco tempo de uso do referente nas cidades brasileiras e o fato de em algumas localidades interioranas ainda não existir a rotatória, motivos que podem explicar a polissemia para o objeto, já que ainda não se fixou uma forma lexical.

4.4.3 Analisando os Falares do Sul (Q- 198)

A Região Centro-Oeste, constituída por três capitais e 24 inquéritos, totalizou 28 variantes. Nesta Região não houve muitas respostas duplicadas e os registros evidenciam, com maior índice de produtividade (43%), o uso de *rotatória* (doze ocorrências). *Contorno* está presente em Cuiabá e Campo Grande, representando 25% dos dados (sete registros); *rótula* obteve 14% dos dados na fala dos informantes de Goiânia (quatro ocorrências). O grupo das *outras* variantes representa 18% (cinco registros), dentre elas o que chamou a atenção foi o uso lúdico de *queijinho* registrada por dois informantes de Goiânia, um homem jovem de nível superior e uma mulher idosa de nível fundamental, a forma registrada é usada como segunda opção, como explicam os informantes:

(01) INF.- A *rótula*
 INQ.- É? Aqui falam *rótula*?
 INF.- É...
 INQ.- Tem algum outro nome? Tem bastante, né.
 INF.- Eu já ouvi o povo falá *queijinho*
 INQ.- A senhora já ouviu, mas a senhora mesmo fala *rótula*?
 INF.- É eu falo *rótula* (123 – 4 Goiânia).

(02) INF. – Tem gente que chama de *queijinho* né?
 INQ.– É, ele me falou...
 INF. – Eh. Mais o que... qu...um... o pessoal fala que mais, fora é fala: "Ah, tem um *queijinho*", hoje 'cê não acha tanta gente falando, mais *rótula* do que *queijinho*. Mais como, como às vezes tem uma pessoa que fala, 'tão ela acha aquilo tão... pitoresco, né? Que vai daí fala: "Ah não, lá todo mundo chama de *queijinho*" Não (risos).
 INQ.– Hã. O mais comum é *rótula*?
 INF. – É, *rótula* (123 – 4 Goiânia).

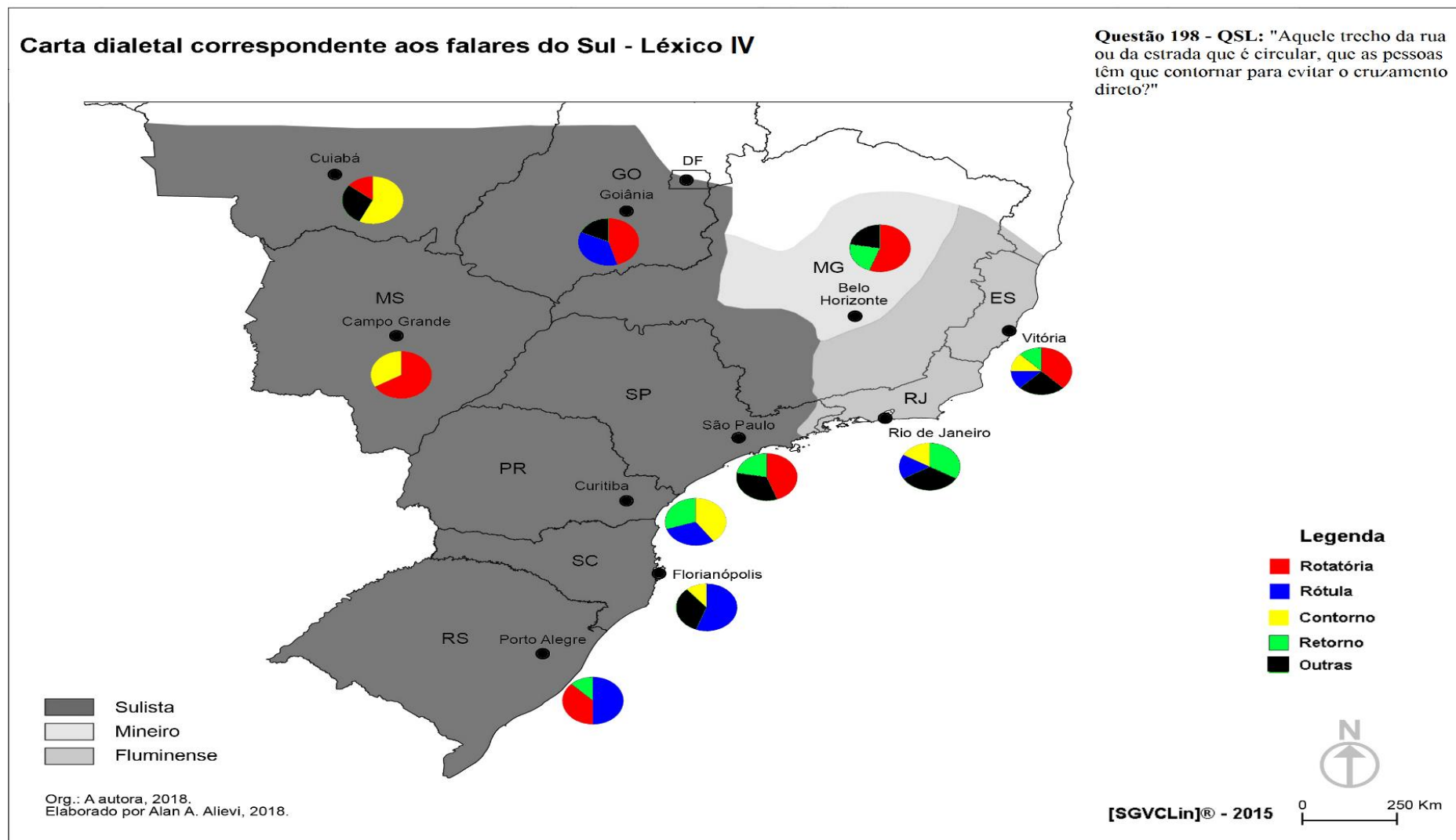
A Região Sudeste é constituída por quatro capitais, o que equivale a 32 inquéritos e um total de 33 respostas obtidas. Os dados evidenciam a maior produtividade da variante *rotatória*, com doze registros (37%), seguida de *Retorno* com sete ocorrências (21%) e com baixo índice de produtividade *contorno* e *rótula* com duas ocorrências cada (6%). No grupo de *outras*, totalizando 30% dos dados, obtivemos as variantes *trevo*, *cruzamento*, *ilha*, *rodinha*, *volta* e *praça*.

A Região Sul, formada por três capitais e 24 inquéritos, trouxe 27 respostas, das quais a variante *rótula* apresenta doze registros (44%), sendo recorrente em todas as localidades. *Contorno* é registrada com cinco ocorrências 19%, ao passo que *retorno* registra quatro ocorrências (15%), *rotatória* três (11%) e o grupo das *outras variantes* também registra três

ocorrências (11%).

Na sequência, a carta experimental VIII ilustra a discussão baseada nos dados e de acordo com a definição de Antenor Nascentes (1953) dos três subfalares: sulista, mineiro e fluminense.

Figura 13 – Carta experimental VIII – Falares do Sul (Questão 198 do QSL)



Elaborado pelo geógrafo Alan A. Alievi.

Fonte: Dados do ALiB aplicados à proposta de Nascentes (1953)

i. Na área do *subfalar sulista*, composto por 108 – Cuiabá, 115 – Campo Grande, 123 – Goiânia, 179 – São Paulo, 220 – Curitiba, 230 – Florianópolis e 243- Porto Alegre, os dados apontaram que *rotatória* é a designação predominante em Campo Grande, com 60% dos dados; em Goiânia a *lexia* atinge 45% dos resultados, concorrendo com *rótula*; na capital paulista *rotatória* registra 44% dos dados, nessa localidade notamos que o grupo das *outras variantes*, constituído por *guia* (sete ocorrências) e *sarjeta* (uma ocorrência), demonstra de forma tímida, porém presente, que a variante *guia* pode vir a ter preferência no falar paulistano, no entanto, como a *lexia* só apresentou forte evidência na capital de São Paulo, não a incluímos como uma forma recorrente, fato que pode ser alterado quando unirmos os dados deste estudo com a pesquisa no interior das regiões. Em Porto Alegre, *rotatória* é produzida em 37% dos casos e de forma menos influente em Cuiabá (14%), não tendo sido registrada em Curitiba e Florianópolis. *Rótula* e *Contorno* estão presentes em quatro das seis localidades deste subfalar, apresentando valores significativos. Para a designação *contorno* temos os percentuais de 57% (108 – Cuiabá), 40% (220 – Curitiba), 30% (115 – Campo Grande), 11% (230 – Florianópolis) e para *rótula* registramos 56% (230- Florianópolis), 50% (243 –Porto Alegre), 30 % (220 – Curitiba) e 36% (123 – Goiânia). *Retorno* aparece com pouca influência neste subfalar.

ii. Na área do *subfalar Mineiro*, representado pela capital 138 – Belo Horizonte, há preferência pela designação *rotatória* com 50% dos dados, enquanto que *retorno* registra 20% e o grupo das *outras variantes* com 30%, composto pelas designações *trevo* e *praça*.

iii. De acordo com Nascentes (1953), na área do *subfalar fluminense* temos as capitais 190 – Vitória e 202 – Rio de Janeiro. Os dados desta pesquisa apresentaram certa divergência de uso das variantes nos dois pontos analisados. No ponto 190 *rotatória* (38%) foi mais utilizada pelos capixabas, enquanto os cariocas preferem a designação *retorno* (34%). *Contorno* e *rótula* apresentam ocorrências únicas nas duas localidades e no grupo das *outras variantes* registramos *praça* em ambas as capitais, *volta* em Vitória (25%) e *rotativa* no Rio de Janeiro (25%). Observamos que as capitais pertencentes ao subfalar fluminense, definido por Nascentes (1953) como um subfalar, apresentam a maior variabilidade: em Vitória, por exemplo, temos quatro variantes e mais o grupo das *outras*, no Rio de Janeiro encontramos três *lexias* e mais o grupo das *outras*, no entanto, não há nenhum léxico que caracterize essa área como um subfalar, já que as variantes encontradas nessas capitais também são registradas nas demais

localidades do Sul.

Conforme explicamos, o subfalar sulista possui a maior área dos falares do Sul e engloba o maior número de capitais ou algumas especificidades, a começar pelo fato de haver três lexias significantes: *rotatória*, *rótula* e *contorno*. *Rotatória* é a variante que tem maior influência no subfalar sulista, disseminada em toda a área, não sendo registrada em apenas duas capitais (Curitiba e Florianópolis). *Rótula*, por sua vez, demonstra certa vitalidade em Porto Alegre e Curitiba, não se concentrando apenas nesse limite, como podemos ver na carta II; em Goiânia o uso da lexia é significativo. *Contorno* é mais frequente em Cuiabá, mantendo vigor em Campo Grande e Curitiba e resquícios em Florianópolis. Até o momento, supomos que esse fato ocorre porque o referente é considerado novo nas capitais, hipótese que poderia demonstrar a disputa das variantes, já que ainda não há uma lexia cristalizada para o objeto em estudo.

Nascentes (1953), como já referido, divide o falar do Sul em três subfalares. De acordo com os dados obtidos para a Questão 198, que apresentam um significativo polimorfismo para designar esse espaço do trânsito, não se pode ratificar a proposta do dialetólogo. Acreditamos que, por se tratar de uma situação criada pelo mundo moderno, algumas das multiformas vão precisar de um bom tempo para se fixar em determinadas áreas, ou, talvez, uma delas venha a se sobrepor às demais como norma urbana culta e outras se sedimentem como normas regionais ou locais.

No entanto, ao comparar os dados que podem contrapor o falar do Sul com o do Norte, podemos pensar em uma divisão dialetal entre os dois falares, a começar pela preferência de *retorno* na Região Norte. Para isso, se traçarmos uma linha imaginária do ponto 20 – Rio Branco até o ponto 93- Salvador, observaremos a presença dessa variante em todas as capitais, em índices variados de ocorrências.

No falar do Sul, a preferência é por *rotatória*, distribuindo-se por, praticamente, todas as capitais, com índices de produtividade mais ou menos significativos (Quadro 8). A variante *rótula*, segunda mais produtiva no falar sulista, ocupa o sexto lugar no Falar do Norte, conforme a Figura 12. Ao contrário, no Falar do Sul, mostrado na Figura 13 *rótula*, ocupa o segundo lugar, atingindo índices de até 56% (230- Florianópolis). Outro fato que marca a diferença dos falares são as particularidades do Norte representadas pela variante *bola*, bastante produtiva em Porto Velho, Manaus e Boa Vista e *balão*, principalmente em Teresina e Fortaleza. Essas formas não foram registradas na Região Sul e podem vir a constituir áreas de isoléxicas no Falar do Norte.

Os subfalares do Sul, representados pelos dados das capitais, apenas, resumiram-se, *grosso modo*, ao subfalar sulista, já que nem o subfalar mineiro nem o fluminense apresentaram características próprias que os definiriam como um subfalar.

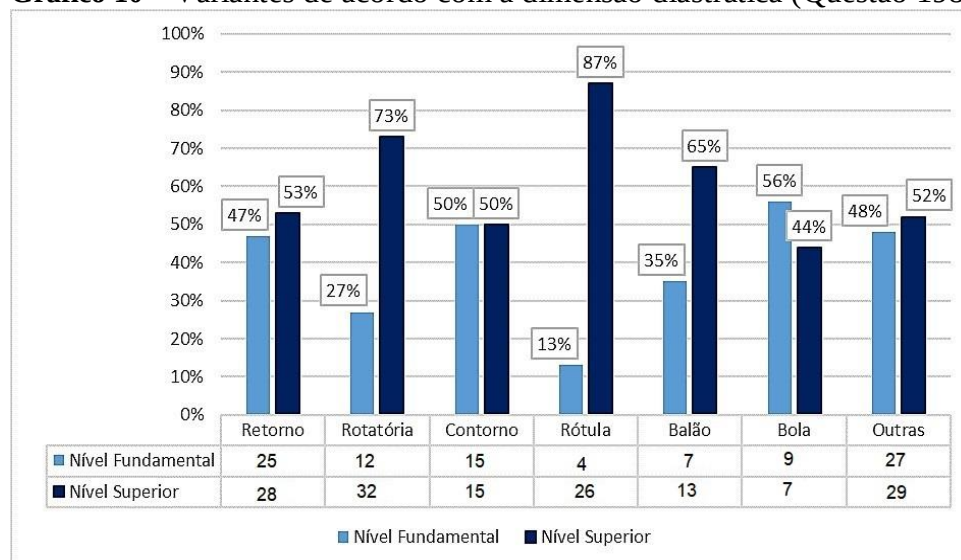
Até o presente momento, podemos inferir que a divisão dialetal entre os falares do Norte e do Sul poderá ser validada pelos dados do interior. Se nos fixarmos, apenas nos dados das capitais, nas variantes mais frequentes, em ordem decrescente, no Norte (*retorno*, *balão*, *rotatória* e *bola*) e no Sul (*rotatória*, *rótula*, *contorno* e *retorno*), os elementos são ainda frágeis e indicam o estágio de acomodação das diversas variantes.

Na sequência, analisamos os dados de acordo com as dimensões diastrática, diassexual e diageracional.

4.4.4 Dimensão Diastrática – Questão 198 (QSL)

Para a análise dos dados, de acordo com a variável diastrática, elaboramos o Gráfico 10, considerando o total por lexia. Por exemplo, da variante *retorno* obtivemos 53 registros, dos quais 25 realizados por informantes de nível fundamental (47%) e 28 por informantes de nível superior (53%). Seguimos o mesmo critério para as demais variantes.

Gráfico 10 – Variantes de acordo com a dimensão diastrática (Questão 198)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Projeto ALiB

Quanto à dimensão diastrática, como ilustrado no Quadro 8, é perceptível que o grupo de informantes com nível superior de ensino registra com mais frequência as formas: *rótula* (87%), *rotatória* (73%), *balão* (65%) e com índices próximos, temos *retorno* (53%). Sobre a

variante *contorno*, o índice é igual para ambos os níveis de escolaridade, enquanto *bola* é mais frequente entre os informantes do nível fundamental.

Na categoria, de *outras* incluímos *praça* e *trevo*, conforme ilustramos com os excertos 01, 02 e 03:

(01) INQ.- Aquele trecho da rua, aqui já tem bastante, na rua, ou então na estrada, né, que é circular, né, que a gente tem que contornar para evitar o cruzamento direto?

INF.- A rotatória?

INQ.- Tem outro nome para rotatória?

INF.- Não.

INQ.- Se você fosse me explicar, né, para ir lá pra Universidade, aí eu teria que passar por onde?

INF.- É, te explicar o caminho, fala ó: bom, se tiver praça, contornar a praça, se se tiver uma rotatória, você vai contornar a rotatória (123-8 – Goiânia).

(02) INF.- Rotatória.

INQ.- Tem outro nome aqui?

INF.- Na estrada é trevo.

INQ.- Na estrada é trevo, aqui na, na, na cidade não.

INF.- Na cidade é rotatória, praça (138-7 – Belo Horizonte).

(03) INQ.- Como chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular que os carros tem que contornar pra ir de..

INF.- Rótula.

INQ.- Isso, tem outros nomes?

INF.- Trevo.

INQ.- Qual que é o nome que as pessoas usam mais?

INF.- Quando é redondo, bem redondo eles chamam de rótula, ou quando é pequeno né, quando é maior já é trevo (230-7- Florianópolis).

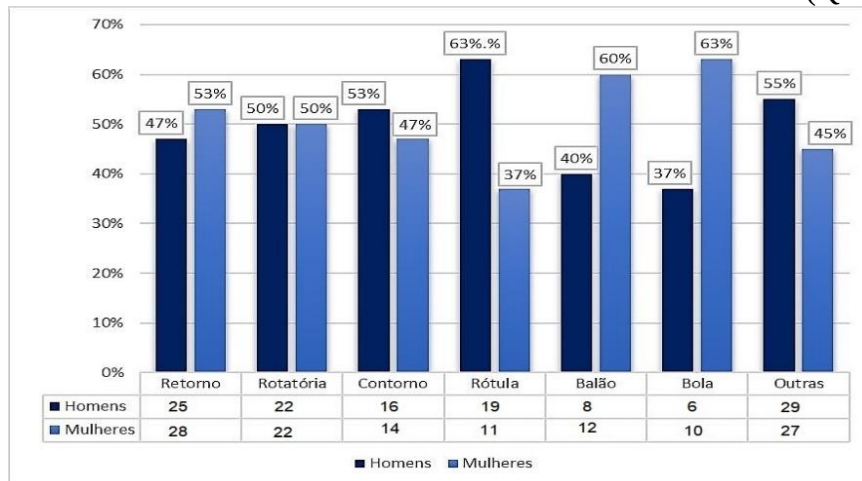
No Centro-Oeste, a informante oito de Goiânia explica a diferença da construção do referente, ou seja, se houver uma praça no meio da via, o motorista irá contornar a *praça*, caso seja somente o espaço, sem nenhum tipo de construção, ela o denomina como *rotatória*. O informante 138-7, por sua vez, explica que, de acordo com o local, nomeia-se de formas diferentes: quando o objeto se encontra na estrada é conhecido por *trevo*, já na cidade pode ser chamado de *rotatória* ou *praça*.

4.4.5 Dimensão Diassexual – Questão 198 (QSL)

No Gráfico 11, apresentamos os dados sob a óptica da dimensão diassexual. Os cálculos foram feitos considerando o valor absoluto de cada item lexical (Quadro 8), divididos

pelos valores apresentados na legenda de acordo com a ocorrência na fala dos homens e das mulheres, como podemos visualizar a seguir.

Gráfico 11 – Variantes de acordo com a dimensão diassexual (Questão 198)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

O Gráfico 11 mostra que, no cômputo geral dos números absolutos e dos percentuais das variantes, no que diz respeito à produtividade, a fala masculina registra 125 formas ao todo e a feminina, 124 registros. Refletindo sobre a produtividade das variantes mais recorrentes, porém, verificamos que *rótula* (63%) e *contorno* (53%) são mais frequentes na fala masculina que na fala feminina, ao passo que *bola* (63%), *balão* (60%) e *retorno* (53%) têm a preferência das mulheres. Lembrando que, quanto à escolaridade, *balão* foi elicitada por 65% dos falantes de nível universitário e *bola* por 56% dos falantes de nível fundamental.

Tanto os homens quanto as mulheres não conseguiram explicar o porquê da escolha lexical. Em relação aos itens em destaque, *rótula*, *contorno*, *bola*, *balão* e *retorno*, notamos que, nos diálogos dos informantes de ambos os sexos, a maioria das respostas eram duplicadas.

A título de ilustração do comportamento de alguns informantes masculinos e femininos em relação à dupla resposta dada à questão 198, destacamos os seguintes excertos. Diálogos com homens:

(06) INF.- *Giradoro, rótula.*

INQ.- Tem outro nome?

INF.- Qu'eu conheço... Só conheço esses dois: *giradoro* e *rótula* (053-5 – Natal).

(07) INF.- *Giradouro.*

INQ. – Tem outro nome?

INF. – ... não.

INQ. – Certo.

INF. – *Rótula*.

INQ. – Ah sim tá ótimo (061-7- João Pessoa).

(08) INQ. - E como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular? Que os carros têm que con, é... contornar pra evitar o cruzamento direto.

INF. - *Retorno*?

INQ. - Hum.

INF. - Desvio?

INQ. - Que é circular assim.

INF. - Circular? *Rótula*?

INQ. – Hum (093-5 Salvador).

Diálogos com mulheres:

(09) INQ.– Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular e que os carros têm que retornar?

INF.– *Rotatória*? *Retorno*?

INQ.– Usarias rotatória... retorno? Mais algum outro nome?

INF.– *Retorno*. Não (026-São Luís 6).

(10) INF. – *Contorno*

INQ. – Tem outro nome

INF. – *Retorno*, *balão* (061-João Pessoa 6).

(11) INQ.– E aquele trecho na rua ou na estrada que é circular, né, que os canos têm que contornar pra evitar o cruzamento direto?

INF.– Um *retorno*, o *balão*, o... o *contorno* (026-São Luís 8).

Os percentuais de *outras variantes* evidenciam que, para a questão 198 – QSL, os homens (55%) conhecem mais nomes que as mulheres (45%). O anexo F demonstra que, na área definida por Nascentes (1953) como subfalar nordestino, os homens apresentam maior variabilidade nas respostas, nos demais subfalares os dados parecem manter certo equilíbrio.

Em síntese, os dados revelaram que há proximidades de registros masculinos e femininos para as lexias mais produtivas (Gráfico 11), o que nos leva a compreender que a variável sexo não é tão significativa quanto à seleção lexical dos falantes.

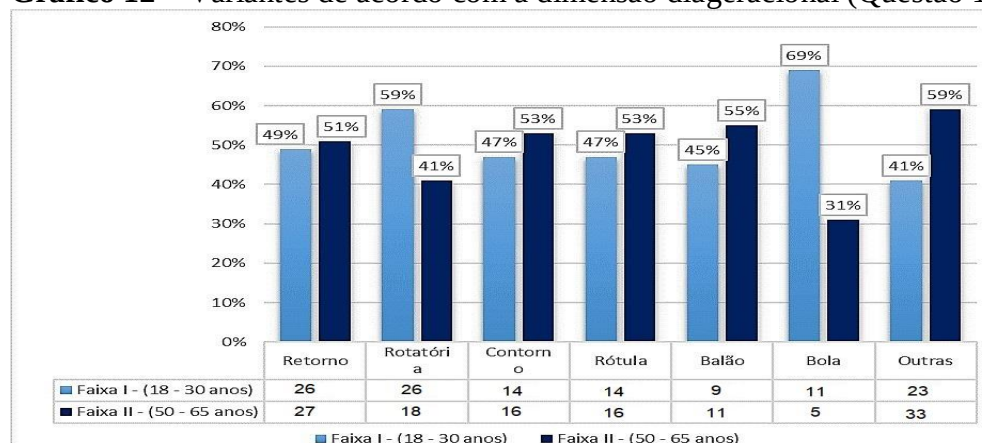
O mesmo ocorre em relação à dimensão diageracional, conforme explicamos no tópico 4.4.6.

4.4.6 Dimensão Diageracional – Questão 198 (QSL)

O Gráfico 12 mostra que, novamente, não há muita diferença, no cômputo geral dos números absolutos e percentuais de ambas as faixas etárias na escolha lexical para denominar

este trajeto do trânsito. As diferenças, porém, se estabelecem ao observarmos cada variante isoladamente, pois, *bola* (69%) e *rotatória* (59%) são mais frequentes na Faixa I enquanto *balão* tem a preferência dos informantes da Faixa II. As demais variantes não apresentaram diferenças de uso significativas entre os dois grupos, o que pode ser confirmado no gráfico a seguir.

Gráfico 12 – Variantes de acordo com a dimensão diageracional (Questão 198)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do ALiB

Retorno, como já mencionado, é a variante mais utilizada pelos informantes em todos os aspectos analisados, fato que a indica como a variante mais popular. No entanto, alguns informantes têm consciência de que, embora a forma *retorno* seja a mais conhecida, o nome mais adequado seria *rotatória*, conforme ilustram os diálogos selecionados:

- (12) INQ.- E aquele trecho da rua ou da estrada assim que é circular, que os carros têm que contornar ...
 INF.- *Rotatória*.
 INQ.- Agora tá aparecendo muitos aqui em Campo Grande, né?
 INF.- É, antes num tinha... falava *contorno*
 INQ.- É, que é mais comum aqui?
 INF.- Agora é *rotatória*. Ficô mais chique, né? Mais antigamente falava *contorno*. Quando ia contorná.
 INQ.- É...
 INF.- Agora que fizeram aquelas... No meio assim. É... Agora é *rotatória* (115-8- Campo Grande).

- (13) INF.- É o *retorno*.
 INQ.- É, vocês chamam de retorno? Que que é o retorno?
 INF.- Tem, é aquela bola que eles fazem um giro.
 INQ.- Unhum.
 INF.- *Rotatória* né.
 INQ.- É, chama de rotatória aqui?
 INF.- Unhum.
 INQ.- Chama, ou chama de?

INF.- Mas é o, o mais popular é o *retorno*.

INQ.- É? Então aí eles fazem o retorno?

INF.- Mas o nome é *rotatória* mesmo.

INQ.- Aham.

INF.- Mas chama de *retorno* (020-1 – Rio Branco)

(14) INQ.- Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular e que os carros têm que retornar?

INF.- *Rotatória? Retorno?*

INQ.- Usarias rotatória... retorno? Mais algum outro nome?

INF.- *Retorno*. Não (026-6 – São Luís).

(15) INQ.- Agora, aquele trecho na rua, na estrada, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto, como é que você chama?

INF.- Aquilo lá... aquela coisa chata que a gente nunca sabe se para ou se continua, né, que aqui em São Paulo num tem muita regra pra isso... fala que é *rodinha*, mas isso eu mesmo que falo, tem outro nome, num lembro o nome, sei que tem um nome sim... *rotatória*, o nome é *rotatória*.

INQ.- Isso, rotatória (179 – 8 – São Paulo)

(16) INF.- *Rotatória*.

INQ.- Tem outro nome mais comum, mais popular?

INF.- Não aqui, introduziram isso aqui há pouco tempo, então ficô como *rotatória* (190-7- Vitória).

Os diálogos mostram a consciência dos falantes de que, dependendo da localidade, existem formas que são mais bem aceitas socialmente do que outras, haja vista que *retorno*, com 53 respostas supera o número de *rotatória* (44). De acordo com os relatos dos informantes, podemos verificar que, embora as duas variantes sejam as mais lembradas, *rotatória* traz uma noção de maior prestígio social, enquanto *retorno* uma ideia de variante popular e inovadora.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O objetivo geral desta dissertação está fundamentado no terceiro objetivo do Projeto ALiB, que é o de “estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil tornando evidentes as diferenças regionais através dos resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados”. Temos ciência de que, para tal propósito, seria necessário considerar também os dados coletados em todo o interior do país. No entanto, o acervo para compor o *corpus* do trabalho restringiu-se às respostas dadas pelos falantes das capitais do Brasil o que permite apenas indicar caminhos, apontar tendências. Dessa forma, assumimos o compromisso de analisar as designações para os quatro itens lexicais do QSL: 195. *Lombada/quebra-molas*, 196. *Calçada/passeio*, 197. *Meio-fio* e 198. *Rótula/rotatória*, por meio da cartografia dos dados com o objetivo geral de *observar as diferenças lexicais de cada região, no que tange à divisão dialetal*.

Ao longo das análises encontramos dificuldade em reconhecer os subfalares que Nascentes definiu em 1953, pelo fato de trabalharmos apenas com dados das capitais, sem a inclusão dos resultados do interior. Pesquisadores que nos precederam selecionaram áreas contíguas, como fizeram Ribeiro (2012), ao estudar o subfalar baiano; Portilho (2013) com o estudo do subfalar amazônico; Romano (2015) com o subfalar sulista e Cuba (2015) com o território incaracterístico, hoje conhecido como área multivarietal e puderam, assim, analisar com mais segurança a questão da divisão dialetal no Brasil.

Ao selecionar as capitais, verificamos que cada região apresentava um número diferente de Estados e, conseqüentemente, de capitais e de informantes. Na área do Falar do Norte, compreendendo os três subfalares e uma área incaracterística/multivarietal, definidos por Nascentes (1953), verificamos que o *subfalar amazônico* envolvia seis capitais e 48 informantes; o *subfalar nordestino*, sete capitais e 56 informantes, o *subfalar baiano*, que realocamos para a área do Falar do Norte, com apenas duas capitais e dezesseis inquéritos, ou seja, uma área apresentaria mais variantes do que a outra e a comparação seria feita com dados heterogêneos.

O mesmo identificamos na área do Falar do Sul, no qual o *subfalar sulista* abrange sete capitais, com 56 informantes; o *subfalar mineiro* conta apenas com a capital Belo Horizonte e o *subfalar fluminense* traz os registros de Vitória e do Rio de Janeiro. A opção metodológica não favoreceu alcançar o quarto objetivo da pesquisa, isto é, *comparar os resultados obtidos na pesquisa com a proposta de Nascentes (1953) em relação aos subfalares, amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro e sulista, inseridos nos*

Falares do Norte e do Sul. No entanto, abriu perspectivas para o aprofundamento deste objetivo com vistas à inclusão dos dados do interior.

As análises dos dados permitem, no entanto, responder às perguntas e confirmar ou rejeitar as hipóteses em que a dissertação se fundamentou, de acordo com a sequência:

i) *é possível delinear áreas dialetais do português do Brasil com base na variação lexical registrada apenas nas capitais?* Não, pois as áreas conhecidas como subfalares amazônico, nordestino e sulista apresentam maior número de localidades, se comparadas aos subfalares baiano, mineiro e fluminense. Tal fato impossibilita delinear áreas dialetais, já que nos pareceu pouco convincente afirmar a existência de subfalares, cujas localidades eram representadas por no máximo dois pontos linguísticos.

Sendo assim, rejeitamos, parcialmente, a hipótese inicial para esta pergunta, isto é: *a distribuição diatópica das variantes lexicais nas capitais, acerca da Vida Urbana, pode apontar caminhos para a comprovação da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953)*. Parcialmente, porque dentre os quatro itens analisados, apenas a questão 198. *Rotatória* apresentou um número mais extenso de dados polimórficos, o que nos fez considerar que a divisão dialetal do Brasil, entre falares do Norte e falares do Sul, é pertinente, já que no Norte e Nordeste do país *retorno* é a forma predominante, enquanto no Sul *rotatória* prevalece.

Além das particularidades da Fala Nortista, como o uso da variante *bola* como caracterizadora de uma possível vitalidade do *subfalar amazônico* e *balão* que talvez represente vestígios do *subfalar nordestino*, não nos restam muitos elementos para argumentação. Temos, também, o caso da variante *guia*, para a questão 197. *Meio-fio*, na área do Falar do Sul do país, que é específica de São Paulo, enquanto *fio de pedra* foi a resposta mais frequente em Porto Alegre, diferenciando-se ambas de todo o Brasil, e poderiam ser uma pista para o que Romano defendeu em sua Tese sobre a proposta de reelaboração do Falar do Sul, dividindo-o em dois *subfalares*, o Sulista e o Paulista. Os dados, porém, não nos possibilitam alcançar tal intento, justamente pelo fato de só termos analisado os dados das capitais.

Dentre os itens estudados, verificamos que, dos quatro, apenas um (198. *Rotatória*) apresentou maior diversidade de designações, sem que uma se sobressaísse na fala dos informantes de todo o país. Os outros três itens evidenciam certa regularidade, sendo comprovadas duas formas de prestígio nas capitais: *meio-fio* e *calçada*; quanto ao item 195. *Quebra-molas* identificamos que, por mais que as duas formas (*lombada* e *quebra-molas*) estejam presentes em todo o Brasil, com altos índices de produtividade, *lombada* prevalece nos falares do Norte, enquanto *quebra-molas* nos falares do Sul, fato que poderia comprovar a

divisão dialetal de Nascentes entre Norte e Sul, mas é ineficaz em relação aos subfalares, justamente por existirem duas formas predominantes.

ii) *a escolha de determinadas variantes pode estar condicionada por fatores extralinguísticos?* Os fatores extralinguísticos podem condicionar, parcialmente, a escolha das variantes, o que nos leva a admitir uma hipótese também parcialmente verdadeira: *as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade intervieram em algumas escolhas de variantes.* Por exemplo, a análise diastrática do item 198. *Rotatória* comprovou que as formas *retorno*, *rotatória*, *rótula* e *balão*, embora sejam registradas pelos dois grupos, apresenta maiores índices de produtividade na fala dos informantes de nível superior, sendo 73% para *rotatória*, 87% para *rótula*. 65% de *balão* e 53% de *retorno*. Em consideração à faixa etária, observamos que as formas *bola* (69%) e *rotatória* (59%) são mais recorrentes na fala dos informantes jovens, enquanto *balão* (55%) tem maiores registros na fala dos informantes da segunda faixa etária. Sobre a variável sexo, verificamos que os homens tendem a apresentar mais formas para a questão 198. *Rotatória*, além de optarem pelas variantes *rótula* (63%) e *contorno* (53%), enquanto as mulheres preferem *bola* (63%), *balão* (60%) e *retorno* (53%).

Em relação ao item 197. *Meio-fio*, verificamos que a forma padrão é recorrente na fala dos informantes de nível superior, sendo 86 dos 151 registros de *meio-fio* (57%). Os informantes de nível fundamental preferem as formas *sarjeta* (62%), *guia* (57%) e *paralelepípedo* (83%). Em relação ao sexo, identificamos que as mulheres tendem a apresentar mais variantes; dos dados destinados ao grupo das *outras variantes*, 76% são registros realizados pelas mulheres. A dimensão diageracional mostrou-se pouco representativa para esta questão, já que não há uma forma preferencial para os falantes da Faixa I ou da Faixa II.

Sobre a questão 195. *Quebra-molas* podemos relatar que, na fala dos informantes de nível fundamental, *quebra-molas* é a forma mais recorrente, com 59% dos dados, enquanto *lombada* aparece com maior vigor nos registros dos informantes universitários, com 62%. A dimensão diasssexual mostrou-se regular em relação às duas variantes mais produtivas, sendo 50% do uso de *lombada* entre ambos os sexos e 54% dos registros de *quebra-molas* são feitos pelos homens, enquanto as mulheres apresentam 46% dos dados para a mesma variante. Assim como no caso do item 197. *Meio-fio*, as mulheres também apresentaram uma tendência maior para o grupo das *outras variantes*, sendo 19 dos 25 registros (76% dos dados). Os dados revelaram que *quebra-molas* é a forma preferida pelos informantes da faixa I (59%) e *lombada* pelos falantes da faixa II (54%).

A questão 196. *Calçada* apresentou regularidade na dimensão diastrática, ou seja,

tanto os informantes com nível superior quanto os informantes de nível fundamental apresentaram o mesmo percentual para a forma *calçada*, sendo 50% dos registros para cada grupo. *Passeio*, por sua vez, é a variante mais recorrente na fala dos informantes homens de nível universitário (66%), enquanto as mulheres continuam mantendo a tendência em apresentar mais variedades, sendo 73% das formas hápax ou pouco produtivas elencadas pelas informantes femininas.

Como podemos ver, alguns fatores extralinguísticos, conforme o item lexical investigado, podem apresentar influências significativas na escolha das variantes.

iii) *os principais lexicógrafos lematizam todas as variantes coletadas pelo ALiB em relação a itens do campo semântico da vida urbana, no caso rotatória, calçada, meio-fio e quebra-molas?* Sim, em sua maioria, as variantes consideradas como *caput* da questão são dicionarizadas como elementos da via e da vida urbana, no entanto, as formas hápax e as pouco produtivas, por vezes, recebem outros significados. Isto nos leva a considerar parcialmente verdadeira a hipótese inicial da pesquisa, ou seja: *por se tratar de referentes criados a partir da urbanização dos espaços nem todas as variantes estão dicionarizadas*.

iv) *a proposta da divisão dialetal do Brasil, feita por Nascentes, pode ser reinterpretada de acordo com a análise lexical?* No caso de referentes da vida urbana, considerando que a urbanização é muito recente e ainda não chegou totalmente a todos os rincões do país e a todas as classes sociais, cremos ser necessário somar a este *corpus* de 200 falantes os dados do interior coletados junto a outros 900. A partir desta análise e das considerações que tivemos ao longo deste trabalho, aprofundando o estudo com os dados do interior, acreditamos poder melhor discutir a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953).

Por fim, apresentamos este estudo como inicial à pesquisa desses itens lexicais do campo semântico da vida urbana (QSL – ALiB), assim, a partir do estudo do interior do Brasil poderemos identificar quais variantes estão sendo fixados como elementos da via.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduep, 2013. (Livro eletrônico).
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas lingüístico do Paraná (ALPR)**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas lingüístico do Paraná: apresentação**. Londrina: UEL, 1996.
- ALVAR, Manuel. **Manuel de dialetologia hispânica: el espanhol da Espanha**. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1996.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira, gramática – vocabulário**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- AMAZON Live Journal. **Análise do fluxo de tráfego nas avenidas Darcy Vargas, Jacira Reis e rua Paxiuba na rotatória das letras em Manaus**. 2019. Disponível em: <http://www.ebanataw.com.br/drenagem/bocadelobo.htm>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editôra Delta S.A., 1958. v. 5.
- BARBOSA DOIRON, Maranúbia Pereira. **A motivação semântica respostas dos informantes do atlas lingüístico do estado do Alagoas**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, e Université Grenoble Alpes, Grenoble, 2016. 2 v.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1991.
- BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito. resolução nº 600, de 24 de maio de 2016. Estabelece os padrões e critérios para a instalação de ondulação transversal (lombada física) em vias públicas, disciplinada pelo parágrafo único do art. 94 do Código de Trânsito Brasileiro e proíbe a utilização de tachas, tachões e dispositivos similares implantados transversalmente à via pública. **Diário Oficial da União**: seção 1, edição 100, Brasília, DF, p. 93, 27 maio 2016. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22921408/do1-2016-05-27-resolucao-n-600-de-24-de-maio-de-2016-22921310. Acesso em: 15 fev. 2019.
- BRIGHT, William. As dimensões da cociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldora Tijuca LTDA, 1974.
- BUENO, Silveira. **Tratado de semântica brasileira**. 3.ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1960.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CLMais. **Lombadas físicas são implantadas na rua Portugal, no Guarujá.** 2018. Disponível em: <https://clmais.com.br/lombadas-fisicas-sao-implantadas-na-rua-portugal-no-guaruja/>. Acesso em: 8 fev. 2019.

COMITÊ NACIONAL do projeto ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil:** questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **O homem e a sua linguagem.** 2. ed. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mario Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas lingüístico topodinâmico do território incaracterístico.** 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. 2 v.

DETRAN. **Departamento de trânsito do Paraná.** 2018. Disponível em: <http://www.detran.pr.gov.br/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

DRENAGEM Urbana. **Boca de lobo.** 2009. Disponível em: <http://www.ebanataw.com.br/drenagem/bocadelobo.htm>. Acesso em: 30 jan. 2019

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** 3. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário de língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; FREITAS, Judith; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. **Atlas lingüístico de Sergipe (ALS).** Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* **Introdução à gramaticalização:** princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica.** 3. ed. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: DIFEL, 1980.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** 1 ed. – Rio de Janeiro: Objetiva 2009.

KRIEGER, Fernando. **Opinião: tinha uma calçada no meio do caminho.** 2019. Disponível em: <https://www.informeblumenau.com/opinio-tinha-uma-calcada-no-meio-do-caminho/>. Acesso em: 8 fev. 2019.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

LASTRAN. **Laboratório de Engenharia de Produção e Transporte.** 2018. Disponível em: http://www.producao.ufrgs.br/historiarotatoria.asp?cod_tipo=2. Acesso em: 30 jun. 2018.

MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. Reflexões acerca do conceito de língua como uma instituição social em William Dwight Whitney. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 46, p. 129-147, jun. 2013.

MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século xx por Antoine Meillet. **Linha d'Água**, v. 25, n. 2, p. 67-90, 2012.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MICHAELIS. **Dicionário prático de língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2001.

MONTES GIRALDO, José Joaquim. **Dialetología general e hispano americana**: orientación teórica, metodológica y bibliográfica. 2. ed. Bogotá, 1987.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, [1922], 1953.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

PLATÃO. 427-347 a.C. **Teeteto – Crátilo/ Platão**; 3. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. 2012. 466 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Bahia, Salvador, 2012.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. 2 v.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso historiográfico e metodológico da geolinguística. **Papéis**, Mato Grosso do Sul, v. 18, n. 35, p. 135-153, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SEABRA, Rodrigo; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLIn] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan./jun. 2014.

SCOTT, John. **Sociologia**: conceitos-chave. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1990.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

ULLMANN, Stephen. **Semântica** – uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Tradução de J.A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

YIDA, Vanessa. **O campo semântico da alimentação e cozinha do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)**: um estudo lexical nas capitais. 2011. 191 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ANEXOS

ANEXO A

Declaração do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB



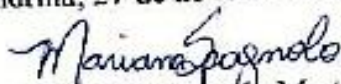
DECLARAÇÃO

Ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação, em nível de mestrado, intitulado *O campo semântico 'vida urbana' do questionário do projeto ALiB: a motivação semântica nos dados nas capitais brasileiras*, que desenvolvo sob a orientação da Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera, Diretora Científica do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), dados do *corpus* desse Projeto, declaro:

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do Projeto ALiB a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Linguístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Linguístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE da Orientadora.

Londrina, 27 de novembro de 2017


Mariana Spagnolo Martins

RG: 12.730.524-2 SSP-SP

CPF 088.759.859-52

REGISTRADO no Projeto ALiB sob nº

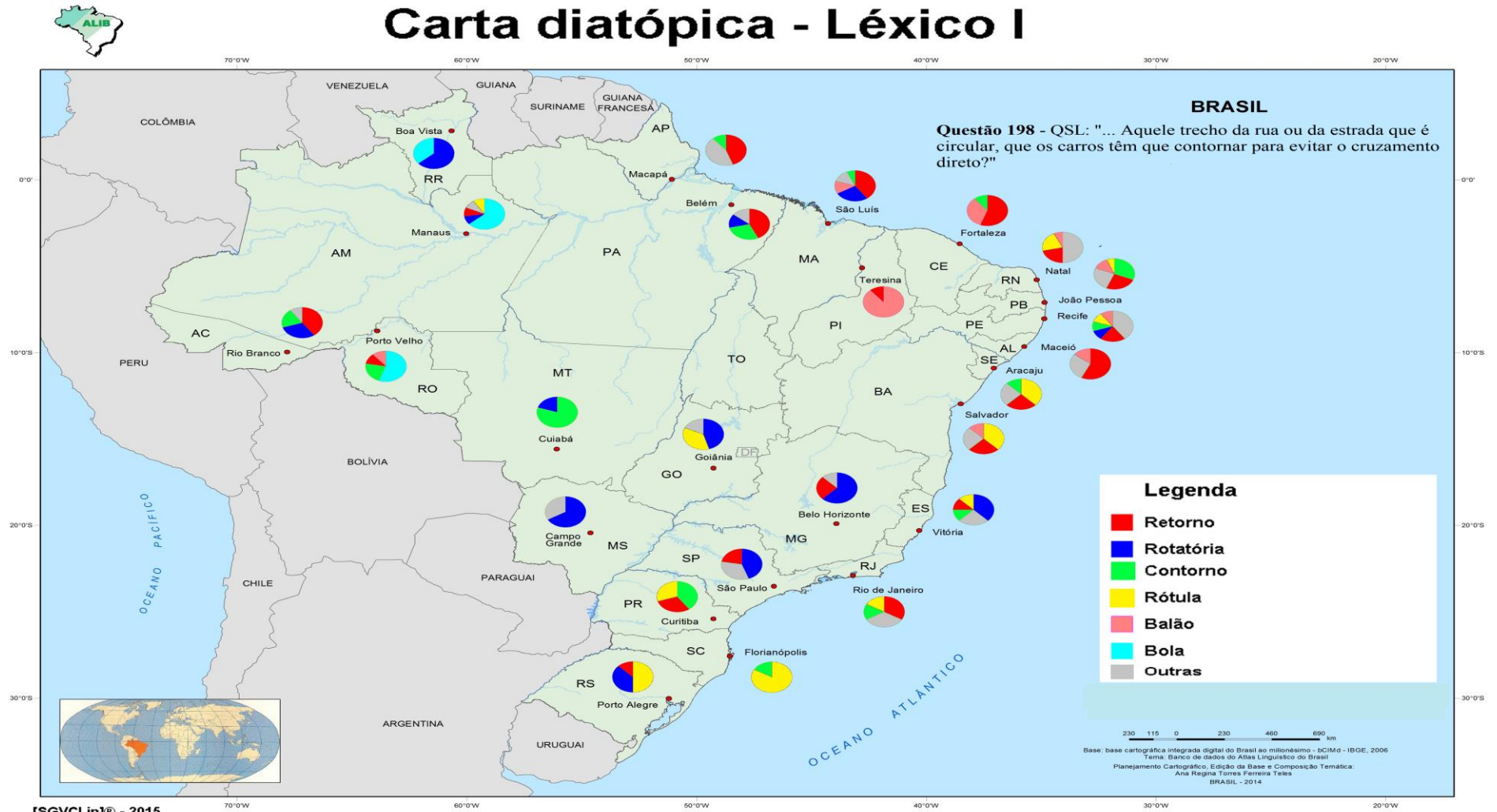
CIENTE:


Orientadora Prof.^a Vanderci de Andrade Aguilera
Diretora Científica

ANEXO B

Variantes registradas nas Capitais (Questão 198 – QSL/ALiB)

Carta diatópica - Léxico I



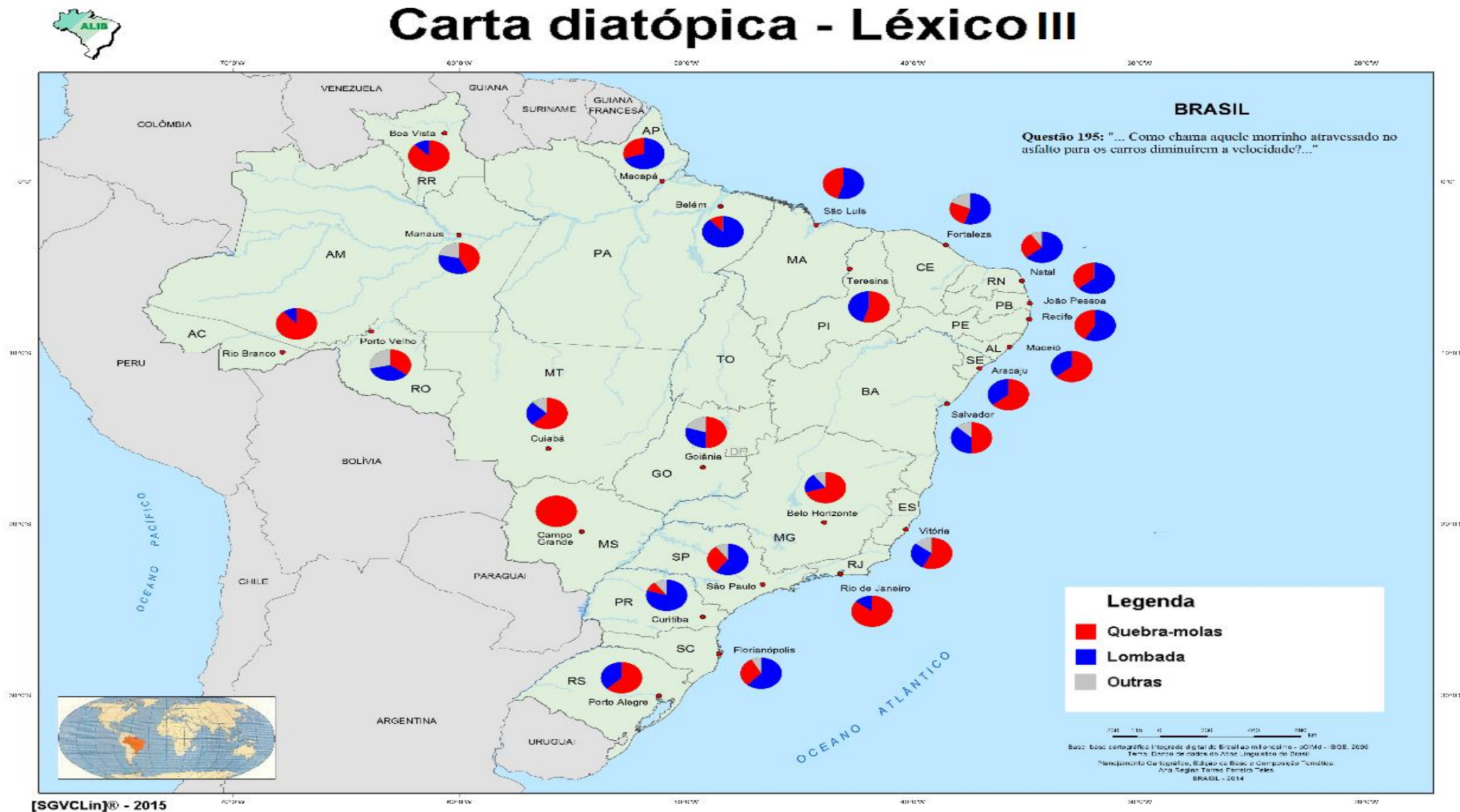
ANEXO C
Variantes registradas nas Capitais (Questão 197– QSL/ALiB)

Carta diatópica - Léxico II



ANEXO D
Variantes registradas nas Capitais (Questão 195– QSL/ALiB)

Carta diatópica - Léxico III



ANEXO F

Dimensão diasssexual - Capitais (Questão 198- QSL/ALiB)

Dimensão sexual - Léxico I

